



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**O CONVENTO E A CIDADE: a influência do Colégio Seráfico de Santo Antônio
(Ipuarana) na cidade de Lagoa Seca-PB (1942-1972)**

KELYANA DA SILVA LUSTOSA

CAMPINA GRANDE-PB

2014

**O CONVENTO E A CIDADE: a influência do Colégio Seráfico de Santo Antônio
(Ipuarana) na cidade de Lagoa Seca-PB (1942-1972)**

KELYANA DA SILVA LUSTOSA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr^o. Antônio Clarindo Barbosa de Souza.

CAMPINA GRANDE- PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

- L972c Lustosa, Kelyana da Silva.
 O convento e a cidade : a influência do Colégio Seráfico de Santo Antônio (Ipuarana) na cidade de Lagoa Seca – PB (1942-1972) / Kelyana da Silva Lustosa. – Campina Grande, 2014.
 90 f. : il.
- Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.
- "Orientação: Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza".
 Referências.
1. História Cultural – Lagoa Seca. 2. Ipuarana. 3. Memória.
 I. Souza, Antônio Clarindo Barbosa de. II. Título.

CDU 930.85(043)



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

KELYANA DA SILVA LUSTOSA

O CONVENTO E A CIDADE: a influência do Colégio Seráfico de Santo Antônio (Ipuarana)
na cidade de Lagoa Seca-PB (1942-1972)

Monografia avaliada em 11/09/2014 com o conceito 10,00.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza

Orientador

Prof. Dr. José Benjamin Montenegro

Examinador interno

Prof. Me. Cícero Agostinho Vieira

Examinador externo

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Poderoso Deus, primeiramente, por ser a força que me sustenta, a luz que me guia e o sentido que me leva a caminhar sempre em frente.

Aos meus pais, Antonio Alves Lustosa e Elizete Maria da Silva Lustosa, meus alicerces, que tanto amor e esforço têm me dedicado para que seja possível minha caminhada. E também a minha irmã Mariana Silva Lustosa, pois sem minha família não teria sido possível chegar até aqui.

Ao meu orientador, Antonio Clarindo Barbosa de Souza, pela sua disponibilidade em me orientar neste trabalho e pelas suas palavras de incentivo.

Aos professores do curso de História, que foram importantes para minha formação acadêmica, pelos conhecimentos transmitidos.

Aos colegas de curso, em especial, às minhas amigas, Karla Mayana e Tatyane Souza, companheiras de jornada, por terem estado sempre ao meu lado compartilhando alegrias e angústias ao longo desses quase cinco anos. Vocês são os maiores presentes que esse curso me deu.

Ao professor Cícero Agostinho Vieira, que além de constituir uma fonte oral da pesquisa, se dispôs a revisar esse texto, atuando como co-orientador durante todo o trabalho.

A todos os entrevistados, por aceitarem contribuir com esse estudo, gravando as entrevistas e disponibilizando fotografias de seus arquivos pessoais.

A minha ex-professora e historiadora, Elizângela Gerônimo dos Santos, pelas palavras de direcionamento no início desse projeto e pela referência que representou para mim, como exemplo a ser seguido.

Aos amigos franciscanos, Frei Dennys Santana, Frei Janael Vieira e Frei Marcos Osmar, pela ajuda na obtenção das fontes escritas deste trabalho. E também a Frei Anésio, testemunha histórica que constituiu importante fonte oral para o trabalho, por sua disponibilidade e atenção em me ajudar sempre que a ele recorri.

Ao meu namorado, Guilherme Lima, pela paciência, diante de minhas ausências e indisponibilidades, pelo apoio e incentivo nos momentos de crise, pelo auxílio na produção das fontes orais desta pesquisa e, principalmente, pelo carinho que me tem dedicado.

Em fim, obrigado a todos que, embora não citados, de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui. Mesmo sabendo que não é o fim da estrada, mas o início de uma longa caminhada, como já dizia o Marcelo Camelo: “é preciso força pra sonhar e perceber que a estrada vai além do que se vê”.

RESUMO

Este trabalho analisou a presença franciscana na localidade de Lagoa Seca, na Paraíba, por meio do Colégio Seráfico Santo Antônio, hoje conhecido como Convento Ipuarana. Para este estudo foram utilizadas fontes documentais do antigo Colégio Seráfico, edições da Revista Santo Antônio, livros de memória e, especialmente, das fontes orais, para refletir sobre experiência do Colégio Seráfico durante os 30 anos(1942-1972) em que funcionou no Convento de Ipuarana. Num primeiro momento, fez-se uma historicização do processo de restauração da ordem franciscana no Brasil, refletindo sobre a presença franciscana na Paraíba para compreender o “por quê” do Colégio Seráfico ter sido construído na localidade de Lagoa Seca. No segundo momento do trabalho, tratou-se de uma reflexão sobre a formação da cidade de Lagoa Seca e o papel cultural desempenhado pelo Colégio Seráfico de Santo Antônio- Ipuarana nessa localidade, tendo em vista que o funcionamento de uma instituição religiosa deve ser entendido, a partir de sua profunda imersão no contexto e na vida da sociedade em que se encontra inserida. No terceiro capítulo, exploramos, principalmente, as fontes orais e livros de memória, para refletir a respeito do cotidiano dos alunos e do projeto educacional-religioso do qual faziam parte. Momento em que se discutiram, também, os possíveis fatores que teriam levado ao fechamento do Colégio. As discussões se inserem no âmbito da História Cultural.

Palavras-chave: Ipuarana – memória – Lagoa Seca.

ABSTRACT

This paper analyzes the Franciscan presence in the town of Lagoa Seca, Paraíba, through the St. Anthony's Seraphic College, today known as Ipuarana Convent. Documentary sources for the study of ancient Seraphic College, edits the Journal St. Anthony, memory books, and especially of oral sources are used to reflect on the experience Seraphic College during the 30 years (1942-1972) who worked in the Convent of Ipuarana. At first, makes a historicizing the restoration process of the Franciscan order in Brazil, reflecting on the Franciscan presence in Paraíba to understand the "why" of the Anthony's Seraphic College have been built in the town of Lagoa Seca. The second stage of this work it is a reflects on the formation of Lagoa Seca and the cultural role played by the St. Anthony's Seraphic College - Ipuarana this locality, in order that the operation of a religious institution should be understood, the it's deep immersion in context and in society in which it is inserted. The third chapter explores mainly oral sources and memory books, to reflect on the daily lives of students and the educational-religious project of which they were part. In the moment it also discusses the possible factors that have led to the closure of the College. The discussions into the context of Cultural History.

Keywords: Ipuarana - memory - Lagoa Seca.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I CAPÍTULO: UM OLHAR SOBRE A PRESENÇA FRANCISCANA NA PARAÍBA	14
1.1 Historicidade da Província Franciscana do Brasil : de Bardel(Alemanha) à Ipuarana-PB ..	16
1.2 Aliança com a Saxônia(Alemanha).....	17
1.3 Franciscanos na Paraíba	20
1.4 Lagoa Seca (Ipuarana): o lugar escolhido	22
II CAPÍTULO: LAGOA SECA: Uma história de uma cidade	27
2.1 A Cidade.....	29
2.1 O Convento.....	33
2.3 O Convento e a Cidade.....	41
III CAPÍTULO: IPUARANA POR DENTRO: memórias e histórias de uma experiência seráfica ...	50
3.1 Sobre os primeiros anos e os primeiros alunos de Ipuarana.....	54
3.2 Sobre como os jovens iam parar em Ipuarana.....	56
3.3 Sobre como se organizava o currículo do Colégio Seráfico de Santo Antônio.....	61
3.4 Sobre a rotina: disciplina e diversão.....	70
3.5 Mente sã, corpo são: sobre os esportes em Ipuarana.....	75
3.6 Os anos 60 e o Concílio Vaticano II.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	88

LISTA DE IMAGENS

Figura 1- O Colégio Seráfico de Santo Antônio a 12 de agosto de 1940	34
Figura 2- Trabalhando na construção do muro de trás do Convento.	38
Figura 3- Assentamento de tijolos no claustro do Convento	39
Figura 4- Celebração eucarística em comunidade rural de Lagoa Seca.....	44
Figura 5- Primeira Comunhão em comunidade rural de Lagoa Seca, já com os alunos seminaristas auxiliando nessa tarefa.	45
Figura 6- Antigo grupo Escolar São José, primeira escola pública de Lagoa Seca.	48
Figura 7- Aula de matemática.	62
Figura 8- Coral de Ipuarana.	65
Figura 9- Coral de Ipuarana	66
Figura 10- Sala de aula de Ipuarana.....	71
Figura 11- Alunos de Ipuarana em passeio na praia.	74
Figura 12- Exibição de ginástica dos alunos de Ipuarana.....	76
Figura 13- Vista aérea do campo de futebol de Ipuarana.....	78
Figura 14- Um dos times de futebol da década de 50.....	79
TABELA 1- Número de alunos de Ipuarana	79

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar a presença franciscana na localidade de Lagoa Seca-PB por meio do Colégio Seráfico Santo Antônio, hoje conhecido como Convento Ipuarana. Entendemos que o funcionamento de uma instituição religiosa, como qualquer outra, deve ser analisado, a partir de sua profunda imersão no contexto e na vida da sociedade onde se encontra inserida – na interação cultural, na troca de saberes, nas relações humanas, de poder e de serviço entre esta instituição e a sociedade à qual pertence – pretende-se aqui estudar a experiência do Colégio Seráfico durante os 30 anos(1942-1972) em que funcionou no Convento Ipuarana, buscando entender, também, os reflexos da presença dessa instituição na localidade de Lagoa Seca, à época, um pequeno povoado, que se desenvolveu a ponto de separar-se de Campina Grande, sendo emancipado como cidade em 1964.

As motivações para a escolha do tema e realização do presente estudo fundamentam-se no fato ser natural da cidade Lagoa Seca e verificar a ausência de historiografia relativa a essa cidade. Lagoa Seca é alvo de muitas pesquisas referentes aos recursos naturais, que abordam objetos como o uso agrícola do solo e as produções orgânicas, que são destaques na região. No entanto, não se constatam, com a mesma ênfase, estudos que abordem os aspectos históricos e culturais do município. A religiosidade se constitui em aspecto forte na cultural local, o que se verifica na presença de uma gruta com a imagem da Virgem dos Pobres que é ponto de peregrinação, além de Casas religiosas como o Centro Marista, a chácara Mariama e o Convento Ipuarana, que é o objeto do estudo que aqui se faz.

Entendo a relevância de escrever sobre o Seminário de Ipuarana pela necessidade de registrar sua história e na intenção de contribuir com a produção historiográfica sobre a cidade de Lagoa Seca tendo em vista a influência dessa instituição para a formação cultural da sociedade lagoasequense e a escassa bibliografia sobre essa cidade. Como historiadora, tenho interesse em preservar a memória histórica e cultural da sociedade da qual faço parte e me proponho a produzir um trabalho acadêmico que discuta os reflexos de uma instituição prestes a completar 75 anos de existência dentro de uma cidade que tem 50 anos de emancipação política.

É, portanto, motivada pelo interesse em estudar algum aspecto relativo à cidade de Lagoa Seca e inspirada pelas histórias que se contam sobre os tempos áureos de Ipuarana, que me lanço nessa pesquisa, com o intuito de contribuir com a cultura história do lugar onde vivo, valorizando as memórias. Tal intuito, diz respeito à curiosidade de desvendar e explorar contextos sociais contemporâneos pouco estudados, mas que constituem marcas em nossa identidade cultural e social. Bem mais que saudosismo, estudar Ipuarana se faz necessário porque permite enxergar bem mais sobre a sociedade ao seu redor, bem como sobre as experiências dos inúmeros alunos que por ali passaram.

As fontes utilizadas para realização deste trabalho são, primordialmente, orais. A história oral é entendida, aqui, como um método de pesquisa que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo. Acredito que a história oral é conveniente na medida em que abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente ao possibilitar diferentes “versões” sobre determinada questão. A respeito desse método-fonte-técnica Verena Alberti diz que “trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. a luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam.”¹ E destaca que o emprego da história oral como método deve levar em conta algumas especificidades como o fato de que só pode ser empregada em pesquisas sobre temas recentes, que a memória dos entrevistados alcance, bem como o fato de que o trabalho com a história oral constitui, desde o início, uma produção intencional de documentos históricos.

Neste sentido, são realizadas entrevistas com quatro ex-alunos e um ex-professor do Colégio Seráfico de Santo Antonio; três antigos moradores da cidade de Lagoa Seca, dois dos quais prestaram serviços no convento e um, que morou no convento por um ano como candidato à irmão leigo; e também, um frade que à 63 anos reside no Convento Ipuarana.

As entrevistas de história oral têm sentido na medida em que fazem parte de todo um conjunto de documentos que permitem compreender como indivíduos experimentam e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. De modo que documentos escritos, imagens e outros tipos de registros são

¹ ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**, 3 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.p.18.

indispensáveis nessa reconstituição da memória pela oralidade. Neste sentido, além das fontes orais, a Revista Santo Antonio, uma revista de circulação interna da Província de Santo Antônio do Brasil, com sede em Recife-PE, e que traz, em algumas de suas edições, artigos escritos por estudiosos da Ordem Franciscana, constitui uma importante fonte escrita nesta pesquisa – aliás, uma das poucas fontes –, onde foi possível encontrar informações a respeito da história da Província e da implantação do Colégio Seráfico em Lagoa Seca. Além da revista, faço uso de estatutos e regras internas encontrados nos arquivos da instituição que revelam aspectos do cotidiano do Colégio.

Também são fundamentais livros de memórias escritos por ex-alunos. Na utilização desse tipo de fonte, é preciso lembrar que as memórias escritas, como todo texto, não se tratam da memória pura do passado, muito menos do passado em si, como Rousso destaca.

Um indivíduo quer fale espontaneamente de seu passado e de sua experiência (publicando, por exemplo, suas memórias), quer seja interrogado por um historiador (tornando –se assim testemunha ou ator da história), não falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre esse passado que ele pretende recuperar com sinceridade e veracidade.²

Diante de um objeto de estudo, praticamente inexplorado, é preciso atentar que, pelo fato de a maioria das informações obtidas partirem de pessoas ligadas ao Convento, estas, geralmente enfatizam a importância dessa instituição nas suas vidas e suas falas fazem parte de um discurso coerente que emana de uma memória compartilhada, como explica Danièle Voldman :

Depoimentos dos membros de grupos que construíram no decorrer de anos, com ou sem a ajuda de um suporte associativo, de uma memória como história própria, têm uma coerência e uma estruturação rígidas, que demandam uma grande vigilância se quisermos superar seu aspecto reconstruído e estereotipado.³

É a memória o objeto principal no trabalho com as fontes orais e, portanto, os estudos da memória são fundamentais para conduzir as reflexões, neste trabalho como em qualquer outro que utilize dessa metodologia. De acordo com a definição de Jacques Le Goff,

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode

² Henry Rousso. **A memória não é mais o que era.** In: Usos e abusos da história oral. Organizadoras Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado. Editora Fundação Getúlio Vargas. 8ª edição, 2006. p.p. 94-95

³ Danièle Voldman. **Definições e usos.** Jean-Jacques Becker. In: Usos e abusos da história oral. Organizadoras Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado. Editora Fundação Getúlio Vargas. 8ª edição, 2006. P.40

atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.⁴

Mas, a memória é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Neste caso, em especial, onde se busca uma reflexão sobre a memória de um grupo social específico, a saber, frades franciscanos e estudantes seminaristas, é preciso considerar que a memória de um pode ser a memória de muitos, indo na direção do pensamento de Maurice Halbwachs, em que a memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”⁵, ou seja, toda memória, além de individual, é também coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. Pois, a referência ao passado serve, também, para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade. Como Henry Rousso lembra, “se o caráter coletivo de toda memória individual nos parece evidente, o mesmo não se pode dizer da ideia de que existe uma ‘memória coletiva’, isto é, uma presença e portanto uma representação do passado que sejam compartilhadas nos mesmos termos por toda uma coletividade.”⁶

Este trabalho se insere no campo da História Cultural que, de acordo com a definição do historiador francês Roger Chartier (1990), “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.⁷ Mas, cultura é um conceito extremamente polissêmico, de modo que Peter Burke lembra que “não há concordância sobre o que constitui história cultural, menos ainda sobre o que constitui cultura”⁸.

A História Cultural trata de uma nova forma de trabalhar a história, que nos permite valorizar fontes que nem sempre foram apreciadas pela chamada “história oficial”, como os relatos orais e as fotografias, no estudo das sociedades. A abordagem de novas fontes permite inovar também nos métodos, de modo que se torna possível contar a história de uma

⁴ LE GOFF, Jacques. História e Memória. 3ª edição, editora UNICAMP, 1994. P.423.

⁵ Citado por Juliana Pinto Carvalhal em **Maurice Halbwachs e a questão da Memória**. Revista Espaço Acadêmico, nº56, janeiro/2006. Disponível em: : <http://www.espacoacademico.com.br/>

⁶ **Henry Rousso. A memória não é mais o que era**. In: Usos e abusos da história oral. Organizadoras Marieta de Moraes Ferreira e Janaina Amado. Editora Fundação Getúlio Vargas. 8ª edição, 2006.p.95.

⁷ CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Glahardo. Editora Bertrand Brasil. 1990. P.p.16-17

⁸ BURKE, Peter. Variedades de História Cultural. 1937 -3 ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.13

instituição por meio das memórias de quem fez parte dela⁹, que é o que se pretende neste estudo: refletir, com base na história oral, a história do Colégio Seráfico Santo Antônio-Ipuarana, buscando compreender seu papel na sociedade local. Neste caso, o uso de fotografias, além de complementar o processo de construção de uma memória histórica a respeito do objeto em questão, se apresenta, também como uma fonte que deve ser problematizada, pois, não evoca o passado vivido em si, mas uma versão do passado que foi vivido.

Partindo desses pressupostos, se verifica aqui, também, a intenção de contribuir com a história local do município de Lagoa Seca, cuja historiografia, bastante escassa, conta apenas com um livro publicado por uma historiadora lagoasequense. O livro, intitulado *Tarimba*, foi publicado como resultado das pesquisas realizadas para a monografia de especialização da autora, onde ela mapeia os aspectos históricos e culturais da cidade de Lagoa Seca desde primórdios até o ano de 1969. Tal livro constitui em bibliografia fundamental para a realização do segundo capítulo deste trabalho, onde se propõe relacionar o Colégio Seráfico com a sociedade local.

Para as análises referentes à cidade de Lagoa Seca são fundamentais as considerações do historiador José D'Assunção Barros em seu livro *Cidade e História*, ao explicar que um estudo do fenômeno urbano deve atentar para os múltiplos fatores que o compõem. Analisar a cidade como um elemento da história cultural é percebê-la, não somente nas suas funções, mas no papel social de grupos, nos seus aspectos culturais, ritos e seu universo simbólico.

Assim, se privilegia neste estudo, uma apreciação do fator cultural desempenhado por uma instituição religiosa (Convento e Colégio Seráfico de Santo Antônio) na vida de uma cidade em formação (Lagoa Seca), entendendo o funcionamento do Colégio Seráfico para além da religiosidade, logo, considerando o fator religioso como um espaço de produção cultural e de representações sociais. Uma vez que a religião é algo social e corresponde a determinadas condições históricas das sociedades, importa, neste caso, não tanto fazer uma abordagem das expressões religiosas dos habitantes de Lagoa Seca, mas sim, refletir como o desenvolvimento da cidade esteve atrelado ao desenvolvimento do Convento franciscano e o papel dos franciscanos na vida dessa sociedade. Assim, considerando que as crenças e práticas religiosas serviriam como meios culturalmente determinados de manter e regular relações humanas e analisar as relações estabelecidas entre o Convento e a Cidade.

O trabalho está dividido em três capítulos.

⁹ Isso não quer dizer que as fontes escritas oficiais são dispensadas, muito pelo contrário, elas são largamente utilizadas neste estudo.

No primeiro capítulo, **“Um olhar sobre a presença franciscana na Paraíba”**, busco fazer uma historicização do processo de restauração da ordem franciscana no Brasil, refletindo, especificamente, a presença franciscana na Paraíba para compreender o “por quê” do Colégio Seráfico, idealizado pelos franciscanos para formar frades brasileiros, ter sido construído na localidade de Lagoa Seca. O Colégio Seráfico de Santo Antônio de Ipuarana representa um marco de grande importância na história da restauração da Província Franciscana no Brasil. Por isso, para entender a significação que esse Seminário teve na região, durante o período em que esteve ativo, é preciso entender o contexto e as condições históricas que condicionaram sua existência, no sentido de salientar alguns aspectos dessa história que possibilitem uma breve análise dos momentos da Província de Santo Antônio entre a crise e a restauração, com o auxílio da Província alemã da Saxônia, até a construção de Ipuarana. As fontes a serem utilizadas nesse capítulo são algumas edições da revista SANTO ANTONIO, além de entrevista concedida por um frade residente no Convento de Ipuarana.

No segundo capítulo, **“LAGOA SECA: Uma história de uma cidade”**, o objetivo é refletir sobre a cidade de Lagoa Seca, sua formação e o papel religioso/cultural desempenhado pela presença do Colégio Seráfico de Santo Antonio - Ipuarana nessa localidade, tendo em vista que o funcionamento de uma instituição religiosa deve ser entendido, a partir de sua profunda imersão no contexto e na vida da sociedade onde se encontra inserida. Assim, me sirvo, nesse segundo capítulo, de entrevistas realizadas, tanto com ex-alunos do Colégio, como de antigos moradores de Lagoa Seca. Num primeiro momento do capítulo, se discute o processo de constituição urbana de Lagoa Seca; num segundo momento, a constituição do Colégio Seráfico nessa localidade e, por fim, os pontos de contato entre a comunidade estabelecida no Seminário de Ipuarana e a população de Lagoa Seca, no sentido de compreender as influências da presença dessa instituição no espaço e na sociedade local.

O terceiro capítulo deste trabalho, **“IPUARANA POR DENTRO: memórias e histórias de uma experiência seráfica”**, explora, principalmente, as fontes orais e livros de memória, com o objetivo de refletir a respeito do cotidiano dos alunos e do projeto educacional religioso do qual faziam parte. Nesse momento do estudo, também busco discutir, com base nos dados apresentados na revista SANTO ANTONIO, os possíveis fatores que teriam levado ao fechamento do Colégio.

I CAPÍTULO

UM OLHAR SOBRE A PRESENÇA FRANCISCANA NA PARAÍBA

I CAPÍTULO

UM OLHAR SOBRE A PRESENÇA FRANCISCANA NA PARAÍBA

O Colégio Seráfico de Santo Antônio ou Ipuarana representa um marco de grande importância na história da restauração da Província¹⁰ Franciscana no Brasil. Por isso, para entender a significação que este Seminário teve na região, durante o período em que esteve ativo, é preciso entender o contexto e as condições históricas que condicionaram sua existência. Primeiramente, refletir um pouco sobre a historicidade da presença franciscana na Paraíba, considerando as principais etapas de sua atuação missionária na sociedade paraibana. Acredito que não cabe aqui refazer o itinerário franciscano no Brasil durante os cinco séculos de sua presença na formação da sociedade brasileira, mas sim destacar/ salientar alguns aspectos dessa história que possibilitem uma breve análise dos momentos da Província de Santo Antônio entre a crise e a restauração, com o auxílio da Província alemã da Saxônia, e a construção do Colégio de Bardel¹¹, que antecederam Ipuarana. A esse respeito são de grande valia as informações fornecidas por estudiosos franciscanos, como o historiador franciscano Frei Hugo Fragoso¹², que oferece grande contribuição com seus estudos sobre a história vocacional no Brasil, através de vários artigos publicados na Revista SANTO ANTONIO, aos quais farei menção ao longo do capítulo.

¹⁰ O termo Província, neste caso, não refere-se à divisão territorial-administrativa que por muito tempo correspondeu ao que chamamos hoje de Estados no Brasil. A Província Franciscana é uma circunscrição religiosa que designa um conjunto de conventos que constituem uma unidade com governo autônomo. O respectivo superior regional chama-se provincial. A Província-Mãe do Brasil estava dividida em dois blocos: um no sul, que era a província de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, a qual eram subordinados os conventos situados do Espírito Santo ao Extremo sul do país; e outro, no norte, que é a Província de Santo Antônio, indo do Pará até a Bahia.

¹¹ Colégio Seráfico de Bardel, na Alemanha, inaugurado em 1923, foi construído especificamente com a finalidade de enviar missionários para o Brasil. Seu fechamento, em 1939, foi decisivo para o projeto que daria origem a Ipuarana.

¹² Frei Hugo Fragoso, ofm, natural da cidade de Teixeira, na Paraíba, é formado em Filosofia e Teologia e Mestre em História da Igreja. Profundo conhecedor da História da Igreja no Brasil e da Província de Santo Antônio.

1.1 Historicidade da Província Franciscana do Brasil: de Bardel(Alemanha) à Ipuarana-PB

Sabe-se que a presença franciscana em terras brasileiras remonta ao período colonial, sendo inicialmente de caráter missionário, mas com o tempo foi se estabelecendo uma presença acentuadamente conventual, principalmente na região Nordeste, onde se verifica, desde o início preocupação com a questão educacional.

Os franciscanos estabeleceram-se na Capitania da Paraíba em 1589, convidados pelo Capitão-Mor, Frutuoso Barbosa. Iniciaram no mesmo ano, a construção do Convento de Santo Antônio (hoje Centro Cultural São Francisco) visando infraestruturar a Ordem para a catequese dos indígenas. Assim, a primeira atividade que os franciscanos desenvolveram na Paraíba foi a catequização dos índios, o que abarcava também o ensino, pois, recomendava-se aos missionários, depois de bem instruir nos princípios da fé, aqueles índios, ensiná-los a ler e escrever. Tal orientação se justifica pelo fato de que os interesses espirituais e político econômicos, tanto da Coroa, como dos religiosos, se entrelaçavam no projeto missionário. Quanto ao ensino externo, após o fim das missões, aponta-nos Frei Hugo Fragoso em um artigo publicado na edição de dezembro de 1980 da Revista SANTO ANTONIO, uma atividade de ensino dos franciscanos na Paraíba por volta de meados de 1700:

Os documentos nos dão conta de uma série de professores de gramática no Convento da Paraíba, porém sem especificar se se tratava de aulas para os seminaristas franciscanos ou para os filhos dos moradores: Frei Nicolau do Paraíso, guardião do convento de S. Antonio da Paraíba de 1730 a 1732; Frei José de Belém, superior da casa de 1735 a 1736; Frei Manoel de S. Maria dos Anjos, que faleceu na capital paraibana em 1752; Frei Jerônimo de Jesus Maria, que igualmente findou seus dias no mesmo convento 1754¹³

No entanto, o mesmo Fragoso esclarece que o ensino não era sentido como a missão específica da ordem dos Frades Menores:

Quando em algum contexto local, eram chamados a uma atividade supletiva no setor de ensino, eles procuravam o mais possível restringir-se ao ensino das primeiras letras, como a prestação de serviço às classes menos favorecidas (como era o caso dos índios). Igualmente, quando algum franciscano era chamado a prestar externamente sua colaboração no ensino superior, era sempre um serviço de caráter pessoal, e não uma orientação geral da Ordem.¹⁴

¹³ FRAGOSO, Frei Hugo. Presença Franciscana na Paraíba. In: Revista SANTO ANTONIO, Dezembro 1980, Nº98. p.62

¹⁴ FRAGOSO, Frei Hugo. Presença Franciscana na Paraíba. In: Revista SANTO ANTONIO, Dezembro 1980, Nº98. p.62

Convém lembrar que, durante o período das missões a ordem responsável pelo ensino na colônia era a dos jesuítas, e talvez por isso, os franciscanos não vissem tal atividade como sua missão, mesmo assim, a presença franciscana se afirmou na Paraíba para além das paredes dos conventos .

Ainda segundo Fragoso, houve três marcas da presença franciscana na Paraíba, sendo cada uma representada pelas três Casas franciscanas de João Pessoa: o Convento de Santo Antônio¹⁵, representando mais o aspecto da presença missionária e conventual; a Escola Apostólica de São Pedro Gonçalves¹⁶, lembrando mais a presença cultural, e o Convento de N. Sra. Do Rosário¹⁷, sendo expressão mais da presença pastoral. Ele também encara a ação dos frades menores na Paraíba como uma presença de afirmação nacional.

Tendo como apoio essas três casas, os franciscanos atuaram ativamente entre a população paraibana. Acontece, porém, que em virtude das leis restritivas do Marquês de Pombal que proibiu a aceitação de noviços, sem licença real e, posteriormente, proibiu a abertura de noviciados no Brasil, a comunidade franciscana teve uma grande redução e a Província de Santo Antônio do Brasil entrou em crise, sendo reduzida a pouco mais de uma dezena de frades. Crise que reflete também na Paraíba, onde a presença franciscana ficará interrompida por espaço de uns 25 anos aproximadamente. Segundo Frei Hugo Fragoso, dos 13 conventos que possuíam os franciscanos no seu apogeu de florescimento, 9 tinham sido abandonados; 3 outros eram habitados por apenas um religioso, e somente o de Salvador contava com mais de um franciscano.

1.2 Aliança com a Saxônia (Alemanha)

Com a proclamação da República, ocorre uma pequena abertura quanto à entrada de religiosos estrangeiros, que é aproveitada pelos franciscanos para buscar auxílio de fora no sentido de restaurar a Província brasileira. Neste sentido, conseguiram firmar um compromisso com os franciscanos alemães da província de Santa Cruz da Saxônia, para unirem-se aos brasileiros. Compromisso esse concretizado oficialmente a 2 de março de

¹⁵ O Convento de Santo Antonio foi a primeira Casa dos franciscanos na Capitania da Paraíba tornando-se o sustentáculo da ação missionária dos franciscanos a partir de 1593, quando começou a ser construído.

¹⁶ O convento de São Pedro Gonçalves foi inaugurado em 1919, e dez anos depois(1929), foi escolhido para seminário franciscano, atuando como Colégio Seráfico até 1942, quando os alunos foram transferidos para Ipuarana.

¹⁷ O convento de Nossa Senhora do Rosário começou a ser construído em junho de 1927 e quando o convento de S. Pedro Gonçalves começa a funcionar como Colégio seráfico, a comunidade franciscana se transferiu para esta nova casa, que teve por fim principal a intensificação das obras apostólicas na capital paraibana

1893 numa Congregação Capitular, em Salvador, evento que é considerado e celebrado como o marco inicial da Restauração da vida franciscana no Brasil. Encontra-se nesse compromisso a explicação para o fato de a presença franciscana em nossa região ter se efetivado sob a influência alemã, como bem exemplifica o Seminário de Ipuarana que vai ser fundado por frades alemães.

De acordo com frei Honório Rito¹⁸, uma das razões do porque a tarefa de restauração da Província Brasileira ter sido confiada à Província de S. Cruz da Saxônia é que naquele momento de sua história, a Saxônia estava em melhor situação do que muitas outras províncias da Ordem. Apesar de também haver passado por um período de crise, no fim do século XVIII, até meados do século XIX, a partir de 1843, a citada província fundou numerosos conventos, expandindo-se ainda para outras partes do mundo, China, Japão, América do Norte e para o Brasil, onde restaurou as duas províncias franciscanas que estavam a ponto de se extinguirem.

Sob o regime republicano, introduz-se no Brasil a separação entre Estado e Igreja que significou liberdade religiosa no país, e, sem precisar recorrer ao pretexto “Missão de índios”, a Província agora independente e, contando com a ajuda da Alemanha, que passa a enviar vários religiosos para o Brasil, a Província vai empreender o projeto de restauração, partindo da questão que considerava mais urgente: o recrutamento de vocações franciscanas para a Província.

Cabe destacar as dificuldades que os religiosos estrangeiros recém-chegados deviam enfrentar para conhecer a língua portuguesa, adaptar-se ao clima, à vida e aos costumes novos e diferentes. Segundo o Provincial, Frei Honório Rito, em artigo publicado na Revista Santo Antonio, uma provação particular atingiu os frades alemães ainda nos primeiros anos de sua missão no Brasil: a epidemia de febre amarela que assolou a população no início de 1896 e fez diversas vítimas entre os frades. Informa-nos o provincial: “No mês de fevereiro de 1896 10 confrades, todos jovens entre 20 e 32 anos, sucumbiram à epidemia, 5 no convento da Bahia e 5 no convento do Recife”¹⁹

¹⁸ RITO, Frei Honório. O significado de uma comemoração. In: SANTO ANTONIO. Revista da Província Franciscana de Santo Antonio do Brasil. ano59, dezembro de 1981, nº99. P.15

¹⁹ RITO, Frei Honório. O significado de uma comemoração. In: SANTO ANTONIO. Revista da Província Franciscana de Santo Antonio do Brasil. ano59, dezembro de 1981, nº99. P.17.

Além das epidemias, convém lembrarmos a onda de anti-germanismo que se espalha pela população em virtude da beligerância entre o Brasil e a Alemanha, a partir de 1917, quando o Brasil entra na Primeira Guerra Mundial contra a Alemanha.²⁰

O projeto de restauração da ordem franciscana no Brasil não significaria uma substituição dos antigos franciscanos brasileiros pelos franciscanos alemães, por isso havia toda uma preocupação com a integração dos religiosos estrangeiros à realidade brasileira: exigia-se que os franciscanos restauradores emitissem os votos em mãos de Provincial brasileiro e que se naturalizassem cidadãos brasileiros.²¹

Considerando o número de religiosos existentes, em 1901 a Província de Santo Antônio assume a sua autonomia diante da Província da Saxônia e um dos argumentos para que isso ocorresse era possuir um Colégio Seráfico no Brasil²². De 1901 a 1922, a Província da Saxônia (Alemanha) continuou enviando clérigos, sacerdotes e irmãos para o Brasil, entretanto, não se podia esperar apenas ajuda externa, pois urgia a necessidade de recrutamento entre os brasileiros. Neste sentido, com a restauração, começou um movimento no intuito de conseguir novas vocações nacionais e uma das principais medidas adotadas foi a construção de novos centros que promovessem as vocações, os chamados Colégios Seráficos.

No início do século XX, houve algumas tentativas de fundar um Colégio Seráfico no Brasil, inicialmente em Salvador(1900), depois em São Cristovão, em Sergipe(1903), e Vila de São Francisco, no recôncavo baiano(1907-1908) que se mostraram frustradas, dentre outros fatores, porque não havia número suficiente de padres professores disponíveis naquela Província.

Com o fechamento do Colégio seráfico de Vila de São Francisco, a Província de Santo Antônio do Brasil, então, passa a olhar novamente para a Alemanha como a verdadeira esperança de garantia de sua sobrevivência.

Em contrapartida, na Alemanha, desde 1915 começam esforços para fundar um colégio Seráfico que se destinasse, especialmente, à preparação de religiosos para enviar ao Brasil, mas parece que o plano não surtiu resultados práticos, pois só em 1922 é que se inicia a construção do dito colégio em Bardel. Na edição comemorativa da revista de Santo Antonio

²⁰ Falarei sobre isto mais a frente (capítulo 20), citando o caso ocorrido em Ipuarana em que um grupo de campinenses quiseram perseguir os frades alemães lá residentes, mas foram impedidos pela população lagoasequense.

²¹ FRAGOSO, Frei Hugo. **Os 40 anos que precederam Ipuarana**: contribuição para o estudo da História vocacional no Brasil. Separata da Revista SANTO ANTONIO. Ano 59 – dezembro de 1981- n° 99. P.36

²² Decreto de Restauração da Província de S. Antonio, 14-IX-1901, citado por Frei Hugo Fragoso in: **Os 40 anos que precederam Ipuarana**: contribuição para o estudo da História vocacional no Brasil. Separata da Revista SANTO ANTONIO. Ano 59 – dezembro de 1981- n° 99. P. 37.

pelos 25 Anos de Ipuarana, a 1ª Guerra Mundial é apontada como um motivo para tal demora, a situação política com o prolongamento da guerra iniciada em 1914 dificultava as coisas.

Ainda sem o acabamento necessário, em 06 de agosto de 1923, o Colégio de Bardel é inaugurado com bênção litúrgica e, no dia seguinte, começaram as aulas. Um ano depois seguiam para o Brasil os primeiros seis noviços Clérigos, alunos do Colégio de Bardel para fazerem seu noviciado em Olinda, aos quais se juntaram os clérigos-noviços, frei Hildebrando Krutkaup e frei Manfredo Pantenburg²³, que já haviam feito a maior parte de seu noviciado em Warendorf. Nos anos seguintes, várias turmas de clérigos chegavam ao Brasil vindos da Alemanha, e o desenvolvimento do Colégio Seráfico de Bardel aumentava o número de religiosos na Província brasileira.

1.3 Franciscanos na Paraíba

A presença franciscana na Paraíba foi um prolongamento da presença franciscana no Brasil, e de modo especial, no Nordeste brasileiro. Não foi algo que se deu separado ou exclusivo, mas decorrente de todo um processo.

Frente às tentativas fracassadas de cultivar vocações nativas, os restauradores (como eram chamados os clérigos responsáveis pelo empreendimento de restauração da Província) já não estavam tão otimistas, mas voltaram-se agora para tentativas no Nordeste. Os Seminários tentados na Bahia e em Sergipe não tinham logrado sucesso. No entanto, os repetidos apelos da Igreja vinham sempre lembrando o dever por parte dos franciscanos restauradores de se esforçarem mais no cultivo das vocações nativas.

Em Canindé, no Ceará, o Santuário de São Francisco, antes dirigido pelos frades capuchinhos, havia passado às mãos dos franciscanos menores em 1923, e passa a funcionar como Colégio Apostólico Diocesano-Seráfico, que desempenhava a função de uma espécie de Escola Apostólica, que preparava alunos a serem encaminhados ao Colégio Seráfico do Rio Negro, no Paraná. De acordo com Frei Hugo Fragoso²⁴, esse educandário representa um primeiro lampejo de esperança na história das vocações brasileiras da Província de Santo Antonio, embora reconheça sua insuficiência, pois, Canindé atingia apenas os jovens do norte da Província; Pernambuco e Bahia exigiam uma solução local. Solução essa vai ser buscada

²³ Frei Manfredo Pantenburg foi um dos três primeiros fundadores da comunidade franciscana em Ipuarana.

²⁴ FRAGOSO. Frei Hugo. *Os 40 anos que precederam Ipuarana*: contribuição para o estudo da História vocacional no Brasil. *Separata da Revista SANTO ANTONIO*. Ano 59 – dezembro de 1981- nº 99.

na Paraíba, que aparece numa posição mais central para o Nordeste. Argumenta Frei Hugo Fragoso:

Os empreendimentos até então levados a efeito, tinham sido concentrados quase exclusivamente na Bahia, sem contar com a ligeira experiência em São Cristóvão. No entanto, o vasto Nordeste brasileiro com suas extensas regiões sertanejas, de um intenso espírito e de uma boa organização da família, apresentava sólidas esperanças de uma colheita vocacional. Canindé, em poucos anos, já vinha demonstrando que valia a pena fazer no Nordeste propriamente dito uma tentativa²⁵

Neste sentido, funda-se o Colégio Seráfico no convento São Pedro Gonçalves, em João Pessoa, no ano de 1929, e Canindé passa a ser o principal fornecedor de alunos para este novo centro formador, que constitui a quarta tentativa feita pela Província na direção das vocações. A fundação do Colégio Seráfico de São Pedro Gonçalves pode ser considerado o primeiro passo real na direção de Ipuarana.

Inaugurado a 02 de fevereiro de 1929, a primeira turma de São Pedro Gonçalves era formada de 10 alunos, destes, 6 eram cearenses, 3 pernambucanos e 1 paraibano²⁶. Depois de iniciadas as aulas, entrariam ainda uns 05 novos alunos. O programa compreendia 4 anos de ginásio, após os quais os alunos eram enviados para o Colégio Seráfico de Bardel, na Alemanha, onde iriam concluir os estudos colegiais. Em abril de 1932, a primeira turma composta por quatro alunos – Renato Rolim (Frei Juvêncio), Edmilson Almeida, Luiz Andrade Cabral e José Trigueiro (Frei Feliciano) – embarcou para a Alemanha.

São Pedro Gonçalves funcionou como Colégio Seráfico de 1929 a 1941, tendo uma média anual em torno de 20 a 30 alunos. Destes, cerca de 20 chegaram ao sacerdócio²⁷. Posteriormente, com a fundação de Ipuarana, transferiu-se para lá, em 1942, o curso ginásial, e o Colégio de João Pessoa começou uma nova fase como seminário preparatório.

Enquanto isto, na Alemanha, a situação política e religiosa se tornava delicada por causa do regime nazista. Em 1º de abril de 1939, às vésperas da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o Colégio de Bardel é fechado. O fechamento do dito colégio alemão tem, portanto, grandes implicações para a comunidade franciscana brasileira, já que era de lá que provinham os religiosos para o Brasil. Neste sentido, surge a urgência em conseguir outra fonte de frades, foi idealizada a construção de outro Colégio Seráfico que atendesse às necessidades da Província, que além de acomodar os frades alemães fugidos da repressão

²⁵ Idem. Página 59.

²⁶ O predomínio dos cearenses observado em João Pessoa também se verificará em Ipuarana, como expressa o comentário do ex-aluno Ipuaranense José Mário, durante entrevista: “a maioria daqui era cearense, a vocação cearense era maior”.

²⁷ Dados informados por Frei Hugo Fragoso em *Os 40 anos que precederam Ipuarana*. In: **Revista Santo Antônio**, Ano 59, dezembro 1981, nº99, pp. 60-61

nazista, proporcionasse condições para se realizarem as atividades docentes, tal qual no colégio fechado da Alemanha. E os esforços se concentram no Brasil, mais especificamente no Nordeste brasileiro, para onde os olhos dos dirigentes da Província se voltaram, já que não poderiam mais contar com as vocações da Alemanha.

Esta direção de concentrar os esforços no Brasil é expressa pelo Pe. Provincial, Frei Pedro Westermann, em 1941:

Foi tomada essa decisão (de um seminário aqui na Província) à vista das dificuldades bastante grandes de chegarem até aqui religiosos do nosso Colégio Seráfico de Bardel, mas, sem dúvida alguma, foi ditada essa resolução, antes de tudo, pela compreensão bem clara que os dirigentes responsáveis da Província tinham o dever de fazer todo possível para incorporar ao organismo da Província elementos idôneos do próprio país; animando-os para essa definição de maior projeção a vontade do Santo Padre já por diversas vezes claramente manifestada²⁸

Começavam os planos e preparativos para a fundação de um grande seminário franciscano, que oferecesse possibilidades mais amplas que o pequeno Colégio Seráfico de João Pessoa, que tinha capacidade média de pouco mais de 30 alunos.

No Definitório provincial de 27 de janeiro de 1939, a direção da Província deliberou a construção de um novo Colégio Seráfico em lugar ainda a escolher e fixar. A construção de tal Colégio concretizaria uma ação mais intensiva e extensa para melhor resolver a questão das vocações franciscanas nacionais, mas era preciso encontrar o lugar ideal para instalá-lo. Mas o que seria um lugar ideal para a construção de um Seminário franciscano?

1.4 Lagoa Seca (Ipuarana): o lugar escolhido

Tomada a decisão de se construir uma Casa para abrigar o Colégio Seráfico da Província de Santo Antônio, o primeiro passo era encontrar um lugar apropriado. De acordo com PEREIRA (1999), o ideal seria uma localidade que satisfizesse a certas condições, como: estar próximo a uma cidade de maior porte – porém situado fora da cidade! –, de bom clima e, sobretudo, numa região onde se respirasse uma atmosfera católica, com uma população de bons costumes, famílias bem constituídas, etc. Um seminário destinado a formar padres necessita de certo isolamento, por isso a condição de estar fora da cidade, no entanto, ao mesmo tempo se afirma a necessidade de aproximação com uma cidade de grande porte, esta

²⁸ Circular 9-III-1941, citado por FRAGOSO, Frei Hugo. *Os 40 anos que precederam Ipuarana*. In: **Revista Santo Antônio**, Ano 59, dezembro 1981, nº99. P.62

condição deveria ter em vista que era preciso garantir o provimento da Casa e também viabilizar o acesso das pessoas que viriam dos vários lugares do Nordeste para estudar.

Uma comissão foi criada especificamente para resolver esta questão. Formada pelo Pe. Provincial, Frei Humberto, por Frei Matias Teves e por Frei Noberto Holl, tal comissão visitou locais em Garanhuns, Triunfo e Carpina (todos em Pernambuco), mas nenhum dos locais satisfazia plenamente aos padres. Porém, eis que aparece uma nova opção, em um estado vizinho: a Paraíba.

De acordo com a revista dos 25 anos de Ipuarana, todos já se inclinavam por terrenos na região de Carpina, quando chegou uma carta de frei Romualdo Krümpelmann, missionário na Paraíba, avisando a Frei Matias Teves que o vigário de Campina Grande, Monsenhor José Delgado, fazia uma oferta de conseguir um terreno bom, perto daquela cidade, e a preço vantajoso, para a construção do Colégio Seráfico²⁹.

Quando o padre de Campina, que era naquele tempo padre Delgado, tornou-se Dom Delgado depois, soube, e a região de Campina Grande já era uma cidade 'mais ou menos', bastante grande, soube dessa construção, que os franciscanos estavam procurando um local, aí foi bater no Recife.³⁰

De acordo com Fragoso, o vigário de Campina Grande, desde muito, ansiava por ter em sua cidade ou município uma casa religiosa que, além de ser um recanto de paz e devoção, lhe garantisse uma ajuda nas necessidades de sua vasta paróquia.

Vemos, portanto, que Campina Grande não fazia parte dos planos iniciais da Província como opção para abrigar a nova casa dos franciscanos, mas diante da oferta, prontamente os frades responsáveis se dispuseram em verificar também esse terreno. Segundo Pereira (1999)³¹, grande foi a surpresa de encontrarem um local ótimo, com todas as condições desejadas, no lugarejo de Lagoa Seca, à época também chamado de Ipuarana³². Assim é descrito o lugar na Crônica do Convento de Ipuarana:

Clima adorável, ar puro e fresco, água perenne e boa em abundância, terreno fertilíssimo, suficiente para fundação do Collegio, mas o que vale muito mais, uma região habitada por uma população catholica, fervorosa, onde as famílias bem constituídas formam a base, não só da vida econômica, mas da vida moral e religiosa[...]³³

²⁹ **25 ANOS depois.** Edição comemorativa das Bodas de prata do Seminário Franciscano de Ipuarana (1940-1965) Provincialado Franciscano - Recife, Pernambuco:1965. P. 21.

³⁰ Frei Anésio. Entrevista concedida à autora em 28/10/2013.

³¹ PEREIRA. Carlos Almeida. **IPUARANA 2000:** refazendo uma caminhada. Belém-Pa, 1999. P.17.

³² A cidade que hoje atende pelo nome de Lagoa Seca já foi chamada de várias formas, como Lama da Gata, Tarimba e Ipuarana. A última denominação *Ipuarana* era de origem indígena IPU=lagoa, ARANA= ruim, fazendo referência a uma lagoa que havia na rua principal e que dificilmente sustentava água. Mas o nome indígena não teria encontrado ressonância entre a população, e o local continuou a ser chamado de Lagoa Seca.

³³ Crônica do Convento Ipuarana 1940-1975

A presença de fontes de água no terreno foi um fator decisivo para a escolha do local, tendo em vista que este é um elemento fundamental para a manutenção de uma Casa de grandes proporções que se visava a construir. Também pelo fato dos frades serem alemães, buscavam uma região de clima mais ameno, parecido com o da Alemanha para que fosse mais fácil para a adaptação. E a região do Estado de Pernambuco onde foram examinados os terrenos apresentava temperaturas mais altas, podendo as condições climáticas também ter influenciado nesta escolha.

Tal era a urgência dos padres em resolver a questão do novo Colégio Seráfico da província, que logo se apressaram nas negociações e a compra do terreno foi realizada em 26 de setembro de 1939, pela quantia de nove contos de réis, a metade do que realmente valeria o terreno, devido ao fato do senhor Onecino de Queiróz ter aberto mão de sua parte na venda, tendo em vista que seria para uma ordem religiosa.

O terreno aqui custava vinte, naquele tempo era conto de réis, vinte contos de réis. Era muito dinheiro, mas como era para construção de um seminário, um convento, e nessa região tava muito carente de padre, aí deixaram por dez contos de réis.³⁴

Informa-nos a *Crônica do Convento Ipuarana: 1940-1975* que a transcrição da compra do referido terreno foi registrada a fls 266 do livro 3 sob o nº 12484 no Registro de imóveis, Estado da Paraíba, Comarca de Campina Grande, sendo Oficial do registro Maria das Neves Tavares Cavalcanti, 1ª Tabeliã Pública.³⁵

Mas o citado terreno não teria sido indicado por acaso, provavelmente já era conhecido e cogitado pelo clero local. Informa-nos frei Pedro Westerman sobre a intenção do Sr. Arcebispo de João Pessoa de construir naquele sítio um Seminário de férias: “em 18 de agosto, o Sr. Arcebispo da Paraíba deu seu benévolo consentimento, renunciando a seu próprio plano de adquirir aquele sítio para a construção de um Seminário de Férias.”³⁶

De certa forma, Campina Grande ocupava lugar estratégico no Estado da Paraíba, era referência de comércio no interior do Nordeste. E Lagoa Seca, a essa época, era apenas distrito da Campina Grande, permanecendo subordinada a esta até o ano de 1964. A implantação do convento franciscano contribuiu para o desenvolvimento dessa localidade.

³⁴ Frei Anésio. Entrevista concedida a autora em 28/10/2013.

³⁵ Segundo informou Frei Anésio, a área total do anexados ao território dos franciscanos.

³⁶ Frei Pedro Westerman citado por ALBUQUERQUE Convento, foi comprada por partes, esta foi a primeira, depois teriam sido comprados mais dois terrenos vizinhos e, João Batista de. **Minhas Memórias de Ipuarana - Garanhuns**: Tyoflan, 2000.

Primeiramente, a chegada de tal projeto mobilizou a população de Lagoa Seca, que segundo os depoimentos, acolheu muito bem a comunidade franciscana que formaria o Colégio. Frei Pedro Westermann e Frei Lamberto Hotting foram os dois primeiros frades a chegarem a Lagoa Seca para iniciar a tarefa de construção do Convento. Ao chegarem, numa terça-feira, 28 de novembro de 1939, tomaram residência na pequena casa que abrigava os padres de Campina Grande por ocasião da visita mensal que faziam a esse povoado, e que pertencia a Antonio Borges. Em 05 de agosto do ano seguinte (1940) a primeira comunidade franciscana de Lagoa Seca, que agora também contava com Frei Manfredo Patenburg, deixaram essa residência provisória e mudaram para outra casa que havia sido alugada ao Sr. Suza Tertó.

Desde que chegaram a Lagoa Seca, os “frades-fundadores” – como são chamados os três frades acima citados, Pedro Westermann, Frei Lamberto Hotting e Frei Manfredo Patenburg – puseram mãos a obra, preparando o terreno para construção. A planta do projeto havia sido elaborada por um arquiteto pernambucano, Heitor Maia Filho.

Em 28 de janeiro de 1940, houve então a bênção da Primeira Pedra pelo senhor Arcebispo da Paraíba, dom Moisés Coelho. A solenidade realizada às 17:00 hr da tarde, provavelmente, pode ter sido brindada com o espetáculo natural que, geralmente, se faz ver desse terreno: o sol se pondo por entre as colinas da Serra da Borborema. Apesar do pôr do sol a que me refiro não constar nos registros que tratam desse acontecimento, mas frei Pedro Westermann relata na *Crônica do Convento Ipuarana: 1940-1975* a presença de “uma grande multidão de povo católico” no evento, além de pessoas ilustres da sociedade, como o senhor Prefeito de Campina Grande, Bento de Figueiredo, o Dr. Júlio Rique, Juiz de Direito da Comarca e o senhor vigário da paróquia de Campina Grande, o Monsenhor José de Medeiros Delgado e todo o clero secular daquela cidade. Concluída a cerimônia litúrgica da bênção de primeira pedra e dos alicerces por Dom Moisés Coelho, o vigário de Campina Grande, Monsenhor Delgado externou os sentimentos de suma satisfação com a fundação do seminário em Ipuarana, numa oração eloquente à enorme assistência do povo.

Em seguida, Frei Mathias Teves, definidor da Província e representante do Pe. Provincial proferiu um discurso, lembrando a trajetória da Província de Santo Antônio do Brasil, desde o início da restauração e expressando também satisfação pela escolha do sítio. Após frei Mathias terminar seu discurso, falou ainda o Dr. Hortênsio de Souza Ribeiro, exprimindo a satisfação das autoridades civis com a fundação do Seminário franciscano no

município de Campina Grande, “assegurando à nova fundação benévolo interesse e a prontidão (sic) das autoridades de auxiliar sempre ao grandioso empreendimento”³⁷.

Percebemos então, o entusiasmo com a construção do Seminário nessa região, não somente da parte da comunidade eclesiástica local, mas também entre as personalidades políticas e pessoas destacadas na sociedade campinense.

Para os frades, fugidos da Alemanha por causa da ascensão do nazismo (1933), o sítio, bem favorecido de água e bem localizado, próximo a Campina Grande, representou um refúgio acolhedor que alimentava a esperança de frutíferas colheitas, assegurando o projeto no cultivo de vocações brasileiras.

Para o pequeno povoado de Lagoa Seca que crescia às margens da estrada rumo a Campina, (hoje rodovia Br 104), a chegada do Seminário representou um dos pilares de seu desenvolvimento, aumentando o movimento de pessoas nessa localidade, gerando empregos, mas principalmente no fator cultural e religioso, o que será abordado no capítulo seguinte.

³⁷ Crônica do Convento Ipuarana 1940-1975.

II CAPÍTULO

LAGOA SECA: Uma história de uma cidade

*De uma cidade,
não aproveitamos as suas sete
ou setenta e sete maravilhas, mas a
resposta que dá às nossas perguntas.*

Italo Calvino, Cidades invisíveis

II CAPÍTULO

LAGOA SECA: Uma história de uma cidade

Neste segundo capítulo, propomos refletir sobre a cidade de Lagoa Seca, sua formação e o papel religioso/cultural desempenhado pela presença do Colégio Seráfico de Santo Antonio - Ipuarana nessa localidade, tendo em vista que o funcionamento de uma instituição religiosa deve ser entendido, a partir de sua profunda imersão no contexto e na vida da sociedade onde se encontra inserida.

A história cultural é uma nova forma de trabalhar a história que nos permite, valorizar outros métodos como a história oral, no estudo das sociedades. De acordo com o historiador francês Roger Chartier (1990), “a História Cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Mas, Cultura é um conceito extremamente polissêmico, de modo que “não há concordância sobre o que constitui história cultural, menos ainda sobre o que constitui cultura”.³⁸ Assim, é que também Chartier reconhece o grande risco que existe em “não poder traçar uma fronteira segura e clara entre a história cultural e outras histórias”.³⁹

Neste estudo, se privilegia o fator cultural desempenhado por uma instituição religiosa (Convento e Colégio Seráfico de Santo Antonio) na vida de uma cidade em formação (Lagoa Seca), entendendo o funcionamento do Colégio Seráfico para além da religiosidade, logo, considerando o fator religioso como um espaço de produção cultural e de representações sociais. Uma vez que a religião é algo social e corresponde a determinadas condições históricas das sociedades, importa, neste caso, não tanto fazer uma abordagem das expressões religiosas dos habitantes de Lagoa Seca, mas sim, refletir como o desenvolvimento da cidade esteve atrelado ao desenvolvimento do Convento franciscano e o papel dos franciscanos na vida dessa sociedade. Assim, considerando que as crenças e práticas religiosas serviriam como meios culturalmente determinados de manter e regular relações humanas, analisar as relações estabelecidas entre o Convento e a Cidade.

O historiador, José D’Assunção Barros em seu livro *Cidade e História*⁴⁰ explica que um estudo do fenômeno urbano deve atentar para os múltiplos fatores que o compõem, tendo

³⁸ BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. 1937 -3 ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.13

³⁹ CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. , 2 ed – Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.33

⁴⁰ BARROS, José D’Assunção. **Cidade e História**. 2. ed. Petrópolis, RJ : VOZES, 2012.

em vista que uma cidade é formada, não somente por uma concentração de população, mas *o* como se articula essa população é o que dá vida à cidade. Como mora? Como trabalha? Como se diverte? Neste sentido, o fator cultural exerce grande importância na constituição e manutenção de determinada comunidade.

2.1 A Cidade

As terras onde hoje está localizado o município de Lagoa Seca estão inseridas em uma região denominada de Brejo Paraibano, apresentando um clima ameno e solo agricultável, favorecido por várias fontes de água doce, fatores que contribuíram para ocupação do lugar⁴¹. De acordo com a historiadora Elizângela Jerônimo dos Santos, as terras onde viria a se desenvolver o município de Lagoa Seca pertenciam ao aldeamento dos índios Bultrins, da nação Cariri, que tinham sido trazidos para a Serra da Borborema pelos jesuítas da missão colonizadora do Pilar.

Após a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759, os Bultrins retornaram para a missão Nossa Senhora do Pilar em Taipú, e as referidas terras, propriedade da Coroa portuguesa, passaram a ser ocupadas por algumas famílias. Alguns terrenos foram comprados por particulares, outros doados. Essas primeiras famílias começaram a desenvolver aí atividades econômicas, geralmente ligadas à agropecuária por se tratar, como já mencionado, de uma região propícia à agricultura.

Ainda segundo Santos (2007), o povoamento da localidade foi iniciado por Cícero Faustino da Silva, morador do Sítio Mineiro, que, vendo o movimento no caminho entre as cidades do Brejo e a cidade de Campina Grande, resolveu comprar quatro hectares de terra às margens desta estrada.⁴² Em 1929, Cícero Faustino da Silva construiu, no terreno comprado, uma Tarimba, como era chamado o local para vender carne.⁴³ A carne da Tarimba era vendida aos tropeiros que viajavam para Campina Grande e sempre paravam neste local, e aos moradores dos sítios vizinhos. O negócio prosperou e outras famílias foram começando a

⁴¹ A presença de grande número de lagoas na região também influenciou na denominação do nome da cidade: Lagoa Seca. segundo uma versão popular, a origem desse nome se deu por um fato ocorrido na Rua João Lourenço Porto, onde existia uma lagoa, que se encontrava sempre seca. Certo dia uma mulher bem vestida escorregou na lagoa e exclamou: "Como pude escorregar em uma lagoa seca!". Os comentários se propagaram na região, batizando o município. Antes de atender por este nome, também foi chamada de Lama da Gata, Tarimba e Ipuarana (devido ao um erro de grafia no nome Ipuarana, foi registrado dessa forma).

⁴² O terreno comprado por Cícero Faustino é tido como embrião de desenvolvimento da cidade, estava localizado onde hoje é o Posto de Gasolina, na saída para Campina Grande e o Hospital Municipal.

⁴³ Devido a isso, a localidade ficou conhecida como Tarimba durante um tempo.

povoar o local que logo foi considerado distrito de Campina Grande, e, posteriormente, elevado à categoria de vila.

Cinco anos após a construção da Tarimba, em 31 de julho de 1934 pelo interventor Gratuliano de Brito, Lagoa Seca recebeu o título de Distrito de Paz pelo decreto nº 531 [...] Em 15 de Novembro pelo também interventor Argemiro de Figueirêdo, segundo o histórico da prefeitura de Lagoa Seca, esta foi elevada à categoria de vila, tendo seu nome alterado para Vila de Ipuarana.⁴⁴

O decreto que tornou a localidade vila também alterava o nome para Ipuarana, de origem indígena que significa IPU=lagoa e ARANA=ruim, seca. Mas tal denominação não foi bem aceita pela população que continuou chamando de Lagoa Seca.

Desde o início da povoação em 1929, a religiosidade era um fator marcante da população local, predominantemente católica à época. Tal era a preocupação com as práticas religiosas, que em Dezembro do mesmo ano da construção da Tarimba, Cícero Faustino da Silva ergueu também uma pequena igreja, ao lado de seu comércio. Mas com o crescimento da população, a igreja foi se tornando insuficiente para a quantidade de fiéis. E foi atendendo aos pedidos dos próprios fiéis que em 1935 foi construída, na rua conhecida como Morro, uma capela que tinha como Padroeira, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro⁴⁵.

Santos (2007) nos informa que o terreno para a edificação da igreja também foi doado por Cícero Faustino, e a construção se deu sob a supervisão do padre Delgado, vigário de Campina Grande. Como Lagoa Seca pertencia à Paróquia de Campina, Padre Delgado era quem realizava as missas no distrito, até a chegada dos frades franciscanos que assumiram o trabalho pastoral na localidade.

Na condição de distrito, não só na religiosidade, mas também econômica e politicamente, Lagoa Seca dependia de Campina Grande. A economia girava em torno da agricultura e comercialização dos produtos era feita, principalmente, nas feiras de Campina Grande. A cidade foi emancipada em 04 de Janeiro de 1964, pela Lei nº 3.133, instituída pelo governador Pedro Moreno Gondim.⁴⁶ O projeto foi do deputado estadual, Manuel Barbosa, mas uma parcela da população não queria a emancipação, como expressa a fala do senhor João Anacleto, antigo morador de Lagoa Seca: “Manoel Barbosa foi que emancipou [a cidade], mas o povo não queria, João Jerônimo era um”.⁴⁷

⁴⁴ SANTOS, Elizângela Jerônimo. **TARIMBA: Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929-1969)** – Bauru, SP: Cana6, 2007. P 36.

⁴⁵ Mais tarde, também essa igreja se mostraria pequena, e foi transferida para outra construção que até hoje abriga a Matriz da cidade.

⁴⁶ Citado por SANTOS(2007) página 131.

⁴⁷ João da Rocha Anacleto. Depoimento concedido à autora em 10/06/2014.

O Sr. João Jerônimo, citado na entrevista, tratava-se do presidente da Câmara de vereadores de Campina Grande à época, que foi morador de Lagoa Seca e se opôs ao projeto de Manuel Barbosa para emancipação de Lagoa Seca, junto com parcela da população.

Dessa forma, o novo município enfrentou dificuldades financeiras e administrativas, durante o período de transição política, pois Lagoa Seca não apresentava uma economia independente que pudesse manter a cidade, sem a ajuda de Campina Grande, e as querelas políticas se intensificavam na região:

Por Lagoa Seca não ter verbas para pagar a folha de pagamento das professoras, foi colocado um projeto de lei em Campina Grande para que a prefeitura quitasse a dívida de pagamento das professoras. João Jerônimo que era o presidente da Câmara de vereadores, votou contra o pagamento da dívida, salientando que tinha avisado à população de Lagoa Seca dos problemas econômicos que a cidade teria com a emancipação.⁴⁸

Na organização da vida pública das cidades, as instituições municipais se constituem em espaços para a expressão de poderes diversos, seja afirmando o poder das elites locais ou refletindo os poderes estaduais, de modo que a *figura do “prefeito”* pode oscilar entre a nomeação por parte do governo central, por agrupamentos políticos intermunicipais, ou por eleição a cargo da totalidade ou de parte dos próprios cidadãos.⁴⁹

O primeiro prefeito que assumiu interinamente a administração de Lagoa Seca foi Manuel Pereira do Nascimento, um agricultor da região que havia sido indicado pelo político Severino Cabral. Após passar somente seis meses no cargo, Manuel Pereira renunciou, e assumiu em seu lugar, Pedro Sabino de Farias. A primeira eleição direta no município foi realizada em 10 de outubro de 1964, em que foi eleito para o Cargo de prefeito, Francisco Camilo, também conhecido como Chico Alfaiate, e sete vereadores para compor a Câmara municipal: Daniel Jerônimo da Costa, Moisés José da Silva, Josué Faustino Pereira, José Poluca de Araújo, Heleno Trajano de Souza, Severino Gomes de Melo e Luiz Alves Maia.

A primeira Câmara de vereadores de Lagoa Seca funcionou onde hoje é o prédio da Prefeitura Municipal que pertencia João Eusébio, mais tarde mudou-se para a casa de Chico Barbeiro, já falecido, e depois para uma casa onde hoje é a atual Câmara de vereadores.⁵⁰

Podemos dizer que, mesmo após a emancipação política, em 04 de janeiro de 1964, Lagoa Seca continuou, em grande parte, condicionada à cidade de Campina Grande, principalmente do ponto de vista econômico. Campina Grande na década de 60, em processo

⁴⁸ SANTOS, Elizângela Jerônimo. **TARIMBA: Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929-1969)** – Bauru, SP: Canal6, 2007. p.132

⁴⁹ BARROS, José D’Assunção. **Cidade e História**. 2. ed. Petrópolis, RJ : VOZES, 2012. Página 70.

⁵⁰ SANTOS, Elizângela Jerônimo. **TARIMBA: Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929-1969)** – Bauru, SP: Cana6, 2007. p.140.

de industrialização, contava com os esforços da elite local para que esse setor conseguisse alcançar patamares de parque fabril com influência em toda a região Nordeste.

Pode-se dizer que o século XX, foi considerado o período em que Campina Grande se desenvolveu em vários setores da economia. Desde a sua origem, o município adquiriu importância por ser considerado entreposto comercial e por estar localizado em uma posição geográfica favorável ao contato com diversas regiões, seja ligando sertão e litoral, seja com outros Estados, com a proximidade de Pernambuco. Mas, na década de 60, com o declínio do mercado algodoeiro, a economia campinense se volta a outros setores, principalmente o industrial.⁵¹

A tradicional feira livre de Campina Grande era referência para toda a região, grande parte em virtude disso, a jovem Lagoa Seca nunca conseguiu manter uma feira livre, mas também, porque os gêneros vendidos eram verduras e frutas que a população plantava em suas casas para consumo próprio. Mas, principalmente pela proximidade com Campina, pois o que os moradores precisavam, além do que obtinham dos seus roçados particulares, encontravam na feira de Campina Grande. A comercialização das frutas e verduras cultivadas em Lagoa Seca era feita, portanto, com as cidades vizinhas, e a feira de Campina era, e continua sendo atualmente, um dos centros da comercialização desses produtos.

Ao longo dos anos, houve iniciativas no sentido de criar feiras agroecológicas em Lagoa Seca, tendo em vista que a região tornou-se conhecida pelo cultivo de produtos orgânicos provenientes da agricultura familiar.

Embora seja a presença de ocupação não agrícola uma das especificidades do fenômeno urbano, é possível considerar a formação da cidade de Lagoa Seca fundamentalmente ligada a sua atividade agrícola. Como ressalta José D'Assunção Barros (2012) em seu livro *Cidade e História*, a cidade também é um “produto da terra”,⁵² uma vez que toda cidade existe por obra de um excedente agrícola sem o qual seria inconcebível na sua formação mais remota. Tal imagem da cidade se aplica à realidade de Lagoa Seca.

Outro conceito abordado por Barros (2012) é o de “retículo urbano” ou “armadura urbana” para dar conta de um conjunto de determinadas cidades pertencentes a uma mesma área geográfica, uma vez que a cidade estabelece relações com o campo circundante, mas

⁵¹ A esse respeito, a dissertação de mestrado de Silvana Torquato Fernandes aborda como ocorreu a modernização em Campina Grande nos anos de 1960, 70 e 80 através das representações do Diário da Borborema. FERNANDES, Silvana Torquato. **Uma outra representação da modernização em Campina Grande: a cidade nas páginas do Diário da Borborema (1960/1980)**. Dissertação.PPHG/UFCG. Campina Grande, 2011.

⁵² BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. 2º. ed. Petrópolis, RJ : VOZES, 2012.

também com outras cidades. Assim é que a cidade de Lagoa Seca se enquadra neste conceito por estar incluída na área geográfica da Cidade de Campina Grande e ter grande boa parte de seu movimento comercial condicionado pela rodovia que a corta.

2.1 O Convento

Foi ainda na condição de Vila que Lagoa Seca recebeu os primeiros franciscanos interessados em construir um Seminário nessa localidade. Após a bênção da primeira pedra em 28 de janeiro de 1940, logo se iniciou a construção do Convento encabeçada por Frei Pedro, Frei Lambertto e Frei Manfredo, de modo que em 5 de agosto de 1940, a primeira comunidade de Ipuarana formada por estes três frades já deixaram sua residência provisória em Lagoa Seca para se acomodarem na primeira parte do Seminário Seráfico de Santo Antônio. Esta primeira parte foi inaugurada no dia 12 do mês de agosto, ocasião em que a imagem de Santo Antonio – padroeiro da igreja do convento e do Colégio Seráfico – foi levada da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro⁵³ ao novo Convento, onde já estava instalada a Capela provisória na atual sacristia. A dita imagem teria sido oferta do senhor Antonio Paz, da firma Casa Paz do Recife, e foi conduzida pelo povo em procissão em baixo de fortes chuvas.⁵⁴

⁵³ Refiro-me à antiga igreja de Lagoa Seca que ficava no bairro do Morro.

⁵⁴ Informação da **Crônica do Convento Ipuarana**.

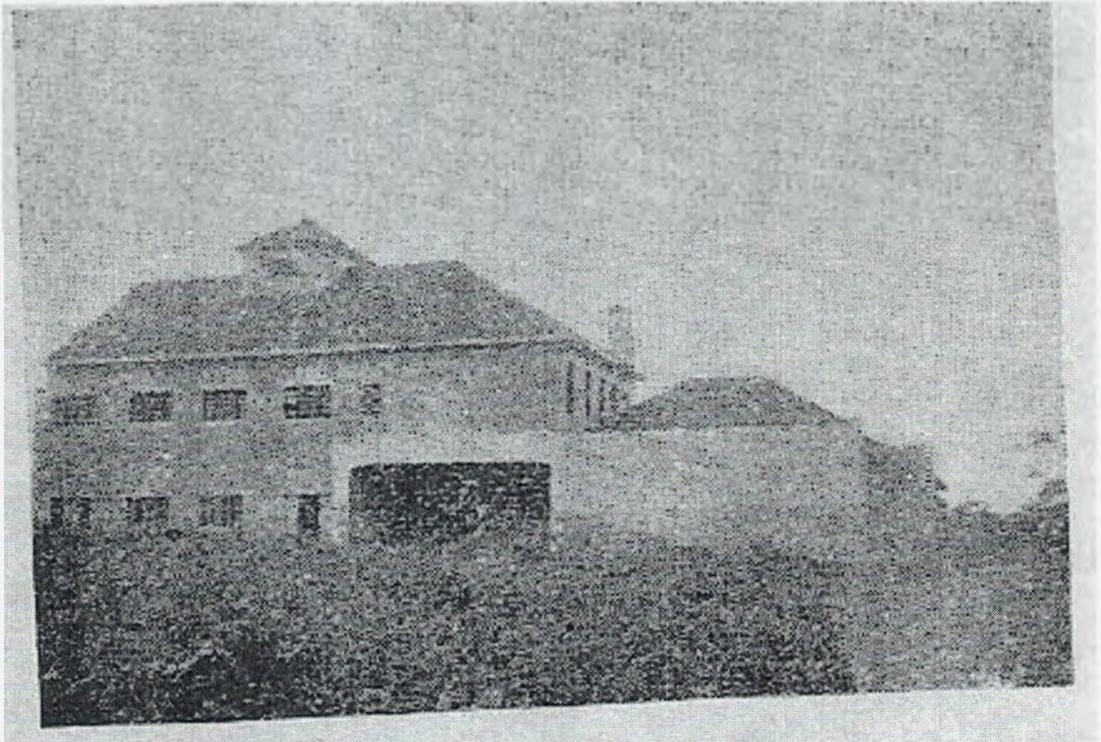


Figura 1- O Colégio Seráfico de Santo Antônio a 12 de agosto de 1940
Fonte: Revista Ipuarana 25 anos.

Depois da inauguração, foram feitos alguns trabalhos no prédio novo, mas logo começaram os preparativos para a construção de dois pavilhões, o do refeitório e o de classes para o Seminário, pois a intenção era providenciar, de imediato, o básico para que as aulas pudessem ser iniciadas. Como já foi dito no primeiro capítulo, a Província Franciscana tinha urgência em construir o novo Colégio para formar os frades, principalmente após o fechamento do Colégio de Bardel pelos Nazistas alemães.

Em dezembro de 1940, Frei Noberto foi escolhido para fiscalizar a construção e ao mesmo tempo para ser o Padre Superior da Comunidade de Lagoa Seca. Assim, os frades franciscanos assumiam o trabalho pastoral na região, que antes era realizado pelo vigário de Campina Grande.

A obra corria em ritmo acelerado e em janeiro de 1941 já estavam prontos os dois pavilhões e mais a dispensa e a enfermaria. A parte já concluída foi inaugurada oficialmente em 22 de Março de 1941, com missa solene, e recebeu os primeiros alunos. Eram 19 meninos provindos de João Pessoa, Campina Grande, Ipuarana (Lagoa Seca) e do Estado de Sergipe. Mas, ainda não eram do curso secundário que só começaria a funcionar em 23 de fevereiro do ano seguinte, 1942, quando foi celebrada a solenidade de abertura do curso ginasial e

secundário do Colégio Seráfico de Santo Antônio, com a transferência do restante dos alunos de João Pessoa para Ipuarana.

Com o Colégio já funcionando, as obras continuavam, cisterna, claustro do convento, com o primeiro andar e a fachada, a comprida ala do convento em direção ao norte, os dois anexos na parte de trás, com salões para dormitório na parte de cima, e na parte de baixo, oficinas de alfaiataria, sapataria... Na verdade, seria difícil precisar quando as obras do Convento terminaram, pois sempre havia novas alas, novos anexos a construir. A construção da igreja foi iniciada em 2 de fevereiro de 1944 e inaugurada em 7 de outubro de 1945. A sua torre só seria construída alguns anos mais tarde.

Já professor em Ipuarana, mas ainda jovem e robusto, e atraído pela sedução das alturas, muitas vezes subi à torre em construção pelos andaimes – ou melhor ‘trepei’, pois não existiam escadas - , e algumas vezes pude chegar até acima do ponto mais alto da cruz, embevecido pela paisagem que jamais voltaria a ser contemplada, visto que os operários não demonstravam muito entusiasmo por paisagens.⁵⁵

Mas a implantação de um projeto de tamanho porte, além de mobilizar a comunidade franciscana, também iria movimentar o pequeno distrito de Lagoa Seca. Na fala do senhor Pedro Anacleto, podemos perceber como o crescimento do Colégio Seráfico é associado ao crescimento de Lagoa Seca.

Lagoa Seca era pequena, ali era sítio, ali onde é o convento era tudo sítio, o padre que veio de fora comprou aquele sítio e começou a construir, parece que tinha apenas três casinhas naquele tempo. Ele pegou a construir e começou fazendo o colégio, a igreja, e foi aumentando aí depois começou a receber aluno⁵⁶

A população de Lagoa Seca, à época em sua grande maioria católica, acolheu fervorosamente a chegada dos frades franciscanos, como vemos também na fala do antigo morador, o senhor Pedro Anacleto

Ah eles receberam muito contentes porque aqui em Lagoa Seca, naquela época só tinha aqui uma matriz ali em cima no morro, e o padre que tinha aqui, padre Delgado de Campina, que vinha aqui , aí povo oxe recebia muito bem, eu aprendi logo a ajudar missa.⁵⁷

Assim é que também Seu Noel, ao falar do início da cidade, logo remete à questão religiosa, afirmando a pequenez do lugar e a existência de apenas um padre que tomava conta da capela:

Que aqui tudo era distrito, município de Campina, não era cidade, era muito pequenininha, só tinha a rua principal lá em baixo, não tinha mais nada, não

⁵⁵ PEREIRA, Carlos Almeida. **Ipuarana 2000: refazendo uma caminhada**. Belém – Pa, 1999. p.20.

⁵⁶ Pedro Anacleto. Entrevista concedida à autora em 24/01/2014.

⁵⁷ Pedro Anacleto. Entrevista concedida à autora em 24/01/2014.

è a cidade que você vê hoje era pequenininha mesmo só tinha a capela lá em cima no morro e o padre, o serviço dele era na capela.⁵⁸

Percebemos, portanto que a população percebia a chegada do Convento como a oportunidade de abundância de padres para intensificar as práticas religiosas católicas, assim como as pessoas ligadas ao convento, como Frei Anésio, também ressalta em sua fala que a região era carente de padres e com a chegada dos franciscanos passa a ter uma abundância de religiosos para atender, não só à população de Campina Grande e Lagoa Seca, como também as cidades circunvizinhas.

Ainda era uma região muito carente que não tinha padres pra celebrar aqui e de repente chegou logo 15, 16 padres, tinha padre à vontade pra celebrar nessas capelas, paróquias de Esperança, Alagoa Nova, Campina Grande, Puxinanã, São José da Mata, Montadas ...⁵⁹

Com o projeto de construção do Colégio vieram os frades que assumiram os trabalhos religiosos da capela e dos povoados, mas também veio uma fonte de trabalho para a região, pois o Convento precisava ser grande para abrigar as salas de aula, os dormitórios, a igreja e as oficinas, ou seja, era um grande projeto que também tinha pressa de ser concluído. Neste sentido, era preciso muita gente trabalhando, e a mão de obra foi constituída entre a população local, como informa o senhor Noel Alves Monteiro, que trabalhou desde a sua infância no Convento:

Aquele convento ali foi construído por gente daqui, os pedreiros eram daqui, eu conheci muito um bucado deles...Os pedreiros eu conheci muitos deles. E os serventes, eram tudo gente daqui. Eu trabalhava lá muito menino, com nove anos como eu já disse.⁶⁰

Seu Noel começou a trabalhar no convento na parte da horta, em 1944, também tomava conta dos cavalos que serviam de transporte para os padres, além de posteriormente, realizar trabalhos como pedreiro. Segundo Seu Noel e seu João Anacleto, que trabalharam como pedreiro, o valor que lhes era pago pelo trabalho girava em torno de 3,50 mil réis por semana.

Desta forma, vemos que esse projeto empregava muita gente da própria região, pois era preciso de muitos trabalhadores, mas além dos empregados, tinham os voluntários, de modo que boa parte da construção do convento foi feita com a ajuda comunitária dos moradores da localidade, que se uniam em mutirões, geralmente aos finais de semana para carregarem pedras e tijolos para a construção.

⁵⁸ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

⁵⁹ Frei Anésio. Entrevista concedida à autora em 28/10/2013.

⁶⁰ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

Agora era muito rápido o serviço, num sabe? Que era muita gente trabalhando, era muito pedreiro. O mestre de obras era um velhinho pequenininho, mas muito talentoso, ele não deixava ninguém brincar de jeito nenhum era muito sério, chamava Manoel Salviano.⁶¹

Sobre a relação dos funcionários com os padres do Colégio, o senhor Noel Alves Monteiro, hoje pedreiro aposentado, lembrando do tempo em que trabalhou no convento, fala que nem todos tinham a mesma simpatia:

Tinha uns que era bom de mais, que eles eram bom demais pra lidar com a gente se fosse alemão, se fosse brasileiro fala com a gente andando[...]de vez em quando aparecia um novo aí, recém chegado, era que nem bicho, quase num procurava conversar com a gente, logo que a gente não entendia a linguagem deles.⁶²

É perceptível, portanto, o estranhamento com relação aos frades alemães recém-chegados que não sabiam falar português, impedindo um contato mais próximo com os funcionários, como se estabelecia com os outros frades já instalados há mais tempo. E é provável que tal estranhamento também se desse da parte dos alemães que chegavam a uma região distante com clima, idioma e modos de vida distintos dos seus.

No entanto, passado o estranhamento inicial e as dificuldades de comunicação, o próprio seu Noel afirma sobre os padres alemães que “era gente pra lá de boa, agradável, gostava de servir o povo...”

O senhor João da Rocha Anacleto, hoje com 90 anos de idade, trabalhou como pedreiro em Ipuarana por 30 anos, desde o início dos trabalhos até década de 70 continuou prestando serviços até o fechamento do Colégio. “quem me contratou foi o chefe, que primeiro chegou e mandava nas coisas, frei Pedro, e tinha frei Lamberto também”.⁶³ Conta o senhor João Anacleto, destacando como participou dos trabalhos em Ipuarana, desde a chegada dos primeiros frades. Seu João chegou a sofrer um acidente de trabalho durante a construção de Ipuarana, caindo de uma altura considerável, mas teve apenas fraturas e passou uns dias internado no hospital Pedro I em Campina Grande, recendo todo apoio dos frades. Hoje com a saúde debilitada, seu João Anacleto guarda fotografias que registram seu trabalho no convento.

⁶¹Noel Alves Monteiro - idem, ibidem

⁶²Noel Alves Monteiro - idem, ibidem

⁶³Pedro da Rocha Anacleto. Entrevista concedida à autora em 10/06/2014.



Figura 2- trabalhando na construção do muro de trás do Convento.
Fonte: acervo pessoal de João da Rocha Anacleto.

Na foto, vemos um dos frades acompanhando e dando instruções aos pedreiros. De fato, os frades eram engajados nos trabalhos, muitos eram especializados em algum ofício e responsáveis por tarefas específicas na construção.

Também os padres trabalhava(sic), tudo, tudo, por exemplo, era construindo o convento e o padre já tinha um chefe padre tirando a medida das portas e já fazendo as portas pra colocar era tudo bem organizado, bem feito...⁶⁴

De acordo com a Crônica do Convento, o muro de arrimo saiu muito caro, custando m³ 20\$000, porque tem uma fundação de mais de metro e meio com uma largura de base de dois metros, e levou 350 m³ de pedras.

⁶⁴ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida a autora em 14/01/2014.

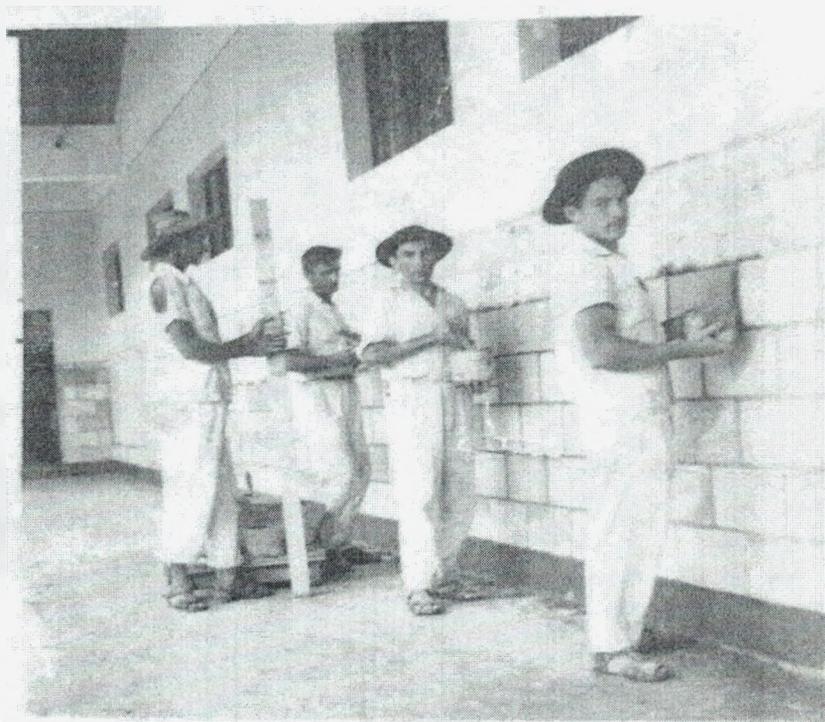


Figura 3- Assentamento de tijolos no claustro do Convento
Fonte: acervo pessoal de João da Rocha Anacleto (o terceiro da direita para a esquerda)

Quanto aos recursos para o custeio da obra, o dinheiro era arrecadado das missões realizadas no Nordeste brasileiro, onde os padres missionários percorriam vários lugares, pregando e recolhendo esmolas para as vocações. Como todos os esforços da Província, no momento estavam voltados à construção do Colégio Seráfico de Ipuarana, todas as outras Casas existentes deviam contribuir para o sucesso deste empreendimento, mandando verbas. Também dos Estados Unidos vinham esmolas coletadas, Frei Sebastião Evers que lá residia, enviava para as vocações brasileiras.

Pelo fato de terem sido padres alemães os fundadores do Colégio, muitos dos habitantes crêem que a construção teria sido financiada por dinheiro vindo do exterior, como podemos ver na fala do senhor Noel:

Eles construíram aquele convento todinho com dinheiro da Alemanha. Eles não tiveram esse negócio de pedir esmola a ninguém de pedir ajuda pra construir não...Veio todo de fora o dinheiro ⁶⁵

Este pensamento se reflete na fala da maioria dos moradores entrevistados, mas os depoimentos dos ex-professores e ex-alunos fazem questão de enfatizar que o custeio da obra foi proveniente do Brasil, das missões no Nordeste e doações, tendo em vista que, neste

⁶⁵ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

momento, a Alemanha não estava em condições de contribuir financeiramente em virtude da Guerra europeia.

Estava em guerra e justamente, não veio nenhum tostão da Alemanha. Todo esse dinheiro veio daqui, arrecadado aqui da Bahia ao Maranhão tinha umas cinco equipes de missionários, e todo aquele dinheiro que os missionários ganhavam nas missões ia tudo pra Recife que era a sede da província. E aí com esse dinheiro foi construído isso aqui.⁶⁶

Enquanto a comunidade franciscana se estabelecia em Lagoa Seca, a situação na Europa se agravava com o desenrolar dos conflitos da segunda Guerra Mundial, mas o Brasil ainda se mostrava indefinido no conflito, até que em agosto de 1942, depois do afundamento de navegações brasileiras por submarinos alemães, o presidente Getúlio Vargas declara guerra contra os italianos e alemães. Em agosto daquele ano, seis meses após ter sido inaugurado o curso ginasial e secundário, no Convento ainda em construção, essa comunidade seria alvo de hostilidades.

A inesperada presença de alemães na região gerou desconfiança por parte da população que não conhecia as razões desses estrangeiros terem vindo parar ali, e em meio à eclosão de uma guerra na qual o Estado brasileiro e o alemão lutavam em lados opostos, os alemães ali presentes foram vistos por parte da população como inimigos.

Na cidade de Campina Grande, ocorreram depredações a propriedades pertencentes a pessoas de nacionalidade alemã, e também alguns se puseram em marcha para o distrito de Lagoa Seca a fim de atacar o convento fundado pelos franciscanos alemães, mas segundo depoimento do professor Cícero Agostinho Vieira, a população de Lagoa Seca teria se unido para impedir tal ato, e proteger o convento.

Uma coisa muito interessante que eu lembro daquele Convento ali era os padres na carreira tudo piriri priri piriri se escondendo do Exército na época da Alemanha, da guerra em 1944, isso eu me lembro como que eu tô vendo hoje[...] aí quando eles viam qualquer um, se eles visse um amontado(sic) a cavalo ele não tinha nem conversa, o convento já tava meio grande, ele saía que saía medonho se escondendo dentro do mato com medo, mas eles não andavam nem pra perseguir, andava pra ver se tinha algum estrangeiro aqui disfarçado de padre ou seja lá de que for pra prender né, eles tinham medo era disso.⁶⁷

O relato do senhor Noel expressa como um fato inusitado os frades alemães se esconderem do exército por medo de serem confundidos com nazistas disfarçados. Pois, para a população local, a guerra era algo externo que não atingia de forma direta o curso de suas vidas, a não ser que fossem convocados pelo Exército, como ocorreu com alguns moradores: José Moises da Silva, José Vicente, Antonio Cabral da Silva, Francisco Arruda, José Polucas

⁶⁶ Frei Anésio. Entrevista concedida à autora em 28/10/2013.

⁶⁷ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

de Araújo e Luiz Manuel de Araújo. Mas o medo de ser confundido com um nazista não significava para um agricultor de Lagoa Seca o mesmo que significava para um padre alemão em terras brasileiras.

Segundo a Crônica do Convento Ipuarana, no dia 21 de agosto de 1942, sexta-feira, houve rigorosa busca realizada em todas as dependências do Convento e Seminário, à procura de material comprometedor, em particular de uma estação clandestina de Rádio-Difusora, mas nada foi encontrado.

Após a entrada do Brasil na Guerra, em 22 de agosto, nova busca seria feita pelo delegado de polícia acompanhado de policiais e civis, no Convento, onde os padres e irmãos de nacionalidade alemã ficaram detidos por três semanas, sendo vigiados por soldados.

No dia 16 de setembro os soldados de polícia que aqui estavam receberam ordem de se recolher ao quartel e no dia seguinte, festa De S. FRco Chagas, recebemos licença para deixar o convento.⁶⁸

Mas, os desdobramentos da guerra e a presença dos alemães nessa região mexeram com o imaginário da população local, muitos acreditavam que os alemães estavam construindo o convento ali, numa localidade do interior paraibano, para se esconder da guerra, pois estariam sendo perseguidos. Daí, também provém os mitos sobre a existência de porões e túneis embaixo do prédio do convento que serviriam de abrigo, caso eles fossem encontrados.

2.3 O Convento e a Cidade

Analisar a cidade como um elemento da história cultural, é percebê-la não só nas suas funções, mas no papel social de seus grupos, seus aspectos culturais, ritos e seu universo simbólico. O prédio do Convento Ipuarana constitui para a cidade de Lagoa Seca o que Barros (2012) chama de “marcos visuais”, tratam-se de chaves de identidade e referência simbólica do lugar, seja para os que vivem nela como para os passam ou visitam.

Podemos afirmar que o convento, durante o período de atuação do Colégio, funcionava como uma espécie de cidade à parte da cidade. Não se tratava de uma instituição criada pela sociedade lagoasequense, e sim um elemento estrangeiro que se estabeleceu aqui. É claro que uma instituição, seja ela qual for, não pode existir isolada da sociedade. Mas, quando se trata de uma instituição religiosa e uma casa de formação para padres, é preciso se considerar o pressuposto de certo distanciamento, principalmente de uma vida cidadina, considerada cheia de vícios e libertinagens. De acordo com o senhor Cícero Agostinho, ex-

⁶⁸ Crônica do Convento Ipuarana 1940-1975.

aluno e professor de Ipuarana, nos anos iniciais, os alunos seminaristas não tinham muito contato com a população local.

Eram mais restritos ao Colégio, depois, foram se abrindo para ajudar no catecismo e aquela coisa toda; os alunos também ajudavam os frades, aqueles alunos mais velhos, mais adiantados. Mas basicamente, vinham para estudo mesmo, pesado, para o trabalho, para a oração: oração, trabalho e estudo...⁶⁹

Digo que o convento era como uma cidade à parte da cidade porque, para a comunidade ipuaranense, havia sempre a preocupação de manter-se auto-suficiente, por isso a existência das mais diversas oficinas dentro do Convento, que garantiam o seu funcionamento e manutenção. Havia oficina mecânica que lidava com os trabalhos de encanações, motores e instalações elétricas; havia oficina de marcenaria ou carpintaria, responsável por fazer os móveis da Casa, de modo que nenhum móvel do convento foi comprado de fora, e sim fabricado internamente; havia oficina de alfaiataria que dava conta da feitura e reparos nas roupas dos padres e alunos, assim como a oficina de sapataria; havia também padaria própria; e todas essas oficinas funcionavam a serviço do convento. Também para suprir a questão da alimentação da grande quantidade de alunos e padres que ali viveram por muitos anos, havia dentro do sítio pertencente aos franciscanos, plantações de gêneros alimentícios, principalmente, frutas e verduras, e criações de animais como galinhas, porcos e gado também. Era necessária toda essa estrutura para sustentar um Colégio que abrigava, na época do auge (décadas 1950-1960) cerca de 200 alunos, morando em suas dependências, já que funcionava em regime de internato. Tudo isso impressionava as pessoas da região que estavam acostumadas a uma agricultura, geralmente, de subsistência e pequenas criações de animais em seus sítios.

Galinha? Quando eles iam matar galinha, eram vinte, trinta galinhas que matavam, era só pro pessoal de casa, fora porco, fora pato... Porco era tão grande que tinha que matar de fuzil, vinham pegar o sargento aqui de Lagoa Seca, sargento Nerso(sic), era o delegado daqui, os padres vinham buscar ele aqui pra matar os porco do Convento que era tão grande que machado não matava.⁷⁰

Nas atividades dessas oficinas atuavam os chamados irmãos leigos, religiosos que viviam também no convento, mas não eram ordenados padres. O papel dos irmãos leigos era no desempenho de um ofício, para o qual eram preparados pelos próprios frades, uma “arte” como eles chamam (mecânica, marcenaria, alfaiataria, sapataria, encadernação), pois cada Casa que se estabelecia em um lugar precisa dessa mão de obra para manter as oficinas e não precisar comprar nada de fora.

⁶⁹ Cícero Agostinho. Entrevista concedida à autora em 19/03/2014.

⁷⁰ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

Era tudo gente deles mesmo, não trabalhava ninguém de fora, nem eles deixavam. Uma pessoa de fora pra entrar mesmo que trabalhasse ali, pra entrar numa oficina daquela, qualquer uma, de padaria a sapataria, não podia entrar de jeito nenhum, era proibida a entrada. Eu acho que naquele tempo eles já tinham medo de ser assaltado né, aí não deixava ninguém entrar.⁷¹

De início, quem entrava pra ser irmão ficava com estudo que tinha, e se dedicava somente ao trabalho nas oficinas. Mas depois, em 1957, houve um congresso e se decidiu que os irmãos leigos também deveriam estudar.

A partir daí pronto os irmãos tinham de fazer primeiro grau, e depois do primeiro grau decidiu fazer logo o segundo também. Aí quem quisesse seguir, se ordenar ou continuar como irmão tinha a opção. Isso aí já foi na década de 70 [...] Aí teve uns dez ou doze irmãos que optaram para ordenação, enquanto os outros não. Aí ia com o transcorrer dos anos foram decidindo, o irmão podia fazer qualquer outro curso, de enfermagem, medicina, odontologia...qualquer outro curso.⁷²

A partir desse momento, os irmãos trabalhavam durante o dia e estudavam à noite em colégios de Campina Grande. Segundo Frei Anésio, o ginásio era feito no ASSTA e o científico no Vidal de Negreiros.

Frei Anésio é uma pessoa muito conhecida entre os franciscanos que fizeram parte do Seminário de Ipuarana e faz parte dessa Casa até hoje. Ele chegou à Lagoa Seca no ano de 1950 para ser um irmão-leigo, mas não pretendia tornar-se padre e sim entrar na vida religiosa e aprender uma profissão. Como cada irmão se especializava em uma profissão específica, a de Frei Anésio foi a mecânica, mas ele acabou fazendo os votos e entrando para ordem em 1958, há 63 anos que está em Ipuarana.

Nos depoimentos de Frei Anésio se destacam a consagração dos tempos áureos de Ipuarana, bem como a ideia de que a cidade de Lagoa Seca teria crescido “à sombra do Convento”, noção que também é perceptível em alguns moradores. “E o desenvolvimento de Lagoa Seca foi justamente com a chegada aqui do convento. Aliás, Lagoa Seca cresceu à sombra daqui.”⁷³

Dado o relativo isolamento, o contato da comunidade estabelecida no convento com a sociedade se dava mais precisamente nas questões religiosas, já que eram os frades do convento que assistiam a população de Lagoa Seca nesse sentido. Mas, uma vez que o Colégio que ali funcionava visava a formar frades, o contato dos alunos com a cidade não era tão benquisto. Eram os padres do Convento que, além de professores, tinham sua função

⁷¹ Idem. Ib. idem.

⁷² Frei Anésio. Entrevista concedida à autora em 28/10/2013.

⁷³ Idem. ib. ibidem.

sacerdotal junto à população. Entre as atividades desempenhadas, revezavam-se para celebrar várias missas durante o dia na igreja do Convento:

Era 3, 4, 5, 6, 7...9 altar! Cada altar era um padre celebrando uma missa. Cê vê bem, era um padre celebrando uma missa, e já tinha outros como missal na mão esperando que aquele saísse pra poder ir celebrar, você chegava ali no convento você assistia a missa que você quisesse, a que você quisesse assistir você assistia de qualquer altar daquele. Era padre demais, dava nove horas da manhã e era padre celebrando missa, começava quatro horas da manhã.⁷⁴

Além das missas na igreja do Convento, também celebravam nas capelas vizinhas e nas comunidades rurais. O deslocamento para esses lugares era feito a pé, e se a distância fosse grande, a cavalo. Onde não havia capela, as missas eram celebradas nas casas de alguns dos moradores. Na fotografia abaixo, podemos perceber a celebração eucarística sendo realizada em algum alpendre de uma casa ou uma possível cobertura destinada especialmente à realização das missas.

Eles ficavam no convento, mas tinha deles um que tomava conta lá da igreja do Amaragi, outro tomava conta da do Genipapo e cada padre tomava conta de uma igreja. Eles saiam pra celebrar e cada uma já tinha um cavalo, que naquela época pra ir as viagem deles, todo padre tinha o cavalo dele pra poder ir celebrar missa, fazer a reunião, fazer a confissão onde o povo chamava, eles montava no cavalo e ia confessar⁷⁵



Figura 4- Celebração eucarística em comunidade rural de Lagoa Seca
Fonte: acervo pessoal de Tarciso Fernandes Ximenes.

⁷⁴ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida em 14/01/2014.

⁷⁵ Pedro da Rocha Anacleto. Entrevista concedida à autora em 25/01/2014.

Um dos principais pilares desse contato entre a comunidade franciscana de Ipuarana e o povo de Lagoa Seca era através da catequese ministrada pelos frades. Frei Manfredo, um dos três padres fundadores de Ipuarana, era quem comandava as atividades pastorais de catequese. Ele foi o frade franciscano que estabeleceu um contato bastante próximo com a população, organizando centros de catecismo e pregando em retiros populares em diversos lugares. A atividade de catequese era destinada em geral às crianças, mas também atendia a jovens e adultos.

De início, como relatado por alguns ex-alunos, apenas os padres saíam do Convento para os trabalhos espirituais junto ao povo, mas após uma maior abertura da Igreja iniciada com o Concílio Vaticano II, os alunos seminaristas passaram a sair mais do Convento, de modo que aqueles alunos mais adiantados passaram a ser responsáveis também por catequizar as crianças da região, auxiliando os padres.

Também o ensino teve uma maior abertura após a realização desse Concílio, de modo que os alunos dos últimos anos, apesar de morarem no Convento, iam estudar em colégios de Campina Grande, a exemplo do Colégio Pio XI.

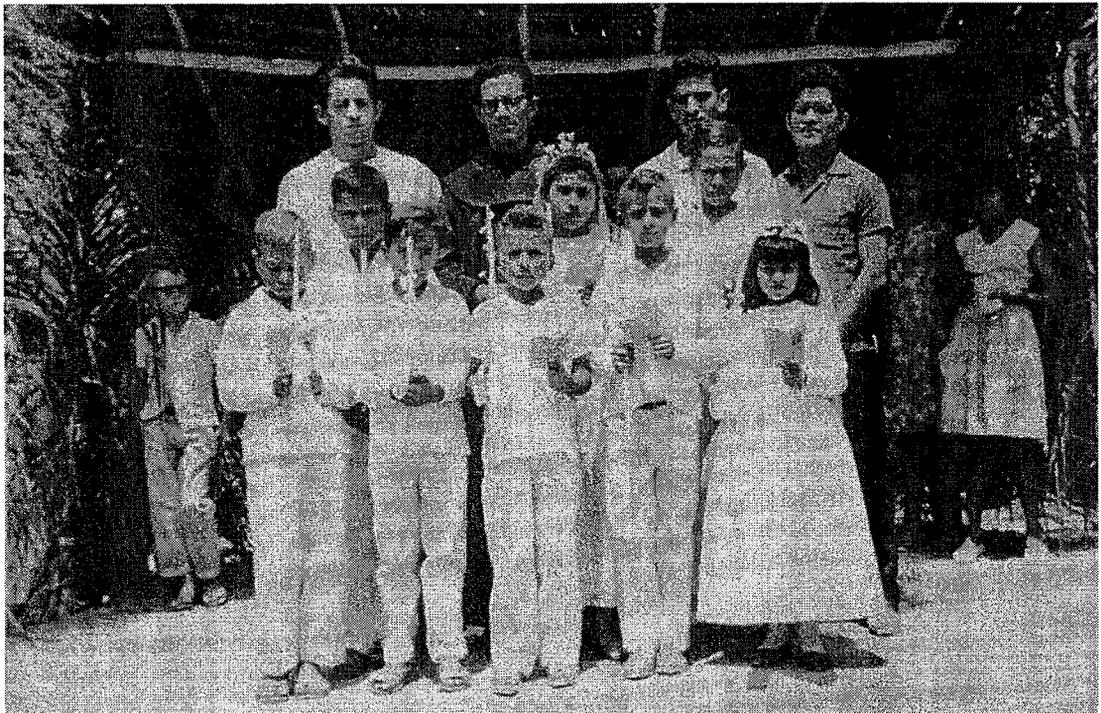


Figura 5- Primeira Comunhão em comunidade rural de Lagoa Seca, já com os alunos seminaristas auxiliando nessa tarefa.

Fonte: acervo pessoal de Tarciso Fernandes Ximenes (o primeiro da direita para a esquerda)

A *Crônica do Convento Ipuarana*, nos relatos do ano de 1941 apresenta as seguintes informações a respeito dos trabalhos pastorais dos padres em Lagoa Seca:

20 centros de catecismo – com uma matrícula de 1200 crianças. 90 Primeiras Comunhões de crianças. 382 batizados. 42240 santas comunhões das quais 16501 de homens. Frei Manfredo pregou no correr deste ano 26 desobrigas e 5 retiros com 31698 comunhões e 2612 crismas. Frei Angelino pregou desobrigas em Taperoá, Teixeira, FR. Ulrico em Esperança e (ilegível). Além disso, vae um padre semanalmente a Campina Grande nos domingos para celebrar a stª Missa nas capelas de Guia e Bodocongó.⁷⁶

Contudo, o Convento em Lagoa Seca não representava apenas a presença dos franciscanos atuando nas práticas e rituais religiosos da região. A presença do convento em Lagoa Seca, também era símbolo de modernidade, pois através dessa instituição, a população tinha contato com elementos, como a luz elétrica, que só iria ser instalada no distrito em 1958, e que já existia no convento desde 1941. E isto impressionava a população local, como nos revela a fala do senhor Noel Alves Monteiro:

[...]tinha motor muito grande, que nesse tempo não tinha luz aqui em Lagoa Seca não, era tudo no escuro, e lá no convento só tinha luz no convento, a gente ficava embelezado com a luz do convento, aquilo clareava tudo, era muito bonito...⁷⁷

Segundo Santos (2007)⁷⁸, a rede elétrica foi instalada em Lagoa Seca em 24 de agosto de 1958, e era gerada por um motor a diesel que funcionava na Rua José Caetano de Andrade, que ficou, por esse motivo, conhecida como Rua do Beco do Motor. O fornecimento de energia elétrica tinha hora para começar a funcionar e para terminar: de 5 horas da tarde até as 10 horas da noite. Mas vez por outra, os moradores davam um “jeitinho” para ter a luz elétrica por mais tempo, como por exemplo, pagar uma “gorjeta” ao funcionário responsável pelo motor para que ficasse ligado até o fim de uma festa.

A iluminação pública foi instalada em Lagoa Seca em 29 de maio de 1966, quando esta já havia sido elevada à condição de cidade. Ainda segundo Santos (2007)⁷⁹, a instalação da energia elétrica foi trazida pelo então prefeito Francisco Camilo, através de um convênio do Departamento Autônomo dos Serviços elétricos de Campina Grande.

A fundação da primeira escola pública de Lagoa Seca também esteve intimamente relacionada com a ação dos frades franciscanos junto à comunidade. A falta de escolas públicas na região era uma grande preocupação para os pais que, em geral, não tinham como pagar a educação dos seus filhos, tendo em vista que a única forma de estudar era pagando professores particulares. Prevalencia ainda a organização escolar na forma de cadeiras isoladas, cujo funcionamento pedagógico quase sempre era subordinado única e exclusivamente ao

⁷⁶ Crônica do Convento Ipuarana. 1940-1975. P.12.

⁷⁷ Entrevista concedida em 14/01/2014.

⁷⁸ SANTOS, Elizângela Jerônimo. **TARIMBA: Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929-1969)** – Bauru, SP: Cana6, 2007. P.127

⁷⁹ Idem. Ibid

arbítrio do próprio professor (mestre), detentor da cadeira. O ensino era realizado em galpões, casas dos professores ou salões alugados. No período de formação do município de Lagoa Seca, houve algumas iniciativas para criação de escolas públicas, nessa localidade que ainda pertencia a Campina Grande. Segundo Santos (2007), no início da década de 30 funcionou em Lagoa Seca, uma Escola Mista, tendo a frente as professoras Lourdes de Otaviano Pequeno e Adalgisa Cavalcante, e havia também a escola particular do Professor Dantas, que passou a funcionar por volta de 1939.

Dai o vigário que nessa época era frei Manfredo o padre começou a abrir o colégio, que Lagoa Seca não tinha uma escola, apesar de ser de Campina Grande, mas não tinha UMA escola sequer, não tinha. Ai frei Manfredo fez daquilo ali um colégio.⁸⁰

A primeira escola pública em prédio fixo foi organizada pelos frades num prédio onde funcionava a casa de farinha de mandioca. O prédio fica na Rua José Jerônimo da Costa, antiga Rua da Palha, e com o fechamento da usina de farinha, passou a ser ocupado por máquinas que geravam energia elétrica, durante uns meses, mas logo foi desocupado e ficou abandonado.

De acordo com o senhor Noel, este prédio também abrigou a cadeia de Lagoa Seca por um tempo. Sua fala ao lembrar-se da cadeia exprime o sentimento de insegurança com presente marcado pela violência e o sentimento de nostalgia com um passado, tido como tranquilo e melhor de se viver.

Esse colégio aí era uma antiga casa de farinha, da casa de farinha passou a ser uma delegacia, a cadeia e a cadeia funcionava ali e todos presos que pegava por aqui ia para ali, chamava o "Buk". Era para prender os ladrões e os malfeitores, mas naquela época era muito bom porque não existia o que existe hoje, a gente dormia com as portas abertas e não tinha medo de nada, andava de noite qualquer hora da noite, não tinha medo de nada porque naquele tempo não tinha o que se ver hoje.⁸¹

Foi então, em 1949 que Frei Manfredo, frade franciscano que então desempenhava as funções de pároco de Lagoa Seca, era o chamado capelão, ele solicitou o prédio ao então governador da Paraíba Rui Carneiro e lhe foi cedido para fins educacionais. Segundo Santos (2007), alguns dias depois, Frei Manfredo conseguiu com o governo da Paraíba uma verba de Cr\$ 70.000,00 para a construção da escola, com a qual o prédio foi reformado, sob a direção de Frei Amadeu. A escola passou a funcionar com o nome de Escola Paroquial São José.

⁸⁰Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

⁸¹Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014

Nos primeiros anos de funcionamento da escola, os frades atuavam diretamente na educação das crianças e o catecismo era ministrado nas salas de aula. Mas além do ensino religioso da parte dos frades, havia as professoras contratadas pela prefeitura Municipal de Campina Grande, pelo Estado e pela Paróquia. A escola atendia de 1ª à 4ª séries e as professoras tinham a preocupação de ensinar o conteúdo programático para cada série, onde as datas comemorativas eram bastante celebradas, com estaque para os desfiles de 7 de Setembro que mobilizavam escola, pais e alunos. “Frei Constantino, pároco da cidade, além de suas atividades como orientador espiritual, fazia o papel de orientador pedagógico. O próprio Frei Constantino dava as aulas e preparava as professoras para ensinar religião e as outras disciplinas”.⁸²

Após receber uma reforma em seu prédio, a escola passou a atender pelo nome de “Grupo Escolar Frei Manfredo” em homenagem ao franciscano que teve importante participação na fundação dessa instituição.



Foto da Antiga Escola São José – Fundada por Frei Manfredo, que após sua Morte, recebeu o nome de Escola Frei Manfredo.

Figura 6- Antigo grupo Escolar São José, primeira escola pública de Lagoa Seca.
Fonte: livro Tarimba.

Vemos, portanto, que o desenvolvimento de Lagoa Seca, como aquisição de luz elétrica, escola pública se verificou decorrente de vários acordos entre as elites locais e

⁸² SANTOS, Elizângela Jerônimo. **TARIMBA:** Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929-1969) – Bauru, SP: Canaá, 2007. P.127

iniciativas pessoais, e que igreja e política tinham relação bem próxima, como bem demonstra a fala do senhor Noel:

Porque ficava combinado assim, os padres que vinha para aqui trabalhavam de acordo com o prefeito e o prefeito de acordo com o delegado, era as três autoridade maior na cidade: prefeito, delegado e vigário.⁸³

Contudo, devido ao período em que o Convento franciscano de Ipuarana se estabelece e desenvolve suas atividades coincide com o período em que a localidade de Lagoa Seca está crescendo, a ponto de se constituir uma cidade, é que muitos dos depoentes se referem a um crescimento, não somente paralelo, mas condicionado, de modo que também é recorrente a ideia de que a cidade “cresceu à sombra do Convento”. E de fato foi, de um modo literal, já que o embrião de desenvolvimento do núcleo urbano surge numa “baixa” onde havia uma lagoa, e o Convento vai ser instalado num ponto mais elevado do terreno. Mas, não é possível se atribuir o desenvolvimento de Lagoa Seca, como fenômeno urbano, somente à presença dos franciscanos, através do Convento nesta localidade. Uma breve observação da formação urbana de Lagoa Seca revela que esta tem seu núcleo de concentração populacional nas margens da rodovia Br 104, onde se desenvolveu uma atividade comercial, em virtude do movimento na dita rodovia. Porém, como afirmei no início deste capítulo, uma cidade é formada, não somente por uma concentração de população, nem também somente pela existência de uma atividade econômica, o fator cultural exerce grande importância na constituição e manutenção de determinada comunidade. E, do ponto de vista cultural, é inegável a influência dos franciscanos na formação dessa sociedade.

A presença dos franciscanos repercutiu de várias formas na vida da sociedade lagoasequense, tanto com a intensificação das práticas religiosas com a atuação dos frades na assistência espiritual, como com o incentivo à educação pública com o esforço dos frades para a fundação da primeira escola, mas também pela própria presença da instituição do Colégio Seráfico nesta localidade que iria atrair outros grupos religiosos, como os Maristas que também fundaram uma Casa bem próxima à dos franciscanos. A vinda desses religiosos trouxe novidade e atividade para o pequeno distrito, que enquanto a comunidade franciscana desenvolve sua atividade interna na formação de religiosos para a Província, ascende à condição de cidade, através da emancipação política que a separa de Campina Grande.

⁸³ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014

III CAPÍTULO

IPUARANA POR DENTRO: memórias e histórias de uma experiência seráfica.

*Oh! Tempo lindo da mocidade
Porque ó dizes, és curto assim?
Cruel não sejas, por caridade
Não vás embora, tem dó de mim.*

*Por isso, eu outra vez,
Afirmo com pesar:
A mocidade não volta mais.
Não volta mais, oh não!
Nunca mais volta
A mocidade não volta mais.*

*Florescem rosas, jasmíns cheirosos
Mas aí em pouco hão de murchar
Também os homens, por mais ditosos
Enfim na terra vão repousar.*

(letra de música cantada pelos alunos de Ipuarana)

III CAPÍTULO

IPUARANA POR DENTRO: memórias e histórias de uma experiência seráfica.

Este terceiro capítulo propõe adentrar o funcionamento interno do Colégio Seráfico de Santo Antônio – Ipuarana, com base em entrevistas e livros de memórias de ex-alunos e ex-professores de Ipuarana para refletir a respeito do cotidiano dos alunos e do projeto educacional religioso do qual faziam parte e discutir os possíveis fatores que teriam levado ao fechamento do Colégio.

Para a realização deste capítulo, foram essenciais as entrevistas realizadas com ex-alunos e professores do Colégio Seráfico, bem como os relatos fornecidos em livros publicados por ex-professores e ex-alunos de Ipuarana, especialmente: *Minhas Memórias de Ipuarana*, de João Batista de Albuquerque, *Ipuarana 2000: refazendo uma caminhada* de Carlos Almeida Pereira (Frei Filipe) e *Ipuarana 70 anos*, de José Clotário Dantas de Moraes e João Batista Albuquerque.

Os dois primeiros podem ser caracterizados como livros de memória. Carlos Almeida Pereira foi um dos professores que mais tempo passou em Ipuarana. Ensinou Alemão, Português, Matemática e Física. Padre-casado, deixou o ministério na década de 70, e em *Ipuarana 2000: refazendo uma caminhada* livro que foi escrito no contexto de preparação dos antigos alunos para o Encontro Ipuarana 2000, ele aborda, em perspectiva cronológica, sobre os 30 anos em que o Colégio de Ipuarana esteve ativo, traçando um quadro dos professores que por ali passaram.

João Batista de Albuquerque foi aluno de Ipuarana por cinco anos e, posteriormente, se tornou advogado e juiz de Direito. No livro que intitulou “*Minhas Memórias de Ipuarana*”, faz uma retomada do histórico da fundação do Colégio e relata sua passagem por Ipuarana, mas também transcreve artigos e opiniões de outros ex-alunos do Seminário. De modo que as memórias que ele relata não são apenas suas, mas são suas também. É o que podemos chamar de uma memória social específica dos ex-alunos de Ipuarana, onde a memória de um pode ser a memória de muitos, que vivenciaram as mesmas experiências, indo na direção do pensamento de Maurice Halbwachs, em que memória individual, construída a partir das

referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”.⁸⁴

Halbwachs argumentou que as recordações são construídas por grupos sociais. Os indivíduos recordam, no sentido literal, físico. Contudo, são os grupos sociais que determinam aquilo que é “memorável” e também a maneira como será recordado. Os indivíduos identificam-se com acontecimentos públicos importantes para o seu grupo. “Recordam” muita informação da qual não tiveram experiência direta. Considerando que a memória constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros, é possível entender que essa referência ao passado serve, também, para manter a coesão dos grupos e das instituições. É assim que até os dias atuais, grupos de ex-alunos e ex-professores se reúnem anualmente, tanto nas dependências do antigo Seminário de Ipuarana, hoje apenas Convento Ipuarana, como também em várias partes do Brasil onde se encontram ipuaranenses, em encontros para se confraternizarem, relembrar os tempos de Colégio e manter vivo o que chamam de “o espírito” ou “fenômeno” de Ipuarana.

É com as seguintes palavras que João Batista de Albuquerque, ex-aluno do Colégio Seráfico de Santo Antonio inicia as suas “Memórias de Ipuarana”, afirmando a necessidade de recorrer à escrita para que as lembranças não se percam com o passar do tempo.

O tempo na sua marcha inexorável vai apagando todas as memórias. De repente e sem que nos apercebamos tudo fica muito distante e as lembranças esmaecem e lentamente desaparecem. Só o que foi escrito remanesce “scripta manent”.
Daí a minha preocupação com respeito a Ipuarana.⁸⁵

O terceiro livro que se constituiu em fonte de pesquisa bibliográfica neste capítulo é intitulado *Ipuarana 70 anos*, e como indica o título foi produzido para as comemorações do aniversário de setenta anos do Seminário. O livro reúne vários artigos, comentários e textos de e-mail trocados entre ex-alunos em que recordam e relatam casos e experiências vividas em seus “anos dourados da juventude” em Ipuarana. As pessoas de quem vêm os relatos que compõem o livro não fizeram parte da mesma turma, e alguns tiveram períodos diferentes de permanência no Seminário. Mas as lembranças contadas por um, logo são identificadas por outro, de modo que compõem uma memória compartilhada por todos.

⁸⁴ Citado por Juliana Pinto Carvalhal em **Maurice Halbwachs e a questão da Memória**. Revista Espaço Acadêmico, nº56, janeiro/2006. Disponível em: : <http://www.espacoacademico.com.br/>

⁸⁵ ALBUQUERQUE, João Batista de. **Minhas Memórias de Ipuarana**- Garanhuns: Tyoflan, 2000. p.7.

Dos cinco ex-alunos entrevistados, um deles, **José Mário de Lima Holanda**, passou apenas um ano no Seminário 1971-1972 (período em que o Colégio dá seus últimos suspiros de vida). Já **Ademar Cavalcante Gomes** fez todo o curso de Ipuarana de 1961 a 1965, (em cinco anos ao invés de sete, pois fez o ginásio em menor período de tempo, devido a idade avançada) e passou por todas as etapas de preparação, seguintes à Ipuarana, porém, não se ordenou padre (caso singular, pois a maioria deixava o seminário durante as etapas anteriores, não ia tão longe na preparação); **Cícero Agostinha Vieira** também passou cinco anos como aluno em Ipuarana, pela razão de já ter feito dois anos do curso ginásial na escola de onde veio (Canindé-CE), passou pelas etapas seguintes e voltou a Ipuarana, como professor em 1962, ficando nesta condição até 1970 quando pediu dispensa da ordem para constituir família; **Genival Cavalcante de Andrade** chegou em Ipuarana em 1942 para fazer parte da primeira turma desse Colégio e ficou até 1948; e **Tarciso Fernandes Ximenes** estudou cinco anos, de 1961 a 1966.

A principal finalidade a que se destinava o Colégio Seráfico de Santo Antônio era a formação de sacerdotes para a Ordem Franciscana, no sentido de restaurar a Província de Santo Antônio do Brasil que, até a construção desse Seminário, devia sua existência ao auxílio da província alemã da Saxônia. Mas, com a ascensão do regime nazista, essa ajuda foi sacrificada. E então, o dito Colégio foi construído na Paraíba, para ser a sementeira das vocações brasileiras. Foi construído exatamente na localidade de Lagoa Seca que era pertencente à cidade de Campina Grande, e, à época, também chamada de Ipuarana, daí o Seminário ter ficado conhecido, também, como Convento Ipuarana.

A formação do sacerdote franciscano compreendia três fases: o Seminário Menor, correspondente ao primeiro e segundo graus (ensinos Fundamental e Médio atuais); o noviciado (estudo não regular que corresponde a uma preparação a vida religiosa); e o Seminário Maior, compreendendo os Cursos de Filosofia e Teologia. O Seminário Menor correspondia ao estudo efetuado em Ipuarana, que eram quatro anos ginásiais e três anos do científico/clássico, num total de sete anos de estudos. Era o chamado ensino secundário. Mas, a Província Franciscana também mantinha escolas preparatórias onde era realizado o ensino primário.

3.1 Sobre os primeiros anos e os primeiros alunos de Ipuarana

Os primeiros alunos de Ipuarana chegaram em 22 de Agosto de 1941 na ocasião da solenidade de inauguração da parte já concluída do Seminário. Eram 19 meninos sob os cuidados de Frei Gervásio Michels e Frei Arthur Reckers .⁸⁶ A matrícula número 1 foi do aluno Simão Arruda Guimarães (Frei Felício) que era natural de Lagoa Seca, assim como João Poluca (frei Roberto) que também fazia parte desta turma, no entanto esses alunos não eram ainda do curso secundário, ao qual o Colégio se destinava.

No ano de 1941 a comunidade franciscana de Ipuarana contava com oito Frades (Frei Noberto Holl, reitor, Frei Manfredo Pantenburg, Frei Ulrico Moos, Frei Angelino Shaffeld, Frei Gervásio Michels e Frei Arthur, recém chegado) além do irmão cozinheiro Frei Jordão, o irmão noviço terceiro Frei Aulomino e um candidato ao hábito religioso. Com o início do curso secundário vieram mais padres para ensinar os alunos e o professorado aumentava a cada ano, à medida que aumentava a quantidade de alunos.

A abertura do curso secundário (ginásio) no Colégio Seráfico de Santo Antonio - Ipuarana ocorreu no dia 23 de fevereiro de 1942 e logo tiveram início as aulas, com 57 alunos. Mas Ipuarana não começou da estaca zero em 1942. Professores e alunos vieram transferidos do Colégio de São Pedro Gonçalves, em João Pessoa, que já funcionava desde 1929. A primeira turma, portanto, foi formada pelos alunos vindos de João Pessoa, e mais alguns vindos de outras escolas preparatórias que a Província mantinha espalhadas pelo Nordeste.

Os alunos que entravam no Seminário vinham de quatro escolas apostólicas, que havia em Tianguá, no Ceará, em Canindé também no Ceará, em Triunfo, Pernambuco e em João Pessoa, na Paraíba. Nessas escolas, era feito o ensino primário (1ª à 4ª série). A escola Apostólica de Canindé era o único desses colégios que tinha ainda dois anos de ginásio.

Os Estatutos do Colégio Seráfico de Santo Antônio Ipuarana, datados de 15 de novembro de 1967, apresentaram o Colégio como um estabelecimento particular, tendo seus estudos oficializados e reconhecidos pelo governo Federal, segundo a lei nº 1821 de 12 de março de 1953, que dispõe sobre o regime de equivalência entre diversos cursos de grau médio para efeito de matrícula no ciclo colegial e nos cursos superiores, e pelo Decreto 34330 de 21 de outubro de 1953.

⁸⁶ Frei Arthur, um dos primeiros a constituir o corpo de professores ipuaranenses, foi também um dos últimos a não abandoná-lo, permanecendo no Convento até a ocasião de sua morte ocorrida a 17 de março de 2006.

Mas, de início, o estudo em Ipuarana, assim como os cursos dos Seminários em geral, não eram reconhecidos pelo Ministério da Educação, de modo que, após deixar o seminário, alguns tinham que fazer um novo exame de admissão para continuar os estudos. Foi somente após 1953, que o curso secundário realizado em Ipuarana passou a ser reconhecido externamente.

A essa época, o sistema escolar brasileiro era dividido em Primário, Ginásial, Colegial (clássico ou científico) e Superior. O primário correspondia ao que hoje se conhece como ensino fundamental I (1ª a 4ª séries), o ginásio compreendia as séries que virariam o ensino fundamental II (5ª a 8ª série); e o colegial correspondia ao ensino médio atual, no entanto, ele se expressava nas modalidades clássico ou científico. O clássico tinha uma orientação mais voltada para a área de estudo das chamadas humanidades, e o científico dava mais ênfase às ciências exatas.

De 1931 até o ano de 1971 os alunos brasileiros eram submetidos ao exame de admissão. Exame de admissão era uma prova que selecionava quem iria do primário para o ginásio, era uma admissão ao ginásio. O exame compreendia provas orais e escritas. Quem não passasse no teste tinha que fazer um ano de admissão, ou seja, não podia prestar o exame novamente até o ano seguinte, então passava mais um ano estudando para prestar o exame novamente. Era, portanto, uma prova temida pelas crianças daquela época, uma espécie de vestibular antecipado. Em nível nacional, os exames de admissão foram introduzidos para o ingresso no Colégio Pedro II, através do Decreto nº 4.468 de 1º de fevereiro de 1870 e regulamentados pelo Decreto nº 981 de 08 de novembro de 1890. Posteriormente, por meio do Decreto nº 19.890 de 18 de abril de 1931, como parte da Reforma Francisco Campos, tais exames tornaram-se obrigatórios nas escolas públicas de todo o Brasil.

O Colégio Seráfico de Ipuarana só oferecia os cursos ginásial e secundário, então para entrar lá era preciso fazer o primário antes. Assim, dentre os meninos cativados para ingressar no Seminário de Ipuarana, os que não estivessem aptos a ingressar no ginásio, eram enviados, primeiro, a uma das escolas preparatórias da Província para cursar o primário. Assim aconteceu com o ex-aluno do Colégio de Ipuarana, João Batista Albuquerque. Ajudante de missa e tendo feito seu curso primário na Escola Paroquial São Judas Tadeu, anexa a igreja matriz do bairro de Salgadinho em Olinda- Pernambuco, onde morava, foi escolhido pelo seu

vigário, Frei Ulrico OFM⁸⁷, e enviado ao Seminário de Ipuarana. Mas, verificando-se que não acompanhava os estudos do primeiro ano ginásial, João Batista foi mandado para a Escola Preparatória de Triunfo, ainda em construção, onde iria formar a primeira turma daquela escola. No ano seguinte, estava de volta a Ipuarana onde cursou até a quinta série, e pediu para ir embora, com a intenção de voltar para casa e ajudar financeiramente sua família.⁸⁸

3.2 Sobre como os jovens iam parar em Ipuarana

Com relação ao ingresso dos alunos no Seminário de Ipuarana, havia toda uma organização. Era preciso a recomendação de um padre ou alguém ligado à Ordem que o indicasse, conhecesse a família e a procedência do candidato a seminarista, como nos informa o ex-professor de Ipuarana Cícero Agostinha Vieira:

Eles vinham recomendados já. Primeiro, tinham que ser recomendados por algum frade ou família, algum conhecido, mas depois, eles tinham que fazer o primário lá, o exame de admissão, porque só entrava aqui para o ginásio.⁸⁹

Na matrícula, era exigido dos alunos que eles apresentassem, além de registro civil e transferência escolar – como é de praxe nas escolas comuns – uma carta de recomendação de um sacerdote, de um religioso ou uma religiosa ou de outra pessoa idônea. Assim, vemos que, no caso de João Batista Albuquerque, citado acima, ele foi indicado pelo vigário de sua paróquia (Salgadinho, em Pernambuco).

Mas, a “seleção” dos meninos era feita, principalmente, pelos padres missionários que andavam pelas cidades do interior pregando nas chamadas Missões. Muitos dos ex-alunos revelaram nas entrevistas que tiveram seu primeiro contado com a vida sacerdotal, através dessas missões, e através das pregações desses padres, de modo que acabavam se encantando pelo estilo de vida pregado por eles, de uma vida missionária, de divulgador da Palavra, de entrega pessoal e de doação ao próximo.

Os frades franciscanos pra captar esses candidatos era assim: por exemplo, um padre vai fazer uma pregação numa cidade, que aquelas pregações se chamavam missões, as Santas Missões, e aqueles jovens sempre viam aqueles padres pregando, aquela coisa linda... impressionava. E aquele padre entrava em contato com aqueles jovens e dizia assim “você num quer ser padre?”, “Quer ser frade?” Aí começa na cabeça aquela curiosidade, depois vem pra cá, pro estudo. É evidente que a maioria não vai

⁸⁷ OFM= Ordem dos Frades Menores.

⁸⁸ Relatos de João Batista de Albuquerque nos livro **Minhas Memórias de Ipuarana**. Garanhuns: Tyoflan, 2000 e no artigo “*De como eu fui parar em Ipuarana*” in: **Ipuarana 70 anos** Recife: Editora Nossa Livraria, 2009.

⁸⁹ Cícero Agostinho. Entrevista concedida à autora em 19/03/2014.

ser frade, é só uma minoria, como Jesus diz na palavra “a messe é grande, mas muitos são os chamados e poucos os escolhidos”.⁹⁰

Ao chegar a um local, os missionários precisavam de ajudantes para as celebrações, que geralmente eram crianças da região que viravam coroinhas, e diante de sua dedicação e interesse, eram convidados a serem frades. Mas, é preciso destacar que, também nessas andanças, os padres missionários tinham contato com muitas famílias católicas, em geral carentes financeiramente, e falavam-lhes da possibilidade de seus filhos terem um boa educação e seguir na vida religiosa entrando para o Seminário e assim as “convenciam” a enviar seus filhos para o Seminário franciscano, que era visto como uma garantia de acesso ao estudo e possibilidade de um futuro promissor, dentro da ordem ou não. Para os franciscanos, engajados no projeto de restauração da Província no Nordeste do Brasil, urgia a necessidade de cultivar religiosos nacionais e, inaugurado o Seminário de Ipuarana, esforçavam-se em enviar jovens aptos para esse novo “celeiro de vocações”. Mas, supõe-se que não fosse preciso muito esforço de convencimento, afinal, pode-se dizer que era o sonho de toda mãe pobre e religiosa ter um filho sacerdote.

Os motivos de ter entrado no Seminário são vários. Em primeiro lugar, o meu contato com padres missionários que foram lá na minha cidade, precisamente no meu bairro, então tive a oportunidade de assistir as missões. Então os padres holandeses que chegaram lá e cantavam muito bonito, faziam aquelas pregações muito bonitas. Eu já fiquei muito entusiasmado. Pouco tempo depois, surgiu um outro frade franciscano, chamado frei Crisólogo, que também foi pregar missão lá, e eu, como morava, fiquei ajudando a ele lá naquelas coisas, e ele tinha a visão muito fraca. Era um alemão frei Crisólogo. E ele me, me provocou aquela vontade... Me despertou naquela expectativa de que eu poderia ser um missionário, porque eu não poderia ser missionário?⁹¹

Segundo o professor Cícero Agostinho, Frei Pascoal foi um frade muito conhecido em Lagoa Seca, que arrecadava ajudas e esmolas para levar para Ipuarana. “E ele saía junto às famílias, procurando saber quem queria ser padre”.⁹² Os padres missionários, como frei Pascoal, desempenhavam o papel de entrar em contato com os jovens meninos e encaminhá-los para o Seminário.

Quando perguntado o motivo de ingresso no seminário, a maioria dos entrevistados alegam o desejo de ser um frade franciscano, mas destacam também a ingenuidade e inexperiência, no momento de ingresso, já que eram muito jovens, a maioria com 11 ou 12 anos, e a pouca idade, segundo eles, os levava a tomar tal decisão sem saber bem, ainda, o

⁹⁰ Tarciso Fernandes Ximenes. Entrevista concedida à autora em 19/04/2014.

⁹¹ Ademar Cavalcante Gomes. Entrevista concedida à autora em 19/04/2014.

⁹² Cícero Agostinho Vieira. Entrevista concedida à autora em 19/03/2014.

que queriam para suas vidas. Justificando assim, o fato de terem deixado o seminário mais tarde.

O senhor Ademar Cavalcante Gomes, ex-aluno entrevistado, hoje com 70 anos de idade, estudou em Ipuarana no período de 1961 a 1965, considerado o período áureo de Ipuarana, em que o Colégio chegou a abrigar cerca de 250 alunos. O senhor Ademar contou que teve seu primeiro contato com a vida religiosa, através das missões que os padres missionários realizavam em sua Cidade natal Patos, e o passo decisivo para sua entrada no Seminário foi a ordenação de um tio seu, como padre franciscano que, assim, intermediou sua entrada em Ipuarana. Pois, como já foi dito, era preciso, para entrar no Seminário, a indicação de algum religioso.

E ele providenciou isso, e me deu todo aquele apoio, arranjou, como é que a gente chama padrinhos, patrocinadores ou padrinhos, como queira dizer, pra me ajudar no pagamento da escola porque era pago né. E ele fez todo esse trabalho pra mim, conseguiu pessoas que me sustentassem na escola.⁹³

O senhor Genival Cavalcante de Andrade, hoje bancário aposentado aos 88 anos de idade, estudou em Ipuarana de 1942 a 1948, fazendo parte das primeiras turmas do Colégio. Destacou como motivos para ter ido parar em Ipuarana, além do contato com padres, já que era coroinha, o aproveitamento escolar.

Olha foi por influência dos padres, eu era coroinha e os padres ficaram chamando, depois também o aproveitamento escolar, eu era um aluno destacado no primário, desde o primeiro ano primário, e fui por isso aí na questão dos padres, eles se interessaram e uma vez me perguntaram se eu queria vir para aqui eu disse que queria né, aí começou o processo de preparação, com mais uns dois anos eu vim para aqui, depois de ir primeiro pra São Pedro Gonçalves.⁹⁴

Um caso interessante foi o do ex-aluno, José Mário de Lima Holanda que ao contrário dos outros entrevistados que afirmam ter ingressado no Seminário o desejo de ser um franciscano, missionário ou frade, José Mário apontou como ensejo de sua entrada no Seminário um desentendimento com seu pai, por causa de uma bicicleta, o que o fez sair de casa, e os conselhos de um padre o levaram a Ipuarana:

“eu sempre fui um cabra namorador, mas na época meu pai tinha me negado uma bicicleta, então eu não tinha vontade de ser padre, apenas eu, por meu pai ter me negado uma bicicleta, por causa disso eu fui-me embora de casa. Aí tinha frei Bernadino, e eu fui conversar com ele e ele disse “você num quer ser padre não?” Eu disse “quero”.⁹⁵

⁹³ Ademar Cavalcante Gomes. Entrevista concedida à autora em 19/04/2014.

⁹⁴ Genival Cavalcante de Andrade. Entrevista concedida à autora em 19/04/2014.

⁹⁵ José Mário de Lima Holanda. Entrevista concedida à autora em 19/04/2014.

Como o pai de José Mario não quis pagar os custos para sua permanência no Colégio, Frei Bernadino que lhe fez o convite, arrumou-lhe uma família de benfeitores que pagou seus estudos, enquanto esteve no Colégio.

A questão dos benfeitores era muito comum e recorrente, pois a maioria dos alunos vinha de classe pobre cuja família não tinha condições de pagar a mensalidade do Colégio, então, os frades arrumavam esses benfeitores, que se tratavam de pessoas ou famílias de boas condições financeiras que apadrinhavam um aluno e, de forma anônima, arcavam com a parte financeira de seus estudos. Aquelas famílias que podiam arcar com as mensalidades pagavam, as que não podiam, os padres arrumavam os benfeitores. Como era uma ajuda anônima, muitos revelam em suas falas uma gratidão com relação aos benfeitores que custearam seus estudos, mesmo sem conhecê-los. O professor Cícero Agostinho revelou, no entanto, que anos mais tarde de ter passado por Ipuarana, teve a oportunidade de conhecer a pessoa que foi sua benfeitora.

Os frades arrumavam esse benfeitor que o aluno nem sabia quem era. Eu vim descobrir que a minha benfeitora morava em Olinda, quando eu estudava Filosofia lá no Convento, e eu tive curiosidade, fui visitar minha benfeitora num abrigo de idosos; ela era rica, mas estava lá, e eu fui me apresentar, a maior surpresa do mundo, eu nem imaginava nunca. E eu fui agradecer a ela que ela me ajudou a pagar meus estudos no Convento. Um gesto de gratidão.⁹⁶

Não podemos deixar de destacar que muitos também entravam no seminário por ser a única via de poder ter acesso à educação, tendo em vista que eram muito poucas as escolas públicas existentes naquela época, principalmente nas pequenas cidades, e povoados interioranos de onde vinha a maioria dos alunos para Ipuarana. Muitos meninos ou pais desses meninos procuravam o Colégio de Ipuarana por causa da fama do estudo bom, ou por recomendação de familiares que já haviam estudado em Ipuarana e davam testemunho da qualidade do ensino.

“Agora que lá naqueles municípios não havia escolas, a verdade era essa. Se encontrava uma ou outra cidade maior que tinha o ginásio. Naquele tempo, terminar o ginásio era muita coisa pra alguém.”⁹⁷

Na Paraíba, particularmente, até o ano de 1953, quando foi criado o Colégio Estadual de Campina Grande, existiu um único estabelecimento público de ensino secundário no Estado, o antigo Lyceu Paraibano. Enquanto isso, foram, justamente as congregações religiosas que se fizeram presentes na oferta do ensino secundário. Em Campina Grande,

⁹⁶ Cícero Agostinho Vieira. Entrevista concedida em 19/03/2014.

⁹⁷ Cícero Agostinho Vieira. Idem, ib.

durante a primeira metade do século XX, segundo Silva (2013), três instituições escolares protagonizaram a educação de grau médio até a implantação do Gigantão da Prata, a saber: Instituto Pedagógico Campinense (1919); Colégio Imaculada Conceição(1931) e Colégio Pio XI (1931).⁹⁸

Assim, podemos dizer que Ipuarana vai surgir no interior da Paraíba como uma referência em termos educacionais. E que muitas famílias enviavam seus filhos visando a garantir-lhes uma boa educação, tendo em vista a falta de colégios públicos na época.

Além de ter concluído o primário e passado no exame de admissão para o ginásio, o candidato a seminarista precisava atender a determinadas condições para ser admitido em Ipuarana entre elas: - ser filhos de pais que levam uma vida dentro dos princípios cristãos ; - gozar de saúde física e mental. Defeitos físicos acentuados, doenças orgânicas, hereditárias ou contagiosas, como também qualquer anormalidade (como os tipos neuróticos, efeminados, cleptomaníacos etc.) são impedimentos ao ingresso no Colégio, segundo os Estatutos *do Colégio Seráfico de Santo Antonio- Ipuarana- C.P. 88* datado de 15 de novembro de 1967. Para atestar isso, era preciso apresentar também atestado médico reconhecido em cartório. Esse ponto dos Estatutos revela que muitos jovens eram “excluídos” do acesso à Escola Seráfica por não se enquadrarem nas exigências do que era considerado “normal”.

Cada aluno também precisava montar um “enxoval”, com itens de uso pessoal, roupa de cama com destaque para a exigência de “1 roupa boa para domingos e festas”, e calçados variados : “sapatos; alpercatas para o diário; 1 par de chinelos havaianas e 1 par de chuteiras para futebol” e também “camisa para frio (importante por causa do clima)”. Grande parte das vezes o enxoval era doado pelos benfeitores.

Cheguei a Ipuarana com uma grande maleta de couro cru na qual estavam todos os meus pertences, roupa de cama, toalhas, trajes de vestir, tudo quanto cuidadosamente me foi preparado por minha mãe e que tinha sido dado por um benfeitor que o vigário de Salgadinho, Frei Ulrico, havia arranjado para mim.⁹⁹

⁹⁸ SILVA, Vivia de Melo. **O ensino secundário brasileiro, um olhar à Campina Grande-PB na primeira metade do sec. XX.** In: XXI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. UFPE. 10 a 13 de novembro de 2013. Disponível em: <http://www.epenn2013.com.br/EPENN_DISCO/Comunicacoes/GT02-Hist%C3%B3ria-da-Educa%C3%A7%C3%A3o/GT02_O_ENSINO_SECUNDARIO.pdf>. Acesso em 30 de julho de 2014.

⁹⁹ ALBUQUERQUE, João Batista de. **Minhas Memórias de Ipuarana.** Garanhuns: Tyoflan, 2000. p. 32

3.3 Sobre como se organizava o currículo do Colégio Seráfico de Santo Antônio

A abertura do curso secundário no Colégio Seráfico de Santo Antonio – Ipuarana foi celebrada com solenidade a 23 de fevereiro de 1942. Ainda não estavam concluídas todas as instalações, mas já estavam em condições de abrigar uma quantidade de 57 meninos e rapazes que fizeram parte daquele primeiro “batalhão”. Naquele primeiro momento, na administração da instituição estava Frei Norberto, como Superior do Convento e Reitor do Seminário, até agosto de 1942, quando uma reunião entre os padres definidores que se encontravam em Ipuarana decidiram separar os cargos de Superior do Convento do de Reitor do Seminário, para o qual foi designado Frei Silvério, permanecendo nele até o fim de 1944. A partir daí, os dois cargos permaneceram unidos na mesma pessoa. Auxiliando o Reitor, havia os Prefeitos. Aos prefeitos competia a orientação direta dos alunos e a disciplina. Ao Diretor de Estudos competiam as questões referentes a programas, aulas, estudos, rendimento dos estudos etc.

No livro *Ipuarana 70 anos*, João Batista de Albuquerque cita as 10 finalidades do Seminário de Ipuarana, quais sejam:

1. Formar homens fisicamente sadios;
2. Emocionalmente amadurecidos;
3. De vontade;
4. Intelectualmente aptos;
5. Sociáveis;
6. Socializáveis;
7. De iniciativa;
8. Católicos conscientes;
9. De ação;
10. Sacerdotes franciscanos.¹⁰⁰

Os estudos realizados no Colégio Seráfico, portanto, deveriam confluir no atendimento dessas dez finalidades, em que se destaca uma formação humanística para além da preparação intelectual.

O currículo de estudos compreendia as seguintes disciplinas: Religião, Português, Latim, Grego, Alemão, Francês, Matemática, História, Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil, Geografia, Ciências, Física, Química, Biologia, Música, Canto, Liturgia, Desenho, Caligrafia, Ginástica.

¹⁰⁰ ALBUQUERQUE, João Batista de; MORAES, José Clotário Dantas (coordenadores) **IPUARANA:70 ANOS**, Recife: Editora Nossa Livraria, 2009.p.45.

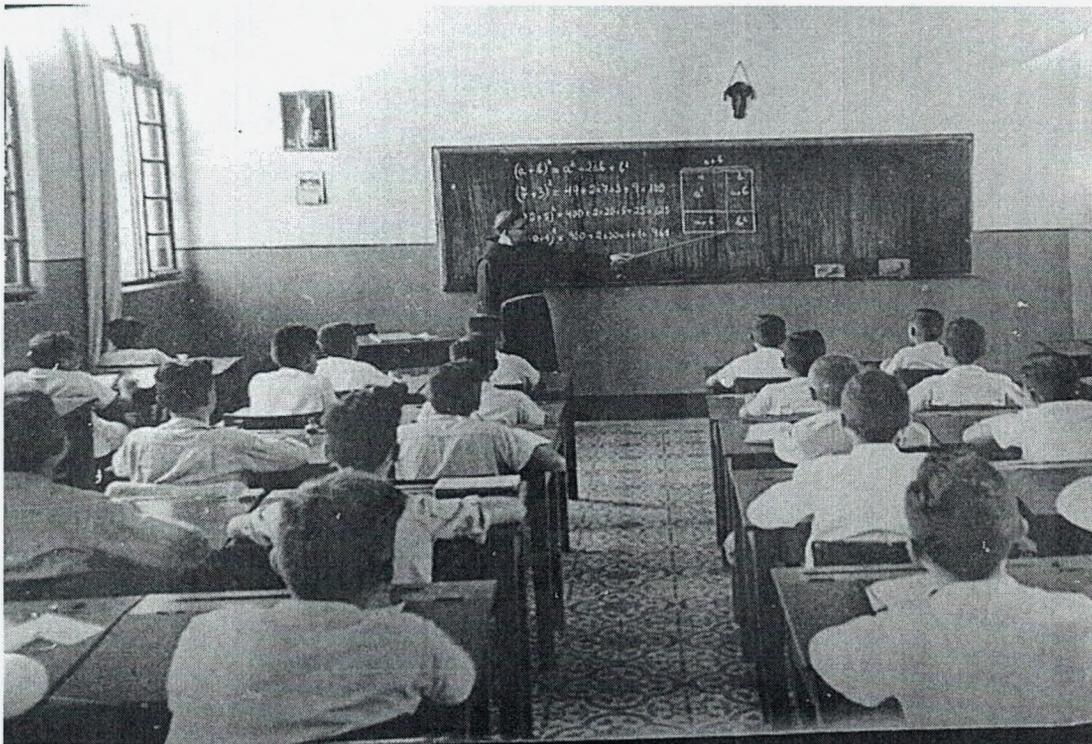


Figura 7- Aula de matemática.

Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana

Na imagem acima visualizamos uma aula de matemática sendo ministrada por um padre. O professorado dos primeiros anos era, na sua maioria, a continuação do Colégio de Bardel, que havia sido fechado na Alemanha. Com a reabertura do Colégio de Bardel, em meados da década de 50, alguns desses professores foram transferidos, aos poucos para a Alemanha. Em 1961-62 chegaram a Ipuarana muitos padres novos, brasileiros que já haviam sido alunos Ipuarana, como é o caso de Cícero Agostinho Vieira (Frei Olegário), que foi nosso entrevistado.

O ex-professor de Ipuarana, Carlos Almeida Pereira (Frei Filipe) e autor do livro *Ipuarana 2000: refazendo uma caminhada*, aponta Frei Paulo (professor de Latim e Biologia), Frei Marcelo (professor de Grego e Latim) e Frei Manfredo (professor de Latim, Grego e História) como “o esteio forte do primeiro núcleo do professorado” de Ipuarana.

Frei Marcelo, de acordo com a descrição de Pereira (1999), era “um frade alegre, de mente culta e aberta, idealista, entusiasta, muito respeitado por sua cultura”¹⁰¹. Foi dos resultados de uma viagem que Frei Marcelo fez à Amazônia, em companhia de Frei Tomás Kockmeyer e de Frei Protásio Frickel, que se montou o Museu do Índio em Ipuarana, posteriormente, em 1951. Doutor em literatura grega, Frei Marcelo foi convocado, em 1951, para ensinar no Colégio de Bardel que, depois da guerra, foi restituído aos frades pelas autoridades de ocupação na Alemanha e reaberto como Colégio Missionário.

Pereira descreve Frei Paulo como “um tipo de uma aparência severa e exigente, quase militar, capaz de explodir por causa de alguma brincadeira ou travessura, e por isso causava um certo medo aos alunos, principalmente aos que não o conhecessem ainda.”¹⁰². Mas Frei Paulo também se destacou durante o período que esteve em Ipuarana (1942-1962) pela dedicação aos trabalhos pastorais que realizava na comunidade de Jenipapo.

O terceiro dos professores citados como base do núcleo de professorado, Frei Manfredo, é descrito como “baixinho, com um sotaque carregado era, no entanto, uma figura respeitada por todos, sensata quase paternal”¹⁰³. Mas, uma característica de Frei Manfredo também presente nas outras bibliografias, era seu caráter disposto ao trabalho e de ativo missionário. Além de professor, ele era responsável pelos vários núcleos de catecismo que ele criou nessa região, além de assumir as funções de “quase pároco” da localidade de Lagoa Seca antes da criação da Paróquia.

Outro personagem marcante do quadro de professores de Ipuarana foi Frei Arthur, desde o ano de 1941 já prestava serviços na educação dos meninos na fase preparatória, e após a inauguração do curso secundário também. Assumiu o cargo de Padre Prefeito em Ipuarana, de 1951 a 1954 e de Guardião, de 1955 a 1960, voltando a assumir atividades didáticas nos últimos anos de funcionamento do Colégio (1971-72).

O curso de sete anos no Colégio Seráfico de Ipuarana era bastante rigoroso, com média mínima de 7,0 pontos em cada matéria. O currículo era basicamente o mesmo do oficial, porém com o principal diferencial que era a forte ênfase nas línguas, do primeiro ao quarto ano, era acrescido o estudo diário do latim, do segundo ao quarto ano, de alemão e do quarto ao sétimo, e do grego. Um fato curioso é que o inglês não era estudado, e segundo

¹⁰¹ PEREIRA, Carlos Almeida. **Ipuarana 2000**: refazendo uma caminhada. Belém- Pa, 1999. p.27.

¹⁰² Idem, ib. p.28.

¹⁰³ Idem, ib. ibidem. P.28.

alguns ex-alunos era até proibido dentro do seminário, pois era essa a principal língua exigida no mercado de trabalho e seminário não visava a preparar trabalhadores, mas sim sacerdotes franciscanos, daí a importância do latim, uma língua clássica. E o estudo do alemão se justificava pelo fato de a grande maioria dos professores serem alemães. No entanto, apesar de a língua inglesa não constar no currículo, como disciplina, entre os alunos, uns passavam aos outros, o que sabiam dessa língua, tão requisitada no mundo do trabalho. Como demonstra o depoimento do ex-aluno Olívio Martins, no livro *Ipuarana 70 anos*:

Meus mestres em inglês, em Ipuarana, foram os colegas paraenses Ary (Ary Jansen Branco) e Alceu (Alceu Oliveira Matos). Posteriormente, quando saí de Ipuarana, estudei inglês no Instituto Brasil - Estados Unidos (IBEU), em Fortaleza. O inglês que me foi ministrado pelo Ary e pelo Alceu foi mais que suficiente para ser aprovado nos vestibulares da Faculdade de Letras e da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará.¹⁰⁴

O estudo do inglês foi introduzido no currículo do Seminário em dezembro de 1953, quando o curso ginásial de Ipuarana é equiparado ao curso oficial dos Ginásios brasileiros. De acordo com o Registro Escolar do Seminário de IPUARANA 1952-1963, já no Definitório¹⁰⁵ de junho de 1952, resolveu-se equiparar o curso ginásial de Ipuarana aos cursos oficiais “pensando em oferecer mais vantagens, tanto aos alunos que perseveraram como àqueles que, depois de alguns anos, voltam para casa”.¹⁰⁶ Os documentos para obter a equiparação já tinham sido enviados ao Ministério da Educação, quando a 12 de março de 1953, foi publicada a Lei nº. 1821, que dispôs sobre o regime de equivalência entre diversos cursos de grau médio para efeito de matrícula no ciclo colegial e nos cursos superiores. Por essa lei que foi regulamentada no Decreto nº 34.330, de 21 de outubro de 1953, o Seminário alcançava as vantagens desejadas sem ser necessária a equiparação, assegurando que os alunos que deixassem os Seminários estariam aptos à matrícula na primeira série de qualquer curso superior, desde que passasse no exame de vestibular.¹⁰⁷ Diante disso, tratou-se pois, de adaptar o programa do Colégio Ipuarana à nova situação criada com a lei nº 1821, a fim de aproveitar, da melhor maneira possível, as facilidades oferecidas pelo Governo, porém com a preocupação de seguir da melhor maneira possível as normas da Santa Sé e preservar o caráter humanístico próprio de um Seminário. As principais modificações foram, pois, as seguintes:

¹⁰⁴ *Missão cumprida*. In: ALBUQUERQUE, João Batista de; MORAES, José Clotário Dantas (coordenadores) **Ipuarana: 70 anos**, Recife: Editora Nossa Livraria, 2009. P.348

¹⁰⁵ Reunião de Definidores, tratava-se do órgão maior de decisão da Província.

¹⁰⁶ Registro Escolar do Seminário de IPUARANA 1952-1963. P.13

¹⁰⁷ **Lei 1821/53 | Lei no 1.821, de 12 de Março de 1953**. Dispõe sobre o regime de equivalência entre diversos cursos de grau médio para efeito de matrícula no ciclo colegial e nos cursos superiores Art. 2º, inciso V.

a) o Alemão passa do 2º para o 4º ano; b) o Francês começa no 2º ano em vez de no 5º; c) o Grego passa do 4º para o 5º ano; d) introduz-se o estudo do Inglês a partir do 3º ano; e) ensina-se Música em todas as classes; f) a Química passa do 4º para o 5º ano; g) Francês e Inglês são muito reduzidos nas classes superiores, a fim de contemplar melhor o Grego e o Alemão.¹⁰⁸

As alterações foram implantadas no ano letivo de 1954.

Dentro do currículo, um lugar especial era dedicado às artes, o teatro era apreciado, mas a música predominava. Sinal disso é que, com as alterações promovidas em 1953, a música torna-se obrigatória em todas as classes. Ensina-se a tocar instrumentos de corda (violino, violoncelo, bandolim, cavaquinho), instrumentos de sopro, os mais variados, órgão, bem como havia aulas de teoria musical. Existia a banda de música para as solenidades cívicas, que de acordo com os depoimentos, era bastante requisitada nos desfiles de 7 de Setembro na cidade de Campina Grande; e o coral, que fora organizado por Frei Adriano Hypólito, o professor de Língua e Literatura que também era músico, compositor e regente. O coral de Ipuarana se apresentava em todas as ocasiões especiais, além das missas solenes.



Figura 8- Coral de Ipuarana.

Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana

¹⁰⁸ Registro Escolar do Seminário de IPUARANA 1952-1963. p.19

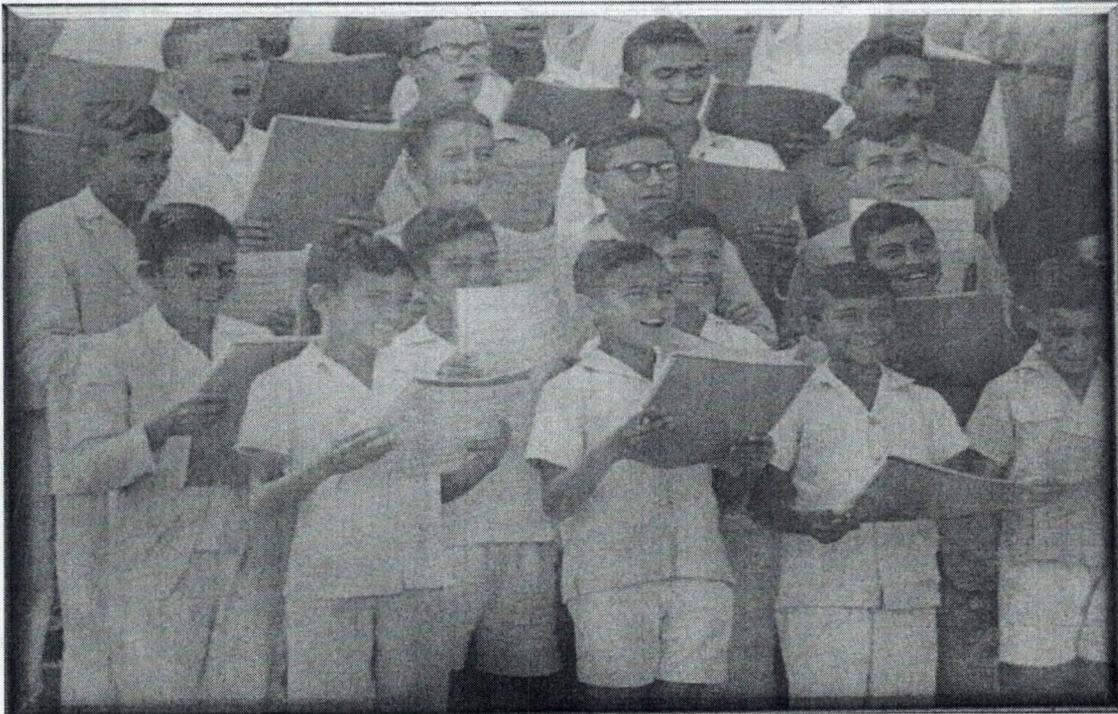


Figura 9- Coral de Ipuarana
Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana

As duas fotografias acima são imagens análogas, mas registram momentos do coral de Ipuarana de formas singulares, devido ao foco que é dado pelas lentes que as capturaram. A primeira fotografia revela o aspecto disciplinar dessa atividade, não apenas por se realizar no interior de um Seminário religioso e sob as ordens de um padre, mas pelo caráter formativo que o canto em coro expressa por si só. Na imagem, rapazes bem vestidos, mãos para trás, alguns de cabeça baixa e com o padre regente à frente. Não temos acesso ao áudio dessa imagem, mas podemos imaginar suas vozes em harmonia, executando alguma música do “cancioneiro de Ipuarana”.¹⁰⁹ A segunda imagem, mais aproximada de seu objeto – os alunos de Ipuarana executando cantos em coral – revela o aspecto recreativo da música. Ao contrário da primeira imagem, a segunda não nos permite a visão do coral no todo, mas as expressões faciais dos meninos são mais visíveis, revelando sorrisos e mesmo um dente faltando. As mãos, segurando as partituras, e não se vê o padre regente. Assim, é possível compreender que a música desempenhava um papel, tanto de estratégia disciplinadora, quanto de elemento lúdico.

Como estabelecimento de ensino, a iniciativa se destinava a proporcionar o desenvolvimento intelectual dos candidatos ao sacerdócio na Ordem Franciscana,

¹⁰⁹ “Cancioneiro de Ipuarana” trata-se de uma coletânea de músicas deixada pelo frei Adriano Hypólito, algumas composições próprias e outras clássicos da música brasileira, que eram costumeiramente cantadas pelos alunos nas horas de recreio a ainda hoje cantadas nos encontros dos ex-aluno .

vindos dos mais distantes e diversos pontos do Nordeste. Lançar as bases duma cultura geral para receberem a formação filosófica e teológica.

Já há 23 anos funcionam aqui o curso ginásial de 4 anos e o colegial clássico de 3 anos.

Mas a formação intelectual e cultural não pode ser adquirida apenas através das aulas programadas pelo currículo. O aluno deve ter oportunidade de desenvolver seu espírito de iniciativa, seu espírito criador, suas tendências artísticas.

São as atividades extracurriculares que oferecem esta oportunidade. Desde cedo os nossos mestres perceberam a importância dessas atividades para o crescimento intelectual harmonioso, e procuraram aos poucos despertar para a utilização desses instrumentos.¹¹⁰

A música, também, fazia parte do currículo oficial das escolas públicas. A partir da reforma educacional realizada por Francisco Campos em 1931, o canto orfeônico era matéria obrigatória no currículo do ensino secundário. Tal obrigatoriedade se inseria no projeto pedagógico-político do Estado Novo, onde os hinos patrióticos e a música nacionalista executadas nos orfeões escolares seriam uma parte importante, por realizarem a tarefa de promoção do civismo e da disciplina coletiva. Também as autoridades do governo conheciam a capacidade pedagógica e educativa da música.

Frei Adriano Hipólito, além de músico, foi um dos grandes mestres da literatura em Ipuarana. E esta também era uma disciplina bastante apreciada pelos alunos. A biblioteca de Ipuarana era bastante requisitada. No artigo, “Revivendo Ipuarana”, José Clotário Dantas relata suas lembranças no que diz respeito à biblioteca do seminário. Vizinha ao refeitório e dividindo os claustros dos pequenos e médios, de acordo com Clotário Dantas, a biblioteca ficava em uma área estratégica e neutra: “uma área de comunicação com o mundo”, porque era aí que se tinha acesso ao rádio, em torno do qual se reuniam para ouvir transmissões do *Repórter Esso*, falando de Pernambuco para o Mundo, e as revistas externas, como o *Cruzeiro*.

Listando os livros mais apreciados da rica biblioteca do Seminário, estão os clássicos da literatura Brasileira e portuguesa – de Gilberto Freyre, Guimarães Rosa, Eça de Queirós, Machado de Assis... – Lista também, os proibidos, chamados por ele os “perigosos” – tratava-se das leituras censuradas dentro do Seminário – dentre os quais “A Carne” de Júlio Ribeiro, e a “As Pupilas do Senhor Reitor”, de Júlio Dinis, ainda “O crime do Padre Amaro” e “A Relíquia”. Mas o fato de serem proibidos nem sempre queria dizer que esses livros não fossem lidos, talvez o próprio fato de serem taxados como “proibidos” aguçasse ainda mais a curiosidade dos alunos em lê-los. O próprio Clotário Dantas diz que leu às escondidas o livro

¹¹⁰ Frei Aurélio Aquino, O.F.M. - *Revista Santo Antônio edição comemorativa dos 25 anos* - 1965.

“Lucíola” em plena “idade crítica”, já A Carne” e a “As Pupilas do Senhor Reitor”, conta que tentou ler sem sucesso. Além das obras da literatura Brasileira e portuguesa, destaca ainda os autores que eram requisitados nos retiros anuais ou por recomendação do Diretor Espiritual, como Mons. Tihámer Toth, que segundo Clotário, o impressionava pela força da linguagem com que alertava os jovens quanto aos perigos dos pecados contra a castidade.

João Batista Albuquerque também conta nas suas Memórias de Ipuarana sobre os livros mais requisitados nas horas de estudo livre, os romances de aventura de Karl May, como “Winnetou” I, II e III e, Pelo Kurdistão Bravio, segundo ele, eram os prediletos.

De início, apenas padres franciscanos podiam lecionar no Colégio de Ipuarana. A maioria dos professores era então formada por padres alemães. Mas, com o passar dos anos, também professores leigos, isto é, não ordenados, passaram a ser contratados pela Província para dar aulas no Seminário, inclusive professoras, o que foi bastante significativo, tendo em vista que o regime era bastante fechado e havia os cuidados para não se aproximar do sexo oposto. Mas a presença feminina já se verificava em Ipuarana desde 1951, através das madres franciscanas que habitavam a casa chamada de Porciúncula e tomavam conta da cozinha e da lavanderia do Seminário. A Porciúncula foi erguida a 150 metros abaixo da portaria do Seminário e entregue a sua finalidade no dia primeiro de Novembro de 1951. As irmãs eram procedentes do Ginásio Santa Rita, da cidade de Areia. Houve também ex-alunos, que após concluir os estudos e tornarem-se sacerdotes, retornaram a Ipuarana como professores, como foi o caso do professor Cícero Agostinho Vieira (Frei Olegário) e Antonio Gomes dos Santos (frei Davi). Ambos, posteriormente, pediram dispensa da ordem para constituir família e hoje são professores aposentados, tendo lecionado nas Universidades Estadual da Paraíba, Federal de Campina Grande e FURNE.

Também o quadro das disciplinas e das respectivas quantidades de aulas alterou-se ao longo dos anos, seja pela disponibilidade dos professores, seja pela busca de uma melhor adaptação aos currículos oficiais. Atividades extracurriculares eram feitas com freqüência, como concursos e exposições literárias, além da exposição de física. A aquisição de material e laboratório e a instalação da “Sala de Física”, em 1960, foram empreendidas por Frei Filipe, constituindo essa sala, o primeiro laboratório de alto nível em escola secundária da região.

No final de cada ano letivo no Colégio Seráfico, havia a solenidade de entrega dos boletins e as notas dos alunos eram lidas em público, comentando-se o comportamento,

aplicação, ordem e as disciplinas mais fracas. Certamente essa leitura das notas era aguardada pelos alunos, com nervosismo, pois diante de todo o Colégio reunido, se tornava público quem havia tirado o primeiro e último lugar na classe, quem fora aprovado e quem não.

O ensino promovido no Colégio Seráfico de Santo Antônio era parecido com o das escolas oficiais, porém diferenciava-se pela ênfase no estudo de línguas variadas e também pelo destaque ao campo artístico, seja por meio do teatro, da literatura, da música, revelando aquele que era o aspecto principal que visava a desenvolver nos alunos, o seu lado humanístico. Daí a preocupação em se formar jovens, não apenas intelectualmente aptos, mas também “sociáveis; socializáveis; de iniciativa; emocionalmente amadurecidos”. Essa preocupação se devia ao fato de que o Colégio estava voltado à formação de sacerdotes franciscanos, aliás, esse era o motivo de sua existência. No entanto, seus resultados apontaram para outro lado: a formação de profissionais de atuação na sociedade.

Culturalmente isso aqui é incomparável. Aluno saindo daqui estava preparado é pra concurso, na época Banco do Brasil, Banco do Nordeste, faculdades... A gente recebe uma formação muito dura, mas muito eficiente que a gente faz concurso e passa, faz faculdade e passa. As dificuldades são mínimas comparando com o estudo de modo geral fora. A educação era muito superior aos outros colégios, não se comparava porque o colégio comum, fora, ele não tem esse esmero, esse rigor da disciplina, do alemão que é um povo muito rigoroso, primordialmente, em todo sentido se aplicava aqui.¹¹¹

A formação humanística é a que mais marca. Da parte da formação intelectual, cultural, acho que bate qualquer outro nível. A experiência que eu tive; ensinei em Escola Normal, no Pio XI, em vários colégios aqui em Campina; ensinei na Universidade Federal, na Universidade Estadual, na Furne. Tudo isso aí, o preparo, a formação que se dava lá, mostra que os ex-alunos de Ipuarana, onde chegam, de maneira geral, eles brilham, pela formação que tiveram. Formação muito sólida, científica, cultural.¹¹²

Durante seu período de funcionamento, o Colégio Seráfico Santo Antônio recebeu a quantidade de 1.476 alunos, destes, nem todos seguiram a vida religiosa, na verdade, dos que passaram por Ipuarana, poucos chegavam ao sacerdócio e, desses poucos, outros ainda saíram depois de ordenados. De acordo com a Revista Santo Antonio de 1972, durante 30 anos de trabalho no Seminário de Ipuarana, 184 alunos concluíram os estudos, desses concluintes resultaram 39 padres atuando na Província, isto representa 2,6% dos alunos matriculados.¹¹³ Uma grande maioria, após formação intelectual obtida em Ipuarana, alçou carreira

¹¹¹ Tarciso Fernandes Ximenes. Entrevista concedida à autora em 19/04/2014.

¹¹² Cícero Agostinho Vieira. Entrevista concedida à autora em 19/03/2014.

¹¹³ ALMEIDA, Frei Carlos. *Os 30 anos de Colégio Seráfico em Ipuarana*. In: **Revista Santo Antonio**, julho de 1972. N°2.p.p.16-18.

profissional de destaque na vida pública, ocupando cargos como professores, advogados, bancários, acadêmicos de direito, de medicina, políticos etc.

Os ex-alunos entrevistados, de um modo geral, destacam a qualidade do ensino recebido no Colégio Seráfico de Ipuarana, que lhes permitiu alçar carreira na a vida pública em universidades e em cargos de destaque na sociedade. Como enfatiza o entrevistado Ademar Cavalcante Gomes: “Era um ensino superior ao ensino existente fora daqui, porque aqui a gente estava realmente pra estudar.”¹¹⁴

3.4 Sobre a rotina: disciplina e diversão

O Colégio Seráfico de Ipuarana era dividido em duas alas distintas, em dois claustros. No primeiro, ficavam os menores, do 1º ao 4º ano, e, no segundo, os maiores, do 5º ao 7º ano. Mas todos, do 1º ao 7º ano cumpriam a mesma rotina que, basicamente, girava em torno de três atividades: estudo, oração e trabalho, onde também podemos acrescentar o lazer.

Um Seminário que visa a formar frades pressupõe uma vida de clausura, disciplina e estudo, e em Ipuarana não era diferente, seguindo o que se costumava encontrar nos outros seminários. O rigor da disciplina em Ipuarana é considerado por alguns, como sendo forte devido ao fato de ser comandado por padres alemães, que são conhecidos como rígidos, como argumenta um ex-aluno entrevistado.

A rotina aqui dentro eu sempre costumo dizer que é como se fosse um quartel militar. Porque a rotina de um seminário ela é muito rigorosa por si só. O fato de a gente ter sido educado pela grande maioria dos padres alemães. O alemão ele tem por característica a rigidez pra disciplinar, então a rotina aqui era muito dura, assim, a gente acordava cedo, tinha hora pra tudo, acorda 05h30min, era tudo na hora não tinha coisa de você “não deixe pra depois...” não, era tudo na hora. Essa formação de um seminário, além de ser rigorosa em qualquer situação, o fato de ter sido os alemães aí era que aumentava. Era quase como fosse um quartel¹¹⁵

Mas é preciso lembrar que o conceito de disciplina, assim como tantos outros se transforma com o tempo, de modo que muitos hábitos que hoje são vistos como repressivos e constrangedores, tempos atrás, poderiam ser vistos com normalidade.

Eu acho que a formação devia ter sido aquela formação mais livre pra que a gente pudesse avaliar a nossa vocação, tivesse aquela chance de ter um contato maior com a realidade do mundo. A gente ia de férias, a gente ia com aquela couraça, com aquela proteção, pra não se aproximar das primas, era como se fosse uma tentação sabe. Então isso eu acho que foi uma coisa errada, não foi bom, talvez naquele

¹¹⁴ Ademar Cavalcante Gomes. Entrevista concedida à autora em 19/04/2014.

¹¹⁵ Tarciso Fernandes Ximenes. Entrevista concedida à autora em 19/04/2014.

tempo, não sei, eu pessoalmente não achei bom. Porque depois a gente vê e vai vendo as consequências de tudo isso pra vida da gente, sabe.¹¹⁶



Figura 10- Sala de aula de Ipuarana
Fonte: Acervo da Biblioteca do Convento Ipuarana

Um ex-aluno em artigo no livro *Ipuarana 70 anos* apresenta-nos como era a rotina em Ipuarana nas décadas de 50 e 60, informações que transcrevo abaixo.

“De 2º a sábado (exceto em dia feriado ou nas férias) era assim:
Horário – Atividade

04:55 – acordar e higiene matinal
05:15 – oração da manhã e meditação no salão
05:30 – missa (capela)
06:10 – 1º estudo (sala de aula)
06:50 – café
07:20/08:05 – 1º aula
08:10/08:55 – 2º aula
09:00/09:45 – 3º aula
09:50/10:15 – merenda e preparação das mesas para o almoço
10:15/11:00 – 4º aula
11:05-11:50 – 5º aula
12:00 – hora do angelus (capela)
12:10 – almoço, seguido de leitura de um livro comum
12:40/13:15 – recreio e serviços de limpeza
13:15 – reza do terço (3 mistérios) na capela
13:30/14:40 – esporte de campo/ ginástica
15:00/15:20 – banho
15:30 – merenda (e curativos para os acidentados)
15:45/16:45 – estudo obrigatório

¹¹⁶Ademar Cavalcante dos Santos. Entrevista concedida à autora em 19/04/2014

16:45/17:00 – intervalo e preparação das mesas para o jantar
 17:00/17:50 – estudo obrigatório
 18:00 – angelus e às seg. e quintas- leitura espiritual em sala; às terças- responso de Sant' Antônio; às sextas – via-sacra; às quartas- “semana-em-revista”
 18:15 ou 18:30 – jantar, seguido da continuação da leitura
 18:50-19:45 – recreio/música/Reporter Esso/ reza do terço (2 mistérios restantes) e a oração da noite
 20:00 – higiene noturna, dormir (para alguns médios, e para os grandes, estudo livre)
 21:00 – dormir
 No sábado, a parte da tarde era meio diferente:
 Em vez de jogos, busca de roupa limpa e trabalhos variados e pessoais. Os estudos continuavam, mas às vezes, um era livre para se ler romances ou, quando a vez era da turma, escrever cartas. Às seis da tarde, leitura espiritual. Às vezes, às 20:00 – reunião do Apostolado da Ordem Terceira.
 No domingo tudo era diferente. Quer saber?
 05:30 – acordar
 05:45 – oração da manhã e meditação
 06:00 – missa dominical
 06:30 – café
 06:50/07:30- tempo livre
 07:30/09:00 – missa solene com canto gregoriano (às vezes com coral, orquestra)
 09:30/10:30 – estudo obrigatório ou jogo importante
 10:30/11:15 – tempo livre
 12:00 – angelus seguido do almoço
 12:40/13:15 – recreio
 13:15 – reza dos 3 mistérios do terço
 13:30/14:30 estudo livre
 14:30/17:50 – tempo livre, jogos diversos, recebimento de visitas, com direito a merenda às 15:30
 18:00 – bênção solene do Santíssimo, seguindo o jantar e o resto igual aos dias da semana.”¹¹⁷

As tarefas para manutenção da ordem nas dependências de todo o Colégio, compreendendo dormitórios, eram divididas entre os alunos. Uma equipe se encarregava da limpeza do refeitório e serviços, outra, da varrição diária e lavagem dos claustros, outra do dormitório e assim por diante, de forma que toda a limpeza do prédio ficava a cargo dos próprios alunos. No interior de um Seminário Franciscano não se devia perder de vista a ordem, a disciplina, a obediência às regras de funcionamento da instituição e o respeito aos preceitos religiosos.

“Braços cruzados sobre o peito, silêncio absoluto, a fila caminhava para a igreja, preenchendo os bancos da frente para trás, não sendo permitido olhar para os lados, sempre cabeça baixa. Assim era pela manhã, como era no final do dia para a oração da noite, antes de sermos recolhidos ao dormitório, sempre acompanhados do olhar atento do Pe. Prefeito, temido por todos”¹¹⁸

Havia no Colégio Seráfico de Santo Antônio, um regulamento interno com as normas sobre o comportamento dos alunos, seja durante as aulas, como dentro da igreja, com relação

¹¹⁷ Edson Barbary. In: **Ipuarana 70 anos**. Coord.: José Clotário Dantas de Moraes e João Batista de Albuquerque. p.p 225-228.

¹¹⁸ ALBUQUERQUE, João Batista de. **Minhas Memórias de Ipuarana**. Garanhuns: Tyoflan, 2000,p.33

ao trato com os padres professores. Quanto ao procedimento durante as aulas, as orientações versavam não somente sobre o esforço e interesse com que devem realizar seus estudos, como também sobre como sentar-se e observar as regras de higiene, de modo que lê-se artigos como os seguintes:

Capítulo terceiro, inciso 4: Os alunos devem assistir ao ensino com toda atenção e considerar como causa indigna de um aluno bem educado brincar ou fazer coisas semelhantes na aula. Todos tenham uma posição decente, conservando-se quietos, sem se voltar para cá ou para lá, o corpo sempre erecto e as mãos sempre acima da carteira. Não apoiem com os cotovelos e evitem cruzar as pernas ou esticá-las demais.[...] **Capítulo quarto, inciso 8:** Quanto a posição todos atendam às regras de higiene e da boa educação. Sentem-se, pois, direito, não encostem o peito a banca, e não se debruçam sobre os livros ¹¹⁹

Os alunos podiam ser “demitidos” (expulsos) do Colégio a qualquer momento se lhes fosse verificado algum desvio comportamental bem como insuficiência nos estudos. No primeiro semestre do ano de 1955, por exemplo, saíram 33 alunos do Seminário. Desses, 2 saíram por problemas de saúde, podendo voltar assim que se recuperassem. Os outros, segundo o Registro Escolar, “foram demitidos de uma só vez, um por incapacidade intelectual, outros por serem de temperamento associal ou psicastênicos ou psicopatas, e alguns por moleza ou esfriamento irremediável na vocação”.¹²⁰ Tais dispensas, logo no primeiro semestre de aulas é visto pelo vice-Prefeito dos Estudos e redator do registro escolar, como vantajoso, pois “não se perde tempo inutilmente”. Acrescenta ainda que “são vantajosas para os que têm vocação, por não se verem expostos à influência de elementos incapazes do sacerdócio e da vida religiosa”.¹²¹ Mas também havia aqueles que deixavam o seminário por vontade própria, o que acontecia principalmente, durante as férias, ocasião em que alguns iam para casa e não voltavam mais.

Como era em regime de internato, os alunos moravam no Seminário e só iam para casa uma vez por ano, nas férias. No entanto, nem todos podiam ir, porque não tinham dinheiro para viajar. Então passavam o mês das férias no Seminário, e recorriam a outras vias que lhes permitissem entretenimento. Segundo o ex-aluno e professor Cícero Agostinho, por vezes, os alunos que ficavam no tempo das férias, organizavam pequenas apresentações teatrais para a população de Lagoa Seca e cobravam ingressos, como forma de arrecadar dinheiro para irem a alguma praia de João Pessoa, já que essa era uma viagem que poderia ser feita com poucos recursos e garantia diversão para a molecada.

¹¹⁹ **Regras para os alumnos do Collegio Seraphico de Sant’Antônio em Parahyba.**

¹²⁰ **Registro Escolar do Seminário de IPUARANA 1952- 1963.** p.37.

¹²¹ Idem. Ib.

Eu mesmo, no primeiro ano que eu vim para o Colégio, eu fiquei nas férias. A gente preparava aqueles dramazinhos [peça de teatro] para o pessoal de Lagoa Seca, que pagava o correspondente a 2 reais, para ver os dramazinhos, para a gente poder juntar um dinheirinho, para poder ir para praia. Como aluno do Colégio, os padres levavam a gente para passar lá, na praia, nas férias do fim do ano, porque não tinha dinheiro.¹²²



Figura 11- Alunos de Ipuarana em passeio na praia.
Fonte: Acervo pessoal de Antonio Gomes dos Santos

Momentos muito apreciados pelos alunos eram os passeios, em que os padres professores levavam os alunos para um dia fora do Seminário. Eram levados geralmente para algum lugar onde houvesse açude ou rio próximo, atrativos que animavam os garotos, mas, sobretudo pela liberdade de um dia longe da rotina do Seminário. Amaragi, Pedra do Marinho, Pedra de Santo Antônio, Fazenda Amazonas, Açude Olímpio Coura eram alguns dos destinos. Tais passeios aconteciam com maior frequência no período de férias, para aqueles que não tinham condições de visitar seus familiares.

Acima, temos uma fotografia cedida por um dos ex-alunos que mostra um desses passeios, onde é possível ver os meninos em trajes de banho e suas expressões alegres, mas também percebemos pela fotografia, que os passeios permitiam o contato com pessoas externas, pois vemos na foto um homem na jangada, com roupa simples e chapéu que certamente não era um dos padres, mas, possivelmente, um pescador da região.

¹²² Cícero Agostinho Vieira. Entrevista concedida à autora em 19/03/2014.

Não sei se generalizo meus sentimentos, mas afirmo que os passeios eram grandes momentos no internato. Quando programados, eram esperados com ansiedade. A gente ficava contando os dias, horas e minutos, ficava olhando o tempo, pedindo que o sol nascesse bem glorioso.¹²³

Mas, o próprio terreno que abrigava o Seminário compreendia um sítio grande, onde havia árvores frutíferas, como bananeiras, jaqueiras, laranjeiras, jabuticabeiras... Que eram alvos de pequenos “furtos” pela garotada, às escondidas para os padres não verem. Era uma diversão à parte, hoje motivo de gargalhadas, quando dos encontros de ex-alunos, ou mesmo ao ler os relatos dos colegas que publicaram suas memórias dos tempos colegiais em Ipuarana.

Tudo se encontrava com certa fartura e nas horas certas. Mesmo assim, não faltavam as aventuras, expedições arriscadas e incursões perigosas no exuberante sítio à procura de jacas, laranjas, mangas e até da exótica jabuticaba; isto é, os piratas eram apenas vegetarianos, mas piratas!¹²⁴

Percebemos nos depoimentos dos ex-alunos que, apesar da rígida disciplina a que eram submetidos num regime de internato, por alguns, comparado a de um quartel militar, não faltavam possibilidades de diversão, legítimas ou não, aos olhos dos dirigentes do Seminário.

A gente adorava chegar dia de sábado. Sabe por quê? Porque dia de sábado era dia de visita. O pessoal de fora vinha visitar a comunidade. A gente tinha que limpar tudo, porque no sábado à tarde, tinha jogo, depois vinha gente visitar e também tinha missa. A gente ia mesmo só pra olhar as meninas, pronto.¹²⁵

A declaração do senhor Ademar refere-se ao período em que o Colégio já tinha um maior contato com o povo (final da década de 60 e início da de 70), e revela que as visitas eram atrativas, principalmente, pela presença feminina.

3.5 Mente sã, corpo são: sobre os esportes em Ipuarana

Em meio aos estudos rigorosos, um componente curricular, em especial, figurava como espaço de lazer, apesar de obrigatório: a prática dos esportes. Todas às tardes, havia um espaço de tempo destinado aos esportes. No Seminário, desenvolviam-se atividades esportivas

¹²³ BONFIM, Frei Juvenal Vieira. “*Tempo ditoso, adeus*: 1. Os passeios em Ipuarana”. In: ALBUQUERQUE, João Batista de; MORAES, José Clotário Dantas (coordenadores) **IPUARANA:70 ANOS**, Recife: Editora Nossa Livraria, 2009. p.119.

¹²⁴ ALBUQUERQUE, João Batista. **Minhas Memórias de Ipuarana**. Garanhuns: Tyoflan, 2000.p.36.

¹²⁵ José Mário Lima de Holanda. Entrevista concedida à autora 19/04/2014.

do futebol, voleibol e até ginástica olímpica, que era praticada nas barras paralelas e barra transversal.

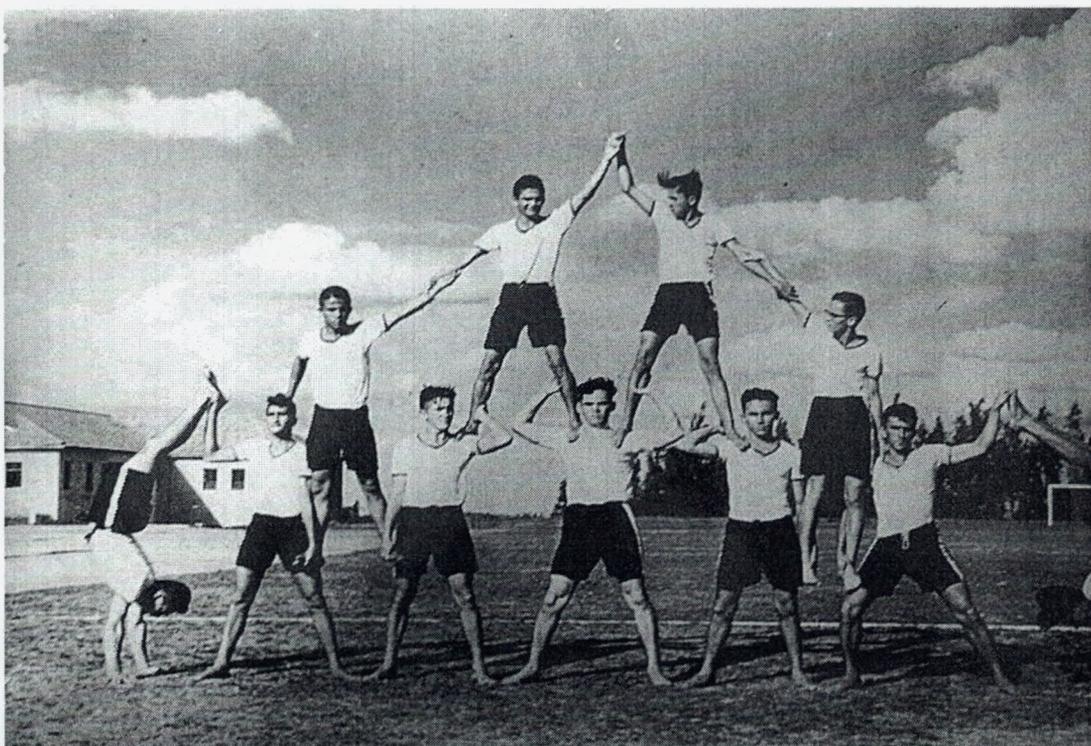


Figura 12- Exibição de ginástica dos alunos de Ipuarana
Fonte: Acervo da Biblioteca de Ipuarana

Nos primeiros anos, a ginástica olímpica era ensinada por Frei Vital Boklage, que, além de professor de Latim, Grego, Francês Matemática, Física e Química era o mestre da ginástica. Segundo informa Carlos Almeida Pereira, Frei Vital era portador do mais alto diploma em ginástica, conferido pelas autoridades do III Reich. De 1954 a 1956, Frei Benvenuto dirigiu as aulas de ginástica e de música

Demonstrações de ginástica eram as grandes atrações nas paradas do 7 Setembro, que aliás, era um dos grandes eventos realizados pelos alunos e professores do Colégio Seráfico. O feriado do Dia da Pátria era celebrado e comemorado em Ipuarana com toda pompa e cerimônia, tal qual os colégios oficiais da época. Em *Minhas Memórias de Ipuarana*, João Batista de Albuquerque aponta o 7 de Setembro como um dos quatro dias mais importantes do calendário festivo do Seminário, em que até mesmo as refeições eram especiais:

Mas em quatro datas do ano o *menu* tomava aspecto diferente, super apetitoso, quase refinado para os padrões franciscanos: era o domingo de Páscoa, o 13 de junho (Santo Antonio), o 7 de Setembro(Dia da Pátria) e o 4 de Outubro (São Francisco)¹²⁶

¹²⁶ ALBUQUERQUE, João Batista. **Minhas Memórias de Ipuarana**. Garanhuns: Tyoflan, 2000. P.36.

Vemos, portanto, que o 7 de Setembro era a única data não religiosa entre as quatro citadas, de onde podemos inferir que o sentimento patriótico fazia parte dos princípios prezados pelo Colégio.

Apesar dos destaques dados à ginástica, o esporte mais praticado no Seminário de Ipuarana era o futebol. O terreno do Seminário dispõe de um campo de terra que era bastante disputado nos horários destinados à prática de esportes e, nos finais de semana, se transformava em palco para as partidas oficiais entre as equipes que se organizavam internamente, geralmente, de acordo com os Estados de origem de cada um. O estado do Ceará sempre teve o maior número de alunos no Seminário, por isso esse era o time mais tradicional. Em geral, a disputa se dava entre Ceará versus “mistura” ou “resto”, ou seja, contra os alunos provenientes de outros Estados. Também eram formadas as seleções dos grandes, médios e pequenos, com os melhores jogadores de cada faixa etária. Segundo João Batista Albuquerque, no período de 1948 a 1952, temporada em que o mesmo esteve em Ipuarana, a seleção dos grandes tornou-se imbatível, tendo recebido, vez ou outra, times oficiais de Campina Grande, sem perder uma única vez. Também José Mário destacou a interação que havia entre os alunos de Ipuarana com as equipes da região: “Tinha muito esporte, jogava futebol, a gente ia jogar em Campina. A gente jogou até contra o Campinense, a seleção daqui, era forte ia jogar fora, a gente saía daqui.”¹²⁷

¹²⁷ José Mário de Lima Holanda. Entrevista concedida à autora em 19/04/2014.

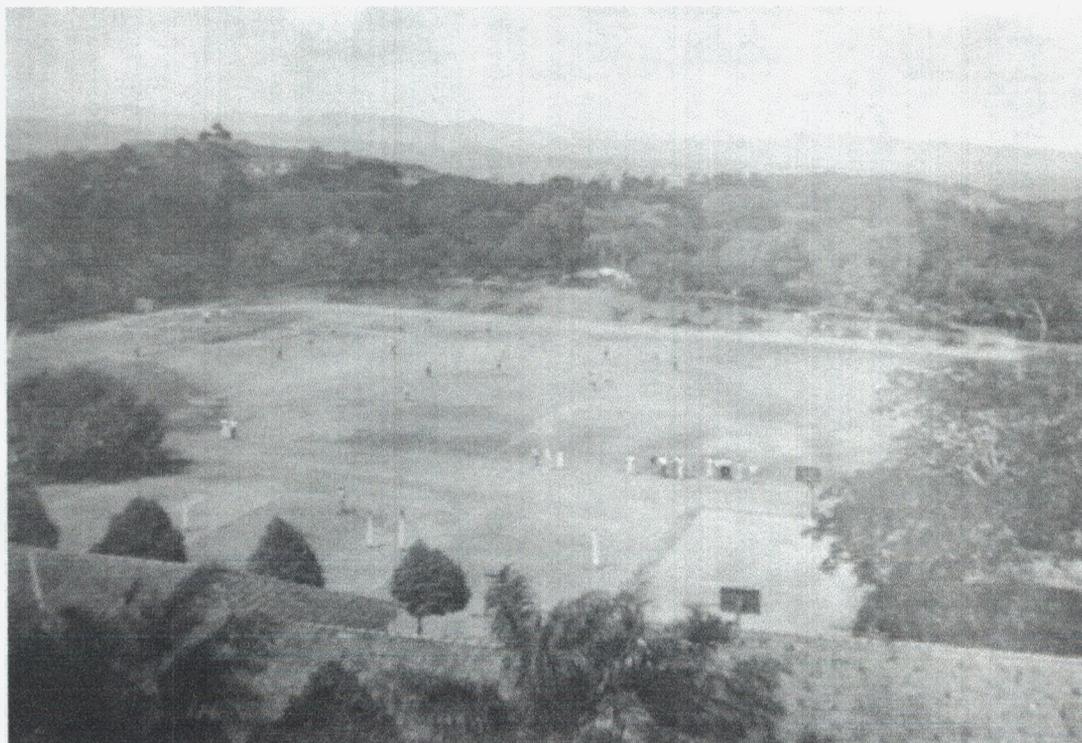


Figura 13- Vista aérea do campo de futebol de Ipuarana.
Fonte: Acervo pessoal de Tarciso Fernandes Ximenes

A prática de esportes num ambiente escolar é remetida a objetivos como a saúde, a moral e o valor educativo. Quando a educação física começou a ser implantada nas escolas brasileiras, também tinha ótica higienista voltada aos cuidados com o corpo. No Seminário de Ipuarana prevalecia a idéia de que uma formação intelectual e moral não poderia ser adquirida dissociada de uma preocupação do estado físico do corpo. Já foi dito aqui que, para ser aceito no Seminário, era preciso apresentar atestado de saúde física e mental, bem como não possuir nenhuma deficiência física.



Figura 14- Um dos times de futebol da década de 50.
Fonte: acervo da biblioteca do Convento Ipuarana.

Na fotografia acima podemos observar o padrão dos meninos usando uma faixa transversal, possivelmente vermelha, podendo indicar uma homenagem ao time do Vasco da gama- RJ, e que apenas o goleiro não apresenta a faixa na roupa. As palhas de coqueiro, provavelmente, estavam servindo para demarcar o campo.

3.6 Os anos 60 e o Concílio Vaticano II

A década de 50 e primeiros anos da de 60 são tidos como os anos áureos de Ipuarana. No ano de 1955, pela primeira vez o número de alunos ultrapassa 200, criando dificuldades de professores e espaço. Para resolver o problema do espaço, foi preciso fazer divisão de classes e utilizar um dos dormitórios, ainda não acabados, como classes. A questão dos professores, não era nova, pois já em 1952, o cronista de Ipuarana escrevia que a maioria dos professores era sobrecarregada de aulas, e que um Irmão Marista¹²⁸, Irmão Norberto, estava dando aulas de Matemática e Português no Seminário.

¹²⁸ A congregação dos irmãos Maristas tinha uma Casa num terreno do lado oposto da estrada (hoje rodovia BR 104) de frente ao Seminário Franciscano.

Quadro 1 - Número de alunos em Ipuarana

Ano	Total	Novos	Veteranos	Concluintes	Continuaram no ano seguinte
1942	57	27	30	—	51 = 89,5%
1943	89	38	51	3	70 = 81,2%
1944	101	31	70	3	69 = 70,4%
1945	113	44	69	5	82 = 75,9%
1946	107	25	82	5	85 = 83,3%
1947	117	32	85	5	87 = 77,8%
1948	111	24	87	3	98 = 90,8 %
1949	126	28	98	10	103 = 88,8%
1950	132	29	103	6	99 = 78,8%
1951	147	48	99	13	87 = 64,9 %
1952	135	48	87	7	101 = 79,0%
1953	153	52	101	5	111 = 76,0%
1954	162	51	111	6	138 = 88,5%
1955	211	73	138	9	124 = 61,4%
1956	186	62	124	7	112 = 62,5%
1957	192	80	12	2	146 = 76,9%
1958	212	66	146	8	154 = 75,5%
1959	213	59	154	10	153 = 75,2%
1960	243	90	153	7	155 = 65,8%
1961	222	67	155	8	141 = 65,9%
1962	196	55	141	6	137 = 72,0%
1963	203	66	137	10	150 = 77,9%
1964	211	61	150	20	114 = 59,8%
1965	177	63	114	13	86 = 52,3%
1966	134	48	86	7	62 = 48,8%
1967	111	49	62	—	76 = 68,5%
1968	127	51	76	—	75 = 59,0%
1969	105	30	75	—	56 = 53,4%
1970	89	33	56	—	43 = 48,3%
1971	64	21	43	—	6 = 9,4%

Fonte: Separata da Revista Santo Antônio. Nº 2. Julho de 1972.

Analisando o quadro acima correspondente ao número de alunos novos, veteranos e concluintes do Colégio Seráfico de Santo Antônio - Ipuarana de 1942 a 1971 vemos que, do início do funcionamento, até o final da década de 50 a tendência era o crescimento no número de alunos, até atingir o número máximo de 243 alunos em 1960. A partir do ano de 1964, o número de alunos decresce.

A última coluna do quadro apresenta para cada ano o número de alunos que regressam no ano seguinte, sendo este um indicativo da situação interna do Colégio mais expressiva que o total de alunos por ano, pois a entrada de uma grande quantidade de alunos não quer dizer

que todos concluirão o curso. É possível inferir que se a maioria dos alunos continua no ano seguinte é porque o Colégio está sendo “eficiente”, mas se um número pequeno volta, como em 1966, quando menos de 50% continuam é porque o Colégio não estaria funcionando bem. No entanto, atribuir o retorno ou não dos alunos somente à “eficiência” ou “ineficiência” do Colégio, seria fazer um julgamento parcial dos fatos. Pois, como já foi dito neste capítulo, era comum alunos não voltarem das férias por dificuldades na família ou mesmo serem dispensados pela direção. Em *30 anos de Colégio Seráfico em Ipuarana*, texto publicado em separata da Revista Santo Antônio, no ano de 1972 (ano de fechamento do Colégio), Frei Carlos Almeida, apresenta gráficos, hipóteses e explicações acerca das variações nos números do quadro acima, numa reflexão em torno dos acontecimentos que culminaram no fechamento do Colégio Seráfico.

De acordo com as hipóteses apresentadas por Frei Carlos Almeida, as baixas no número de alunos nos anos 1956 e 1957, logo após ter atingido número superior a 200 em 1955 poderia estar relacionada à rigorosa seleção feita pelo Frei Adriano Hypólito, diretor dos estudos, visando “devolver ao Colégio o seu caráter de seminário”. Já o alto percentual dos que continuaram no ano seguinte de 1963(77,9%) é atribuído à orientação mais aberta; predomínio de padres jovens no professorado, que assumem maior participação na formação e um professorado mais homogêneo.

No ano de 1957, o Registro Escolar dá conta de uma baixa 42 alunos deixando o Seminário durante os dois semestres daquele ano letivo, dos quais apenas 6 eram das classes superiores. A justificativa apresentada: certo descuido ou falta de perspicácia dos responsáveis logo nos primeiros anos do Seminário, segundo redator, Frei Adriano Hypólito, “deixaram de fazer a seleção sadia que se tem de fazer necessariamente para preservar as verdadeiras vocações”.¹²⁹

A década de 60 iniciou-se com a maior quantidade de alunos já atingida, e também o professor Cícero Agostinho atribui essa grande demanda do início dos anos 60 à orientação mais aberta que o Seminário passa a seguir.

É nessa década aí (década de 60) foi o auge, porque começou a desenvolver. Primeiro, que nessa época, nem toda cidade tinha ginásio ainda. Depois, eles viram que o estudo lá era ótimo. E se desenvolveu muito com a abertura da Igreja, por causa do Concílio Vaticano II.. Houve também esse lado de amenizar um pouco aquela rigurosidade; então isso abriu também para o pessoal procurar o

¹²⁹ Registro Escolar do Seminário de Ipuarana 1952-1963.p .55.

Colégio. Ficou mais atraente, porque tinha essa abertura de intercâmbio, mais contato com a comunidade de fora do Colégio.¹³⁰

Verifica-se, no entanto, a partir de 1964, um decréscimo dos números. De fato, a essa época a Igreja, de um modo geral, passou por uma crise de vocação em que começaram a fechar muitos Seminários no Nordeste e em todo o Brasil. Tal crise refletia os efeitos do Concílio Vaticano II, realizado em 1962, por convocação do Papa João XXIII. O Concílio Vaticano II modificou as normas da Instituição Católica como, por exemplo, a missa passa a ser proferida na língua oficial de cada país e não apenas no Latim; o Ministro passa a celebrar a missa voltado para os fiéis e não para o altar, como era até então, aproximando assim, o clero do povo.

Naquele tempo o padre não se virava para o povo como hoje, era tudo em latim, celebrava tudo em latim, não celebrava como hoje virado para o povo... o povo daquele tempo não tinha o direito de pegar numa bíblia pra fazer uma leitura, tudo era o padre que fazia¹³¹

As transformações na Igreja Católica promovidas no Concílio Vaticano II, por sua vez, se inseriam num contexto de grandes movimentos e manifestações que aconteciam em todo o mundo e que conferiram à década de 60 o título de “anos rebeldes”. Desse contexto, podemos citar a revolução jovem, com os hippies, os Beatles e a liberação sexual, o movimento feminista, e manifestações sócio culturais e políticas que repercutiram nas mentes dos jovens, e não tinha como a Igreja fechar-se diante de todos esses movimentos, era preciso também ela adaptar-se aos novos tempos.

Com o Vaticano II. Então veio a mudança e a Igreja se tornou mais aberta, a missa que era o padre de costa ficou pra frente, você num alcançou não, mas o padre ficava de costa pra o povo, o latim foi abolido como língua para celebrar, agora é vernáculo quer dizer na nossa língua, é que o padre vai celebrar a missa, que era pro povo entender o que é que ele tava dizendo. Antes era o latim, o povo simples que assistia a missa não sabia o que é que ele tava dizendo. Então isso mudou muito depois do Vaticano II, e o próprio seminário foi se esvaziando no sentido que não tinha mais, o modo de ir procurar seminaristas mudou, não tinha mais. Agora é de uma forma diferente, agora os seminaristas entram no seminário muito mais idosos já sabendo o que é. Que antes eram adolescentes que vinham aqui com dez anos, doze.¹³²

No Brasil, podemos destacar o Regime Militar que fora marcado pela dissolução da Democracia e por um forte sistema de repressão. A recepção brasileira do Concílio Vaticano II e da Crise dos Padres que se expandia pela Europa e passava a ter uma proporção mundial chegara aqui em fins da década de 1960. Uma das características mais visíveis no Clero durante esse momento foi o abandono do uso da batina. Tradicionalmente o Sacerdote usava o

¹³⁰ Cícero Agostinho Vieira. Entrevista concedida à autora em 19/03/2014.

¹³¹ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

¹³² Tarciso Fernandes Ximenes. Entrevista concedida à autora em 19/04/2014.

hábito cotidianamente. Como mecanismo de aproximação do povo, o hábito fora substituído por trajes comuns, sendo o uso da batina requerido apenas durante o rito religioso.

Enquanto era realizado o Concílio em Roma, em Ipuarana reunia-se um mini-concílio com o objetivo de adequar o seminário aos novos tempos. Em Ipuarana, as inovações significaram uma maior abertura do Seminário ao contato com a sociedade, com o povo. De modo que, enquanto antes, os seminaristas viviam quase completamente reclusos ao ambiente do Seminário, proibidos até de falar com funcionários – principalmente com as irmãs que tomavam conta da cozinha e da lavanderia, por se tratar do sexo oposto – com a abertura, os alunos começaram a sair do Seminário para auxiliar os padres nas atividades pastorais junto a população como o catecismo, por exemplo. Mas também professores leigos, ou seja, não ordenados, foram contratados para ensinar no Colégio, inclusive professoras. De acordo com o professor Cícero Agostinho, a contratação de mulheres se inseria num esforço de valorização da mulher e de abrir os horizontes de visão dos alunos. Mas, segundo Cícero Agostinho, esta abertura não foi vista da mesma forma por todos que compunham o Colégio: “Para os alunos foi uma abertura espetacular, agora, os padres mais antigos estranharam, não gostaram muito dessa abertura”. E explica:

Era para ter agora uma visão mais ampla, pra não ter aquela visão da mulher, “que nem um satanás vestida de saia”. Para poder ver que o aluno não estava ali só pra tentação de sair dali pra ver a mulher não, tinha a presença feminina que lembrava da sua mãe, da sua irmã.¹³³

Ao mesmo tempo em que a década de 60 havia aumentado o número de alunos havia diminuído o de professores, de modo que a contratação de professores leigos ocorreu não apenas na intenção de dinamizar o pessoal, mas também pela necessidade de suprir a falta de professores padres, pois, ao longo dos anos, grande parte dos professores de Ipuarana foi sendo removida para outros postos, seja para lecionar em Bardel¹³⁴, tornar-se Mestre dos Clérigos ou Coordenador Vocacional. Por essa época, já não era tão difícil encontrar boas escolas e todas as Escolas Apostólicas da Província já haviam sido extintas, de modo que começavam a secar as fontes de donde vinham, tradicionalmente, os candidatos a franciscanos.

Com o transcorrer dos anos 60, com a abertura da igreja, a revolução nas comunicações, a facilidade de estudar também no interior, a crise na imagem do padre, muitos

¹³³ Cícero Agostinho Vieira. Entrevista concedida à autora em 19/03/2014.

¹³⁴ Após o término da Segunda Guerra Mundial o Colégio Seráfico de Bardel, na Alemanha, foi reaberto, e a maioria dos frades professores retornaram para o seu país.

jovens foram deixando o Seminário, e também muitos padres, foram casando e foi diminuindo a comunidade de Ipuarana, de modo que começou a se discutir se valia a pena ou não continuar com o Colégio funcionando. No Definitório reunido em 3 de dezembro de 1971, foi tomada a decisão de fechá-lo, já que não estava atendendo ao seu objetivo maior, que era formar sacerdotes para a ordem franciscana.

Os alunos que ainda estavam em Ipuarana foram questionados se realmente queriam seguir ou não na Ordem franciscana. Os que quisessem continuar seriam enviados a outras Casas da província, e os que não pretendessem seguir a vida religiosa, seriam dispensados.

O entrevistado, José Mário, fazia parte de uma das turmas que havia em Ipuarana quando o Colégio foi fechado, e como não quis seguir a vida religiosa, foi estudar em colégio estadual de Campina Grande. E lamenta o fato de o colégio ter fechado: “se não tivesse fechado, eu teria continuado. Até quando eu não sei, mas queria continuar, terminar meus estudos, depois...”

Quando eu saí daqui, perguntaram se eu queria continuar no convento, eu digo não, aí fui estudar em Campina Grande. No Zé Pinheiro. Colégio Estadual do Zé Pinheiro. Aí terminei o terceiro ano lá, fui pra João Pessoa, fiz vestibular pra lá, passei de primeira. Porque tava pra fechar, aí você escolhia se quisesse continuar aqui estudava fora, mas como eu não quis continuar aqui, não tinha vocação, aí eu preferi ficar lá [em Campina Grande].¹³⁵

Depois de fechado o Colégio, outras possibilidades foram cogitadas para manter o colégio ativo, a serviço não só da ordem franciscana, mas da sociedade de um modo geral. Visando manter o contato com a juventude, Ipuarana foi transformado em Centro Vocacional abrigando encontros de reflexão para jovens, encontros pastorais, atividades culturais e promoções diversas. O Museu do índio e, principalmente o Laboratório de Física proporcionaram um freqüente contato com a juventude estudantil da região num primeiro momento, após o fechamento. O fato é que o caminho de Ipuarana rumou para destinos diferentes do que foi inicialmente traçado para ele. Atualmente, o Convento Ipuarana tornou-se um lugar de visita para turistas e devotos e uma casa de retiros espirituais, o prédio sedia uma variedade de eventos religiosos e não religiosos, sendo muito requisitado para conferências, palestras, formações, festas de casamento etc. A questão vocacional ainda está presente, mas de uma forma mínima se comparada a de outrora: abrigando jovens que estão passando por uma etapa de formação da vida franciscana, o noviciado.

¹³⁵ José Mário de Lima Holanda. Entrevista concedida à autora em 19/04/2014

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo, constatamos a importância do Colégio para a cidade de Lagoa Seca e a sua influência na formação cultural da sociedade lagoasequense em formação, principalmente do ponto de vista religioso. A presença dos franciscanos repercutiu de várias formas na vida da população de Lagoa Seca, para além da intensificação das práticas religiosas, com a atuação dos frades, pelo incentivo à educação pública com o esforço dos frades para a fundação da primeira escola, mas também pela própria presença da instituição do Colégio Seráfico nesta localidade que trouxe elementos tidos como modernos e atraiu outros grupos religiosos, como os Maristas que também fundaram uma Casa bem próxima à dos franciscanos. A vinda desses religiosos trouxe novidade e atividade para o pequeno distrito, que enquanto a comunidade franciscana desenvolvia sua atividade interna na formação de religiosos para a Província, ascendeu à condição de cidade, através da emancipação política que a separou de Campina Grande.

Embora fundado por frades franciscanos alemães, a comunidade de Lagoa Seca abraçou o Convento, a ponto de se unir em defesa dos religiosos alemães ali estabelecidos quando grupos de pessoas quiseram perseguí-los durante os conflitos da Segunda Guerra Mundial. Mostramos que, nos primeiros anos de funcionamento, os alunos não tinham tanto contato com a população local, mas após a abertura proporcionada pelo Concílio Vaticano II, passaram a participar da vida social do lugar, atuando, principalmente nos centros de catequese, e servindo de referência em termos artísticos e esportivos para a região..

Além da influência cultural que exerceu para a cidade de Lagoa Seca, a grande relevância do Colégio de Ipuarana se verificou no âmbito educacional, atuando durante 30 anos na formação de profissionais que hoje atuam nos mais diversos ramos profissionais pelo Brasil afora. Embora seu objetivo e a razão de sua existência fossem a formação de sacerdotes para a Ordem franciscana, o Colégio de Ipuarana formou bem mais pessoas para o mundo do trabalho que para a vida sacerdotal.

Dos 1476 alunos que se matricularam em Ipuarana, 184 concluíram o currículo do Seminário. Desses, apenas 39 tornaram-se sacerdotes em atividade na Ordem Franciscana. Apesar dos baixos índices, não cabe aqui fazer julgamento se o Colégio seráfico de Santo Antônio- Ipuarana atingiu ou não seus objetivos, mas considerar as contribuições que esse Seminário apresentou para além do fornecimento de sacerdotes para a província Franciscana. Contribuições do ponto de vista cultural para a sociedade em que estava inserida, como já foi

discutido no segundo capítulo deste trabalho, seu papel no processo de formação da cidade de lagoa Seca foi significativo. Contribuições do ponto de vista educacional para a grande quantidade de jovens que passaram pelo Colégio e seguiram seus estudos fora da ordem, tornando-se profissionais dos mais variados domínios. Jovens esses, que, provavelmente, não teriam outra oportunidade de estudar, se não tivessem ingressado no Seminário, tendo em vista a falta de colégios públicos à época, principalmente, nas pequenas cidades e povoados interioranos de onde provinha a maioria.

Sim, trouxe muita coisa boa. Olha trouxe o estudo, em primeiro lugar, o estudo, na minha opinião, que saiu muitas pessoas dali formada, não se ordenaram padres que a vocação não dava, mas chegou ao ponto de se formarem; muita gente foi beneficiada através de trabalho, tinha muitos trabalhadores.¹³⁶

Adquirindo grande relevância no âmbito educacional durante os 30 anos em que funcionou, o Colégio de Ipuarana tornou-se referência de uma formação intelectual de qualidade no interior da Paraíba, que, lamentavelmente, não continuou operando. É de se questionar o por que a Província franciscana não manteve o colégio de Ipuarana e o transformou numa escola particular. Poderia ter continuado sendo uma instituição de orientação cristã mas não estritamente vocacional.

Atualmente, o Convento Ipuarana sedia uma variedade de eventos religiosos e não religiosos, sendo muito requisitado para conferências, palestras, formações, festas de casamento etc. A questão vocacional ainda está presente, mas de uma forma mínima se comparada a de outrora. Abriga em sua estrutura, jovens que estão passando por uma etapa de formação da vida franciscana, o noviciado. Os tempos de Colégio Seráfico, porém, são rememorados e celebrados, quando dos encontros promovidos por grupos de ex alunos que se esforçam por não deixar que o curso do tempo apague o que eles chamam de o “espírito de Ipuarana”.

Isso aqui tem vida, não é só um espaço. Se isso aqui se destruir, o concreto, essa casa, **Ipuarana não se destrói porque está na alma da gente**. Então é isso Ipuarana. (grifos meus)¹³⁷

A afirmação do senhor Ademar, ao final da entrevista concedida, reforça o caráter da memória coletiva no reavivar a realidade vivida no passado e afirmar a identidade construída

¹³⁶ Noel Alves Monteiro. Entrevista concedida à autora em 14/01/2014.

¹³⁷ Ademar Cavalcante Gomes. Entrevista concedida à autora em 19/04/2014.

no presente. A prática historiográfica, por sua vez, toma a memória como fonte e objeto de análise no esforço de compreensão do passado vivido.

As razões porque o colégio não foi mantido, ou mesmo porque não reaberto depois com uma nova direção, não puderam ser apresentadas neste estudo, mas coube aqui apontar a significância de Ipuarana durante o período em que esteve ativo como seminário. Desta feita, destacou-se, seu legado histórico para sociedade de Lagoa Seca, de modo que, hoje, além das memórias a seu respeito, o Convento Ipuarana, como prédio histórico, constitui um fator representativo da identidade do lugar, presente nas memórias dos moradores mais antigos que vivenciaram o período de funcionamento do Colégio, mas também nas dos jovens que o tem como referência simbólica do lugar onde vivem. Para ambos, bem como para quem apenas passa por Lagoa Seca, é um marco visual da cidade, cuja história esteve intrinsecamente ligada ao Convento.

Estas nossas considerações encerram o presente trabalho, mas por sua própria natureza, não esgotam o assunto tratado. Pelo contrário, esperamos que sirva de estímulo para que outros posam abordá-lo, com maior profundidade e abrangência.

REFERÊNCIAS

Fontes orais

ANACLETO, João da Rocha. Entrevista concedida á autora em 10/06/2014. Lagoa Seca.

ANACLETO, Pedro da Rocha. Entrevista concedida à autora em 24/01/2014. Lagoa Seca.

ANDRADE, Genival Cavalcante de. Entrevista concedida á autora em 19/04/2014. Lagoa Seca.

GOMES, Ademar Cavalcante. Entrevista concedida á autora em 19/04/2014. Lagoa Seca.

FREI ANÉSIO. Entrevista concedida á autora em 28/10/2013 e em 23/01/2014. Lagoa Seca.

HOLANDA, José Mário Lima de. Entrevista concedida á autora em 19/04/2014. Lagoa Seca.

MONTEIRO, Noel Alves. Entrevista concedida á autora em 20/11/2013 e em 14/01/2014. Lagoa Seca

VIEIRA, Cícero Agostinho. Entrevista concedida á autora em 19/03/2014. Campina Grande.

XIMENES, Tarciso Fernandes. Entrevista concedida á autora em 19/04/2014. Lagoa Seca.

Fontes escritas

ALBUQUERQUE, João Batista de. **Minhas Memórias de Ipuarana-** Garanhuns: Tyoflan, 2000

ALBUQUERQUE, João Batista de; MORAES, José Clotário Dantas (coordenadores) **IPUARANA:70 ANOS**, Recife: Editora Nossa Livraria , 2009.

CRÔNICA DO CONVENTO DE IPUARANA 1940-1975.

PEREIRA, Carlos Almeida. **IPUARANA 2000:** Refazendo uma caminhada. Belém –Pa: 1999

REGISTRO ESCOLAR 1952-1963 Do Seminário de Ipuarana.

SANTO ANTONIO. Revista da Província Franciscana de Santo Antonio do Brasil. Recife-PE : Provincialado Franciscano Ano 30. Julho de 1972. Nº 2.

SANTO ANTONIO. Revista da Província Franciscana de Santo Antonio do Brasil. Recife-PE: Provincialado Franciscano Ano 51. Janeiro de 1973. Nº 90.

SANTO ANTONIO. Revista da Província Franciscana de Santo Antonio do Brasil. Recife-PE: Provincialado Franciscano Ano 51. Abril de 1973. Nº 91.

SANTO ANTONIO. Revista da Província Franciscana de Santo Antonio do Brasil. Recife-PE : Provincialado Franciscano Ano 58. Dezembro de 1980. Nº 98.

SANTO ANTONIO. Revista da Província Franciscana de Santo Antonio do Brasil. Recife-PE: Provincialado Franciscano. Ano 59. Dezembro de 1981. Nº 99.

SANTO ANTONIO. Revista da Província Franciscana de Santo Antonio do Brasil. Recife-PE: Provincialado Franciscano. Ano 68. 1ª tiragem 1990. Nº 110

25 ANOS depois. Edição comemorativa das Bodas de prata do Seminário Franciscano de Ipuarana (1940-1965) Provincialado Franciscano - Recife, Pernambuco:1965

Bibliografia

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*, 3 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV , 2005.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e história*. 2. Ed. Petrópolis- RJ: Vozes, 2012.

BECKER , Jean-Jacques *O handicap do a posteriori*. In: **Usos e abusos da história oral**. Organizadoras: Marieta de Moraes Ferreira e Janáina Amado. Editora Fundação Getúlio Vargas. 8ª edição,2006. P.28

BELLO, José Luiz de Paiva. *Educação no Brasil: a História das rupturas*. **Pedagogia em Foco**, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em:
<<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb14.pdf>>. Acesso em: 29/06/2014.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Tradução de Alda Porto. 3ª edição; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BRASIL. **Decreto-lei n. 4.244 - de 9 de abril de 1942**(Lei orgânica do ensino secundário). Disponível em:
<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto-lei%204.244-1942%20reforma%20capanema-ensino%20secund%20E1rio.htm> acesso em 23/07/2014 às 21:00

BRASIL. **Lei 1821/53 | Lei no 1.821, de 12 de Março de 1953**. Disponível em:
<<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128789/lei-1821-53>> acesso em 01/08/2014.

CARNEIRO, Júlio César Alves. **Trajétória e cotidiano dos franciscanos na história do Brasil: em seus capítulos na capitania da Paraíba e rainha da Borborema**. Monografia (licenciatura em História) – UEPB. Campina Grande, 2011.

CARVALHAL, Juliana Pinto. **Maurice Halbwachs e a questão da Memória**. Revista Espaço Acadêmico, nº56, janeiro/2006. Disponível em:
<<http://www.espacoacademico.com.br/056/56carvalhal.htm> >acesso em 10/05/2014.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução Cristina Antunes. 2ª edição- Belo Horizonte: Autêntica editora, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão...[et al.] 3ª edição. Campinas – SP: Editora UNICAMP, 1994.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro. *Fotografias: Usos sociais e historiográficos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. 1. Ed. São Paulo. Contexto. 2011.

SANTOS, Elizângela Jerônimo dos. **De Vila a Cidade: memória histórica de Lagoa Seca- PB (de 1929 a 1064)**. Monografia(especialização em História do Brasil) – UEPB. Campina Grande, 2005.

SANTOS, Elizângela Jerônimo dos. **TARIMBA: Aspectos Históricos e Culturais de Lagoa Seca (1929-969)-Bauru, SP:Canal6, 2007.**

SILVA, Vivia de Melo. **O ensino secundário brasileiro, um olhar à Campina Grande-PB na primeira metade do sec. XX**. In: XXI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. UFPE. 10 a 13 de novembro de 2013. Disponível em: http://www.epenn2013.com.br/EPENN_DISCO/Comunicacoes/GT02-Hist%C3%B3ria-da-Educa%C3%A7%C3%A3o/GT02_O_ENSINO_SECUNDARIO.pdf. Acesso em 30 de julho de 2014.

ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: **Usos e abusos da história oral**. Organizadoras: Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado. Editora Fundação Getúlio Vargas. 8ª edição, 2006